

Coleção Metamorfose Acadêmica

**HISTÓRIA DA ACADEMIA
RIO-GRANDENSE DE LETRAS (1901 – 2016)
E PARTHENON LITTERARIO (1868-1885)**

José Carlos Rolhano Laitano



metamorfose

Conselho Editorial da Coleção Metamorfose Acadêmica

Dr. Alexander Goulart (Rede Marista), Dra. Elisangela Lasta (UFRGS), Dr. Ítalo Ogliari (ULBRA), Ms. Lucas de Melo Bonez (Uniasselvi), Ms. Marcelo Corrêa (IPA), Dr. Marcelo Spalding (UniRitter), Dra. Márcia Ivana de Lima e Silva (UFRGS), Dra. Mariceia Benetti (UniRitter), Ms. Tércio Saccol (PUCRS).

Diagramação | Marcelo Spalding

Capa | Marcelo Spalding sobre *Escola de Atenas*, de Rafael

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

L189h Laitano, José Carlos Rolhano
História da Academia Rio-Grandense de Letras (1901-2016)
e Parthenon Litterario (1868-1885) / José Carlos Rolhano
Laitano. - Porto Alegre: Metamorfose, 2016. (Coleção
Metamorfose Acadêmica)

182 p. ; 15,5X22,5cm. – ISBN: 978-85-68175-64-4

1. Literatura Brasileira – História 1. Literatura
Gaúcha – História I. Título.

CDD B869.09

Bibliotecária Alexandra Naymayer Corso – CRB10/1099

Todos os direitos desta edição reservados à Editora Metamorfose

www.editorametamorfose.com.br

SUMÁRIO

Apresentação	07
Apresentação do autor	11
1. PARTHENON LITTERARIO	
A moldura do quadro	15
O Parthenon Litterario – início e fim	20
A presença da mulher	39
A sede	46
O canto do cisne	50
2. ACADEMIA RIO-GRANDENSE DE LETRAS	
Um pouco de história	63
A mulher na academia	69
Surge a Academia Rio-Grandense	75
3. ACADEMIA DE LETRAS DO RIO GRANDE DO SUL	84
4. INSTITUTO RIO-GRANDENSE DE LETRAS	122
5. FUSÃO (1944): ACADEMIA SUL-RIOGRANDESE DE LETRAS	130
6. DE NOVO ACADEMIA RIO-GRANDENSE DE LETRAS	142
Sede	160
Data de fundação	167
Dois nomes	176
Anexos	181

REVISTA MENSAL

DA

SOCIEDADE

PARTHENON LITTERARIO.

1.º ANNO. AGOSTO DE 1869. N.º 6.

Non far tregua coi vili, il santo vero
Mai non tradir, ne proferir mai verbo
Che plauda al vizio, o la virtù derida.
Manzoni.



PORTO ALEGRE.

Typ. DO JORNAL DO COMMERCIO A' RUA DOS ANDRADAS N. 223 E 225.

1869.

Revista Mensal da Sociedade Parthenon Litterario, 1869

NOTAS DO AUTOR

Nas citações, preservei a grafia original dos textos publicados.

Quanto aos nomes, em geral eles constam simplificados, nas obras pesquisadas, como nomes literários. Neste trabalho, ao menos na primeira oportunidade em que refiro alguém, mesmo nas citações, anoto a grafia completa, sempre que possível, como resgate histórico.

Esta obra visa contribuir para a sistematização do conhecimento a respeito da Academia Rio-Grandense de Letras, desde o seu início, em 1901, perpassando a Academia de Letras do RS, o Instituto Rio-Grandense de Letras, a Academia Sul-Rio-Grandense de Letras, e, antes, incluindo o Parthenon Litterario; portanto, desde antes de 1868.

Pretende este estudo, também, preservar documentos localizados na Academia e outros mais publicados em jornais, livros e revistas acadêmicas encontradas em bibliotecas e arquivos públicos. Para tanto, faço constar, em meu site, cópias desses documentos, os principais.

APRESENTAÇÃO

Um trabalho necessário

Márcia Ivana de Lima e Silva

Iniciada por um moço, aceita e completada por moços, a Academia nasce com a alma nova e naturalmente ambiciosa. O vosso desejo é conservar, no meio da federação política, a unidade literária. Tal obra exige não só a compreensão pública, mas ainda e principalmente a vossa constância. A Academia Francesa, pela qual esta se modelou, sobrevive aos acontecimentos de toda a casta, às escolas literárias e às transformações civis. A vossa há de querer ter as mesmas feições de estabilidade e progresso.

Machado de Assis¹

A tarefa de construir uma história é hoje bastante árdua, pois o pesquisador tem consciência da particularidade e da complexidade de seu trabalho. Há que se rastrear um sem número de informações, além de se lidar com as noções contemporâneas de História, vista num *continuum*, o que equivale à possibilidade de eterna revisão, e de discurso histórico, que revela o posicionamento do próprio historiador, impregnado este de presente e de passado. Jeanne Marie Gagnebin, ao prefaciá-la obra de Walter Benjamin, afirma:

Se relemos as teses “Sobre o conceito de história” à luz destas poucas observações, poderemos observar quanto o método do historiador “materialista”, de acordo com Benjamin, deve à estética proustiana. A mesma preocupação de salvar o passado no presente graças à percepção de uma semelhança que os transforma os dois: transforma o passado porque este assume uma forma nova, que poderia ter desaparecido no esquecimento; transforma o presente porque este se revela como sendo a realização possível dessa promessa anterior,

1 Fragmento do discurso de Machado de Assis para a sessão de abertura da Academia Brasileira de Letras, em 20.jul.1897.

que poderia ter-se perdido para sempre, que ainda pode se perder se não a descobrirmos, inscrita nas linhas do atual.”²

Sendo assim, a promessa de uma história que dê conta da totalidade e que seja neutra já não é mais possível, até porque, “A história é objeto de uma construção cujo lugar não é o tempo homogêneo e vazio, mas um tempo saturado de ‘agoras’³, como pondera Benjamin. Nesse sentido, é tarefa de todo historiador, hoje, olhar a seu redor e perceber que procedimentos metodológicos existem, capazes de auxiliar no trabalho de reconstituição e/ou mapeamento das obras literárias precedentes e contemporâneas, de modo a pensar um quadro minimamente referencial. Para José Luís Jobim,

Cada época tem seu quadro de referência para identificar a literatura, tem suas *normas estéticas*, a partir das quais efetua julgamentos. Em outras palavras, cada época tem suas convenções, valores, visões do mundo, formando um certo universo, cujos elementos interdependentes mantêm entre si relações associativas e funcionais, em constante processo.⁴

É nesta perspectiva que José Carlos Rolhano Laitano nos brinda com a História da Academia Rio-Grandense de Letras (1901 – 2016) e Parthenon Litterario (1868-1885), fruto de excelente pesquisa tanto na documentação da Academia quanto na bibliografia de apoio, bem como no estabelecimento da contextualização histórica dos eventos literários.

A história da Academia confunde-se um pouco com a história do Rio Grande do Sul, principalmente com sua história intelectual, na medida em que a publicação de grandes obras literárias coincide com momentos históricos relevantes. Como nosso estado não tem tradição filosófica (tampouco encontrada no Brasil), os escritores e

2 GAGNEBIN, Jeanne Marie. “Walter Benjamin ou a história aberta”. In: BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*. 5.ed. Trad. Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1993. (Obras Escolhidas, 1) p.16.

3 BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*. 5.ed. Trad. Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1993. (Obras Escolhidas, 1) p.229.

4 JOBIM, José Luis. “História da Literatura”. In: JOBIM, José Luis (org). *Palavras da crítica: Tendências e Conceitos no Estudo da Literatura*. Rio de Janeiro: Imago, 1992. p.129.

intelectuais gaúchos acabam por cumprir o papel de pensadores da realidade brasileira através de suas produções literárias. Ciente desta característica, Laitano preocupa-se em apresentar o panorama dos principais acontecimentos no mundo, contextualizando, assim, os passos dados pelos autores e por nossas instituições.

O percurso histórico abrangente nos dá a dimensão da atuação da Academia e do Parthenon, que foram criados com propósitos bastante altivos e críticos, mas revelaram, ao longo do tempo, uma atuação tímida e pouco contestatória. Como observa o próprio Laitano,

A razão maior de existir de uma Academia de Letras – e o que a diferencia de grêmios literários e associações de escritores – é exercer a curadoria da língua nacional, dos dialetos regionais, das alterações gramaticais, do pensar a cultura como fenômeno de um povo, e o faz ao par dos organismos governamentais, a eles oferecendo suporte teórico. Também o cuidar das obras de seus membros, no ramo da literatura, da história, da filosofia; mas não só e nem principalmente. E esse papel pouco foi cumprido pelas academias. Não por carência de estudiosos nessas matérias, mas por falta de direcionamento como entidade. A Academia de Letras do RGS não foi diferente.

O mesmo Benjamin esclarece que intelectual é “um tipo definido por suas opiniões, convicções e disposições”⁵, cabendo ao escritor a tarefa de tornar-se um intelectual em seu tempo. Os grandes escritores são, antes de tudo, intelectuais nesta acepção do termo: tipos com convicções, que se dispõem a defender suas opiniões. Nesse sentido, exercem uma função em sociedade não apenas em termos literários, como também na dimensão de seu empenho intelectual.

Na sequência do fragmento citado na epígrafe, Machado de Assis declara

Já o batismo das suas cadeiras com os nomes preclaros e saudosos da ficção, da lírica, da crítica e da eloquência nacionais é indício de que a tradição é o seu primeiro voto. Cabe-vos fazer com que ele perdure. Passai aos vossos sucessores o pensamento e a vontade iniciais, para que eles

5 BENJAMIN, Walter. “O autor como produtor”. In: _____. Obras escolhidas I. 5.ed. São Paulo: Brasiliense, 1993. p.127.

os transmitam também aos seus, e a vossa obra seja contada entre as sólidas e brilhantes páginas da nossa vida brasileira.⁶

Este livro é, ao mesmo tempo, um elogio à tradição e ao legado dos escritores gaúchos, como quer Machado, e um resgate da noção de intelectual, proposta por Benjamin. Quer ser, igualmente, um impulso para que a Academia torne-se mais participativa das questões intelectuais de nosso estado. Laitano cumpre com maestria um trabalho que se fazia necessário, brindando-nos com uma História que é não apenas da Academia e do Parthenon, mas é de todos nós.

*Prof. Dra. Márcia Ivana de Lima e Silva é
professora do Instituto de Letras da Universidade
Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)*

⁶ Fragmento do discurso de Machado de Assis para a sessão de abertura da Academia Brasileira de Letras, em 20.jul.1897. In: MACHADO DE ASSIS. Obra completa. Vol. III. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1994. p.926.

APRESENTAÇÃO DO AUTOR

Academia de Letras

O que é, o que deve ser?

Por vezes é mais prático começar um debate pela negação: o que não deve ser uma Academia de Letras.

Não deve ser palco para egos inchados ou prêmio, no ocaso da vida, para reconhecimento como personalidade intelectual, pois o que permanece não é a pessoa, mas a sua obra, se for densa e universal.

Não deve a Academia confundir-se com grêmio literário ou associação de escritores. Estas agremiações, importantes no cenário cultural, todavia essencialmente corporativas, promovem lançamentos de livros, conagraçamentos, divisão de esforços para o aproveitamento coletivo de eventos, como feira de livros, ou divulgação de suas obras, especialmente as coletâneas. Para ingresso nessa comunidade de escritores, basta a publicação de texto – antes, no formato de livro; hoje, em qualquer mídia, mesmo a particular, como o blog – o que, em absoluto, é demérito.

A Academia de Letras é, sobretudo, institucional. Visa o estudo e o aprimoramento da língua nacional; o exame ou reexame da história do seu povo; o registro da linguagem regional.

A Academia cultua a memória dos seus escritores, nacionais e estrangeiros, suas vidas e obras, revivendo-os perante as novas gerações.

Sobretudo, o papel da Academia é muito próximo, senão inserido, no agir do Estado, na gestão cultural e educacional dos governos, discutindo seus conceitos. Sábio o governante que conclama seus acadêmicos para essa tarefa superior.

Do acadêmico exige-se o estudo e a produção de textos ensaísticos com elevado nível de aprofundamento dos temas, além da produ-

ção da sua própria obra literária.

Portanto, na presente visão pragmática e concisa do tema proposto no título, não cabe, no seio acadêmico, intelectuais sem o perfil necessário para a enorme tarefa do Sodalício. É importante a sua obra literária, mas não suficiente.

A Academia de Letras realiza seu mister institucional, como antes posto, sem detrimento de realizações como seminários, simpósios, congressos ou cursos, propiciando a presença de grandes pensadores, artistas e ativistas culturais.

Em todo o universo acadêmico, em qualquer país, é natural a alternância de momentos de grandiosos feitos e fases de profundo ostracismo, e tais períodos de dormência resultam do envelhecimento dos seus membros imortais, eis que vitalícios; eventualmente em razão de dissensões internas motivadas pela disputa de poder ou dificuldade em conviver com os contrários.

Mas também é fato histórico – e o relato das academias rio-grandenses assim indicam – que sempre surge o paladino da cultura que faz renascer o espírito de aventura da Arte, como um Olímpio Olintho de Oliveira, Olinto Sanmartin, João Cezar de Castro ou Dante de Laytano.

É a fase que vivenciamos, hoje, no Rio Grande do Sul, desde os anos 80, com o esforço de Dante de Laytano, que permaneceu oito anos liderando o nosso mundo acadêmico com seu lastro cultural-político-social; e seus sucessores, que mantêm a Academia Rio-Grandense de Letras em pleno funcionamento, embora ainda comedida, preocupada com suas estruturas internas, em recobrar o reconhecimento público que lhe é devido.

A Academia Rio-Grandense de Letras conta, cada vez mais, com nomes dotados de luminosidade própria, e ensaia um passo adiante. Aglutinando as academias municipais e regionais no Estado, cada qual com suas singularidades; difundindo a ideia dos verdadeiros objetivos acadêmicos; irmanando-se aos Órgãos governamentais no fazer cultural.

Como declarou, faz algum tempo, o professor Fritz Teixeira Sales, um dos organizadores da Universidade de Brasília: “uma academia é definida como instituição que tem por objetivo mais imediato reunir uma elite intelectual que seja expressão e sustentáculo cultural de um dado momento histórico”.

E, mais adiante: “as academias são, frequentemente, acusadas de serem instituições fossilizadas, estagnadas e inoperantes. Quando ocorre terem fundamento essas denúncias, a culpa cabe, sem dúvida, aos próprios acadêmicos. Afinal, poucos têm, como eles, tanta autoridade intelectual e social para fazer algo de objetivo para nossas letras”.

1

**PARTHENON
LITTERARIO**

A MOLDURA DO QUADRO

Nos anos e meses que antecederam a criação do Parthenon Litterario muitos eventos sucederam-se no mundo, o que inclui o Brasil e, mais de perto, o Rio Grande do Sul.

Desde o aparecimento do homem europeu, o Rio Grande sentiu o roçar das espadas e o espocar dos tiros porque o Estado foi alvo da

geopolítica expansionista da Metrópole, desde 1730 o rei português concedeu sesmarias a quem se mostrasse ter condições de ocupá-las com criação. Assim, ao defender sua propriedade nas disputas fronteiriças, o estancieiro assegurava a posse do latifúndio e a ampliação do reino português.¹

Nesse ambiente de beligerância, dois movimentos militares sobressaíram antes da criação do Parthenon Litterario: a denominada Revolução Farrroupilha e a Guerra do Paraguai. Entre uma e outra, o espaço de parcos vinte anos. A dos Farrapos, terminou em 1845.

Em 1847, José Antonio do Valle Caldre Fião lançou o primeiro romance, *A Divina Pastora*, no Rio de Janeiro. Em 1851, publicou *O Corsário*. Em 1862, surgiu, de José de Alencar, *Lucíola* e *As Minas de Prata*.

Num período histórico de grande agitação, Alfred Nobel patenteou a dinamite; Karl Marx publicou o primeiro volume de *O Capital*, na cidade de Hamburgo; nasceram Nilo Peçanha (depois Presidente do Brasil) e Marie Curie, mais tarde famosa pelas descobertas no campo da radioatividade e dos elementos químicos Rádio e Polônio.

Ainda: faleceram Charles Baudelaire e David Canabarro; nasceram Luigi Pirandello e Arturo Toscanini; aconteceu a primeira apresentação da ópera *Don Carlo*, de Giuseppe Verdi; Eça de Queiroz começou

1 Hübner Flores, Hilda. Mulheres na Guerra dos Farrapos, Martins Livreiro Editora, p. 9. Ocupa a Cadeira nº 20 da Academia Rio-Grandense de Letras.

a trabalhar como advogado; Júlio Diniz publicou a primeira edição de *As Pupilas do Senhor Reitor*; Machado de Assis foi nomeado diretor do Diário Oficial; ocorreu a primeira operação militar aérea brasileira (com uso de balão) na Guerra do Paraguai. Isso em 1867.

No ano seguinte, quando intensificaram-se as tratativas para o início do Parthenon Litterario, José Carlos do Patrocínio e Antonio Frederico de Castro Alves mudaram-se para o Rio de Janeiro, onde o poeta recitou, pela primeira vez, o *Navio Negreiro*, no Ginásio Literário; Thomas Edison começou a trabalhar na Western Union, em Boston, EUA; o bando de Jesse James assaltou um banco, em Russellville, Kentucky; Ulisses Grant foi eleito Presidente dos Estados Unidos, pelo Partido Republicano; nasceu o padre João Baptista Reus, na Alemanha; Rui Barbosa de Oliveira proferiu seu primeiro discurso político, após mudar-se para São Paulo; morreu, em Paris, Gioacchino Rossini; Luis Alves de Lima e Silva, o Duque de Caxias, iniciou a marcha rumo a Assunção, no Paraguai.

A situação política, no Brasil, era tormentosa. O Império de Dom Pedro II começava a ruir, o que se tornaria realidade vinte e um anos mais tarde, e isso em razão de três causas fundamentais: a questão religiosa, a militar e a abolição.

A questão religiosa: os maçons apoiaram a Unificação Italiana, contrariando os interesses terrenos do Vaticano, e o Papa determinou a excomunhão dos maçons em todo o mundo. Dom Pedro II e a maioria dos seus ministros pertenciam à confraria e a ordem papal não foi cumprida, porque o Imperador gozava do direito constitucional do *Beneplácito*; isto é, embora a Igreja fizesse parte do Estado, o governante podia recusar as ordens eclesiásticas. Todavia, os bispos de Recife e Olinda divergiram e o excomungaram e, por isso, foram condenados a trabalhos forçados. A partir daí a Igreja retirou seu apoio ao Império.

Na questão militar, o Exército, a partir da Guerra do Paraguai, passou a exigir valorização da corporação, o que não foi atendido pelo governo; Dom Pedro II, no momento político favorável, foi destituído pelo golpe militar liderado pelo Marechal Deodoro da Fonseca que, assim, fez prevalecer os interesses da corporação armada.

Finalmente, a questão abolicionista. No Brasil, a Abolição não ocorreu como nos Estados Unidos; aqui foi gradual. Em 1850 ficou

proibido o tráfico negreiro; em 1871 surgiu a Lei do Ventre Livre; em 1885, a Lei do Sexagenário e, finalmente, em 1888, a Lei Áurea.

O conflito militar iniciado por Solano Lopez, interessado em expandir o território paraguaio, segundo a versão oficial, trouxe para o Rio Grande do Sul, na fronteira oeste, milhares de soldados bem treinados e só foram vencidos face à união de forças do Brasil, Argentina e Uruguai, a Tríplice Aliança. Essa guerra, que antecedeu o Parthenon Litterario em quatro anos, só findou em 1870, quando a *Revista Mensal do Parthenon* estava sendo editada.

A vida cultural rio-grandense, que sempre fora empobrecida, seguiu a sorte dos cafés famosos deixados à solidão, no dizer de Athos Damasceno Vieira, que acrescentou: “nas vilas vagavam moribundos e escravos em fuga”.²

Guilhermino César da Silva³ dividiu a literatura rio-grandense em períodos. O primeiro, das origens até 1834, ano da publicação de Poesias, de Delfina Benigna da Cunha. O segundo período, de 1834 a 1856, ano em que surgiu a revista O Guayba, ao redor da qual reuniram-se escritores como Félix Xavier da Cunha. E, no que interessa a este texto, o terceiro período, de 1856 a 1869, quando surgiu o Parthenon Litterario e a sua revista.

Nas palavras de Guilhermino César, foi a partir do grupo Guayba que a literatura rio-grandense começou a definir a sua forma e os escritores passaram a atuar em conjunto, unindo seus sonhos e ideologias.

Um grupo de jovens fervilhava pela capital em busca de novos horizontes e dentre eles despontava Apollinario José Gomes Porto Alegre, que encontrou em José Antonio do Valle Caldre Fião, o apoio necessário. Caldre Fião possuía experiência, cultura e fama; era médico, político, escritor, residiu no Rio de Janeiro, e retornou.

Como escrito por Aline Woloski:

Não se pode, contudo, dizer que o Partenon Literário foi a única tentativa de organizar uma associação, uma vez que, um ano antes, foi erguido o Grêmio Literário Rio-Grandense, fundador do periódico A Arcádia.⁴

2 Vieira, Athos Damasceno. *Sociedades Literárias em Porto Alegre no Século XIX*, Porto Alegre, UFRGS, 1962, p. 54-56.

3 César, Guilhermino. *História da Literatura do RGS*, Editora Globo, 1956. p. 18 e 19.

4 Woloski, Aline Rullian Germann. *A Academia Rio-grandense de Letras: gênese e trajetória de um sistema literário*, Programa de Pós-graduação em Letras, PUC-RS, 2013.

Mauro Póvoas indicou os antecedentes do Parthenon:

Antes do Partenon não existia um conjunto de produtores literários conscientes de seu papel, nem tampouco havia um conjunto de receptores, formando diferentes tipos de público – faltava a constituição efetiva de um sistema literário. Sendo assim, o que acontecia eram manifestações esparsas que não se davam em decorrência de uma rede de relações, mas do esforço pessoal de algum abnegado ou da sorte do escritor em vir a ser subvencionado pelo poder público.⁵

Conforme Regina Zilberman:

Se as manifestações ocorridas nos anos 30 do século XIX marcam o surgimento da literatura sulina, seu desenvolvimento dá-se lentamente, devendo-se esse vagar às circunstâncias mais primitivas do meio. As cidades eram pequenas, e reduzidos os instrumentos de difusão, somando-se a isto a dependência às diretrizes poéticas oriundas do Rio de Janeiro. A solução encontrada pelos intelectuais foi uma espécie de aliança sob a égide de um jornal literário. Fundaram-se vários periódicos com a finalidade de abrigar os escritores; o primeiro deles, O Guayba, aparecido em 1856, teve vida curta.⁶

Athos Damasceno Vieira acrescenta:

O primeiro periódico literário lançado em Porto Alegre – foi também o primeiro do Rio Grande do Sul – data de 3 de agosto de 1856 e denominou-se O Guayba. Imprimia-se nas oficinas da Tipografia Brasileiro-Alemã, na Rua Nova, 48.⁷

Nessa época, segundo Guilhermino César,

os poetas que surgiram por aqui eram todos eles individualistas fechados, sensíveis ao extremo, dando vazão às lágrimas e ao desencanto sem nenhum respeito humano e, ademais, indiferentes às condições de raça ou de nacionalidade. E foram, contudo, os que mais fielmente traduziram a voz íntima da alma brasileira, langorosa e terna, que iria vibrar

5 Póvoas, Mauro Nicola. Uma história da literatura: periódicos, memória e sistema literário no RGS no Século XIX, Tese de doutorado em Letras, PUC-RS, 2005, apud Aline Woloski.

6 Zilberman, Regina. A Literatura no RGS, Mercado Aberto, 1992, p.12 e13.

7 Vieira, Athos Damasceno. A Imprensa Literária de Porto Alegre no Século XIX. UFRGS, 1975, p. 13-45.

nos versos de Casimiro de Abreu. Note-se que, ao aparecer essa geração rio-grandense, o próprio Casimiro apenas começara a poetar.⁸

Extinto *O Guayba*, surge, em fins de 1860, o semanário *Album de Domingo* que, para Athos Damasceno Vieira, “conquanto o periódico não chegasse a ombrear inteiramente com *O Guayba*, é de reconhecer-se que não ficou muito aquém desse semanário”.

Depois da efêmera existência do *Album de Domingo*, Porto Alegre conheceu *O Diógenes*, que significou não muito mais que um teste de público para o futuro *Jornal do Commercio*. *O Diógenes* obteve êxito durante cinquenta edições.

Depois dele surgiram *O Ypiranga*, que pouco representou para a literatura; *Atualidade*, ao longo dos quinze números, reuniu nomes expressivos, dentre eles Apollinario José Gomes Porto Alegre, como sabemos um dos mentores do Parthenon Litterario, um ano mais tarde.

O Relâmpago passou a existir ao mesmo tempo que a *Revista Mensal do Parthenon*, mas, na avaliação de Athos Damasceno Vieira, foi “semanário de pequeno porte e da mesma categoria d’*O Ypiranga* [...], sem direção declarada, limitando-se a dar curso a romances de cordel e versos vulgares, assinados ora com pseudônimos, ora com simples iniciais, é folha mencionável apenas como dado numérico”.

E, finalmente, a *Revista Mensal do Parthenon Litterario*.

Mas, antes, o nascimento da sociedade que

constituída no momento em que as novas ideias republicanas invadiam as terras sulinas e os gaúchos estavam empenhados nas movimentações da Guerra do Paraguai, a Sociedade Parthenon Literário poderia passar à história como mais um desses fracassados empreendimentos. Fundada em Porto Alegre, em 18 de junho de 1868, com o propósito de organizar a vida literária no Rio Grande, a entidade, contudo, cumpria esse objetivo e assumiria uma posição de destaque, tornando-se o marco fundamental da literatura e da cultura regionais.⁹

8 César, Guilhermino. Obra citada, p. 153

9 Moreira, Maria Eunice (Org.). Prefácio: Narrando a história, in *Narradores do Parthenon Literário*, IEL, 2002, p. 9 e 11.

O PARHENON LITTERARIO

início e fim

Por que Parthenon? Este é o nome do templo erguido no século V a.C., na capital grega, em homenagem à deusa Atena, a mando de Péricles e pelas mãos do arquiteto Fídias. Atena foi concebida pela união de Zeus e Métis. Conta a lenda que, quando a mulher engravidou, Zeus amedrontou-se com o fato que o filho pudesse nascer poderoso e lhe tomasse o trono. Propôs uma brincadeira à Métis: que cada um se transformasse num animal, e ela, ingênua, assumiu a forma de mosca. Então Zeus a engoliu, mas a mosca foi parar em seu cérebro. Com o passar dos anos, sentindo muita dor de cabeça, Zeus ordenou que lhe desferissem uma machadada, foi quando Atena pulou para fora do corpo do pai, já adulta, vestida com armadura, elmo, escudo e lança. Zeus continuou no trono e Atena tornou-se a deusa da sabedoria, amante da beleza e da perfeição.

Em reuniões preparatórias, os fundadores discutiram os objetivos da sociedade e sua estrutura formal, sendo nomeada diretoria transitória: Vasco de Araújo e Silva (presidente); Antônio Ferreira Neves e Aurelio Verissimo de Bittencourt (secretários); José Antonio do Valle Caldre Fião, José Bernardino dos Santos, Manuel Pereira da Silva Ubatuba e Hilario Ribeiro de Andrade e Silva (estatutos).

Os dois nomes fundamentais para a criação do Parthenon Litterario foram Apollinario José Gomes Porto Alegre e José Antonio do Valle Caldre Fião. Apollinario, o líder incontestado; Caldre Fião, apoiador e avalista da ideia.

Consta que, ao todo, o Parthenon Litterario somou 138 sócios.

Destaco alguns: José Antonio do Valle Caldre Fião, Apollinario José Gomes Porto Alegre, Achylles José Gomes Porto Alegre, Apelles José Gomes Porto Alegre, Hilário Ribeiro de Andrade e Silva, José Theodoro de Souza Lobo, Júlio Prates de Castilhos, Francisco Lobo

da Costa, Luciana de Abreu, Múcio Scevola Teixeira, Amalia dos Passos Figueroa, Eudoro Brasileiro Berlinck, Aurelio Verissimo de Bittencourt. Ainda, Manoel Pereira da Silva Ubatuba, Pedro Soledade e Ramiro de Araujo.

Achylles Porto Alegre¹ ofertou seu testemunho pessoal:

Apezar da guerra do Paraguay nos haver levado a flor da nossa mocidade, ainda assim conseguiu-se formar um grupo de homens de letras.

Antes dessa ephoca, um ou outro escriptor, no isolamento do seu gabinete, sem permuta de idéas, se entregava á cultura das letras.

Caminhavam os nossos intellectuaes sem rumo, sem destino certo, distanciados uns dos outros, como se atravessassem um immenso deserto, contando apenas com o seu valor proprio.

[...]

Eram bem poucos, é certo, mas cada um delles deu, pelo menos, um bom exemplo de coragem. Esses foram os pioneiros que desbravaram o terreno, onde mais tarde se devia erigir um templo inteiramente consagrado ás letras.

Entre elles se encontram João Vespucio de Abreu e Silva, Pedro Antonio de Miranda, Eudoro Brasileiro Berlick, Bibiano Francisco de Almeida, Zeferino Vieira Rodrigues Filho, Frederico Ernesto Estrella Villeroy, Bernardo Taveira Junior e Ignacio de Vasconcellos Ferreira, para não falarmos nos homens de imprensa, da estatura moral de Félix Xavier da Cunha, Felippe B. de Oliveira Nery, José Candido Gomes e Carl Julius Christian Adalbert Heinrich Fernand von Koseritz;

E, si a imprensa tinba essa refulgencia, a tribuna parlamentar resplandecia também com os vultos de João Jacintho de Mendonça, Amaro da Silveira e Gaspar da Silveira Martins [...].

Nesse tempo, Manuel José de Araujo Porto Alegre, antes do 'Colombo', em outro meio mais culto, já havia conquistado reputação invejável como pintor e poeta; e Carlos Augusto Ferreira atirara a um canto da officina o buril de ourives para cantar bellas estrophes repassadas de um lyrismo encantador.

1 Porto Alegre, Achylles. Revista da Academia de Letras do RGS, nº 1, 136, p. 13-16.

Em torno, então, de Apollinario Porto Alegre, reuniu-se um grupo de sonhadores, que iam escutar-o como um oraculo.

Em sua residencia á rua Nova, hoje General Andrade Neves, esquina com a travessa Itapirú, realizaram-se as sessões preparatorias para fundação do Parthenon.

Dessa roda de intellectuaes faziam parte tambem: Affonso Luiz Marques, Hilario Ribeiro de Andrade e Silva, Francisco Antunes Ferreira da Luz, Aurelio Verissimo de Bittencourt, Antonio Ferreira Neves, Vasco de Araujo e Silva, José Bernardino dos Santos, Juvenio Augusto de Menezes Paredes, Francisco de Sá Brito (e o autor do texto aqui reproduzido, Achylles Porto Alegre).

A inauguração do Parthenon effectuou-se no mesmo sitio em que está a capella de São José, á rua de Bragança. Nessa ephoca o edificio pertencia á sociedade musical Firmesa e Esperança, constituída de empregados do commercio e de funcionarios publicos.

O mentor, fiador social, cultural e intelectual do novo grupo, o médico José Antonio do Valle Caldre Fião, teceu a CHRONICA, em 1873, a respeito da primeira fase do Parthenon²:

Termina a directoria do Parthenon este anno, deixando após si um rastro luminoso, que importa nada menos que a fundação do edificio para as suas sessões, o qual se acha já em começo. A commissão procura estudar os meios para prosseguir com proveito a obra. (N.A.: Ele refere a construção da sede, em terreno por ele doado, no atual bairro Partenon, sendo que a construção não foi além da pedra fundamental).

A Revista tem regularmente sido publicada e pôde dizer-se que os seus dignos directores tem ido além da expectativa, n'um paiz em que as publicações litterarias lutão sempre com muitas dificuldades.

A galeria dos retratos dos homens illustres da provincia tem sido enriquecida com vultos condignos da consideração da patria. Fôra justo que o bafejo popular não a abandonasse, tanto mais quando ella vai prosseguir seus trabalhos, dando no mez de Janeiro o retrato

² Caldre Fião, José Antonio do Valle. Revista do Parthenon nº 12, ano 2, dezembro de 1873, p. 552-554.

de um dos mais illustres rio-grandenses nas artes e nas letras, o Sr. Manuel de Araujo Porto Alegre.

A instrucção publica entre nós vai começando a ser estudada com proveito e em breve, é provavel, que esse ramo de administração deixe de ser uma sinecura de partidarios, para tornar-se um sacerdocio digno, confiado ás mais importantes intelligencias da provincia. Falla-se em estabelecer conferencias e o Parthenon tem sido feliz n'este commettimento liberal e progressista, pois tem exhibido seus talentos e dotes oratorios, alguns parthenonistas com muita vantagem, apresentando-se ultimamente na tribuna uma mulber, que sorprehendeu realmente o auditorio; falla-se em aulas nocturnas que podem trazer ás classes menos favorecidas d'entre nós, os proveitos que têm colhido outros povos; e ultimamente já tem corrido no espirito publico a ideia de educar os escravos de um e outro sexo, que vão entrando para o seio da população livre.

A ideia das aulas municipaes que póde estar na mente dos povos que os governão pelas instituições municipaes ou dos comicios (communa) não tem razão de ser entre nós, onde o pacto fundamental do imperio dá ao Estado a obrigação de fornecer gratuitamente a instrucção ao povo. É por isso que nos pronunciamos desde logo contra um pensamento anti-liberal, que arranca ao governo obrigações, deixando-lhe o direito em toda a sua [...] da natureza dos governos afastar de si a responsabilidade, apoderando-se de todo o arbitrio a ideia das aulas municipaes conduziria o nosso governo a este desideratum tão almejado. Nós pensamos que a communa só deve tomar a responsabilidade em materia d'esta ordem, quando a administração dos povos fôr sua.

Um grande acontecimento, sobretudo para as glorias do Parthenon, veio agitar a cidade e commover os corações entusiastas das distinctas senhoras que compõem a sociedade d'ella.

D. Luciana de Abreu, joven professora publica do 3º districto, que ainda hontem era uma menina que frequentava a escola regea e que quasi desvalida lutava por esclarecer o seu espirito, atravessando a escola normal com muita distincção, subio á tribuna para tratar da necessidade da educação das mãis de familia. Foi um dia de verdadeiro triumpho para a preleccionista, e o Parthenon ouvindo a voz sympathica de uma mulher no mesmo lugar em que as intelligencias mais esclarecidas da associação se disputão as glorias do

futuro, estremeceu de entusiasmo, que repercutio em toda a cidade, produzindo no seio das familias um fremido de admiração, que vai traduzir-se no proximo sarao por uma ovação á feliz oradora.

Nós acompanhamos esse justo entusiasmo, e, adeptos das ideias da oradora, desejamos que a instrução superior seja effectivamente dada ao sexo amavel, onde estão as nossas mãis, irmãs e esposas, e que a sociedade em que vivemos seja digna do adiantamento moral, que elle nos promette. [...]

Apollinario José Gomes Porto Alegre escreveu, sob o título *Programma*, a sua visão sobre a agremiação da qual foi o seu fundador³:

O dia 18 de Junho de 1868 marcou uma grande época.

Ergueu-se um monumento.

Os alicerces forão lançados sob os auspícios de horrenda tempestade. Parecia que terra e céos conspiravão contra uma idéa em sua sublime realisação.

Havia tudo a vencer, tudo a crear sem o sorriso lisonjeiro da esperança, sem as cambiantes de amena aurora, sem uma palavra de animação!

Os alvaneis do Parthenon erão apóstolos d'uma crença, como o forão Cephás e Paulo; a uns e outros assistiu a mesma energia moral.

O culto ás letras constitue tambem uma religião e, como toda a religião, não deixa de ter: um colissão de martyrio, uma corôa de espinho e uma apothéose sobre a lápida que revestil-o.

O dia 18 de Junho abriu o cyclo litterario na provincia, que até então, não podéra reunir um nucleo, onde a luz civilisadora se concentrasse sobre o verdadeiro, o bem e o bello.

É verdade que o pacto fundamental de nossos direitos realisára duas magesticas manifestações da liberdade e do pensamento: a imprensa e as camaras; porém, perguntamos: essas duas formulas satisfazem as aspirações do espirito?

Não.

São realmente arenas para o desenvolvimento de

³ Porto Alegre, Apollinario José Gomes. Revista Mensal da Sociedade Parthenon Litterario, março 1869, ano I, nº 1.

intellectualidades; mas restrictas, mas de angusto ambito para os anhelitos de um povo que pensa e é livre.

O rosto popular abrange limitado numero de individuos, accrescendo que as questões ventiladas não podem affastar-se de certa e determinada esphera, como: os melhoramentos locais, a lucta e embate de idéas politicas, e em geral a jurisprudencia em suas varias irradiações.

No perimetro da imprensa quaesquer pensamentos podem ser exhibidos; porém, inda perguntamos: nossa imprensa satisfaz essas condições?

Não.

Exuberantes causas impendem-n'a. Primo, empresas d'essa ordem luctão com o indifferentismo e o elevado custeio que requerem; secundo, quando não frizão-se aos interesses do commercio e industria, é quasi certo morrerem em embrião, motivo por que quasi todas são mercantis, excluindo mil outros modos da vida intellectual.

Além d'isso a receita mal cobrindo o dispendio, como podem consentir gratuitamente trabalhos litterarios e scientificos?

Por tanto nem os prelos, nem os comicios provinciaes não preenchendo em toda a latitude os fins de sua criação, não podendo realizal-os na estreiteza das orbitas actuaes, não sendo mesmo de sua alçada a multiplicidade de conhecimentos, é certo que havia necessidade imperiosa d'uma nova instituição.

Esta, graças á boa vontade de alguns obreiros que medem a grandeza da obra pela extensão do sacrificio, veio felizmente a lumes.

É o Parthenon Litterario.

Referir como elle nasceu, foi e é — é formar uma cadeia com a serie de acontecimentos e peripecias por que tem passado, com as pphases luctuosas de sua existencia e dizer-se:

Se há élos que recordão glorias, comprarão-n'as supernas, constantes luctas contra o scepticismo social, que ameaçava abater a cupola do monumental edificio.

O Parthenon creou uma tribuna, para a pugna oratoria. Uma bibliotheca, onde reunirá as obras mais importantes relativas á grandiosa trindade de seus estudos: philosophia, historia e litteratura; aulas nocturnas para os socios que quizerem dedicar-se sem difficuldades ao grangeio da sciencia; e afinal uma revista tão

necessária, como as outras criações.

Porque creou a última?

Na antiguidade o vóo e exhibição de ideias não tinha, como nos tempos modernos, limites emquanto ao local.

Aristoteles ensinava passeiando nas galerias do Lycéo, Zeno entre os fustes do Pecilio, Platão á sombra dos plátanos e oliveiras á margem do Cephiso, Socrates não desmerecia indo discutir com Aspazia em companhia de seus discipulos. As praças, ruas, porticos, alamedas e gymnasios servião de tribuna, de escola e de academias.

Hoje o invento de Guttemberg e Faust veio supprir esta falta.

Assim o comprbeendeu o Parthenon, creando a revista mensal, que, vehiculo poderoso, irá ao longe levar os fructos de seus talentos e labutações.

Creando-a, porém, exara em seu frontispicio a celebre divisa de Rousseau:

“Vitam impendere vero”⁴.

Levitas sinceros d’um culto não podem ter outra legenda.

As auras beneficicas da patria a protejão.

Deus lhe dispense terno amor, como á vestal que guarda eterna sua capella de laranja.

A geração, que encontramos ao transpor os umbraes da existencia, tenha para a planta do nosso amor ao menos um sorriso que a vivifique, um vislumbre de animação, que, como o orvalho das noites, lhe innocule seiva e vigor, dando-lhe beleza e graça, fazendo a produzir flores balsamicas e fructos doirados.

A semente está lançada nos camalhões da litteratura.

Deem-lhe cuidados, e em breve, gemmando a folhagem ao sol do favoneio publico, ha de ressarcil-o cabal e latamente.

Se algum espirito sceptico então surgir, com Hamleto, lançando-lhe um rizo de sarcasmo, um olhar de duvida, temos por unica resposta ao arúspice de infortunio, só duas palavras de S. Agostinho: “Tolle, lege”.

Erga-se e leia.

São as primicias da mocidade rio-grandense, que, arcando em extrema lucta contra a indifferença geral, tem odio para o passado, coragem para o presente e esperança para o futuro.

4 Consagrar a vida à verdade.

Na mesma oportunidade, José Antonio do Valle Caldre Fião, presidente honorário, na sessão magna de 19 de junho de 1869, proferiu este discurso:

Celébra hoje o Parthenon o seu anniversario, vai fechar no tempo o seu primeiro luminoso cyclo, prenuncio de uma aurora feliz, que precederá o seu dia de triumpho.

Brilhante pleiade de uma mocidade, que justifica as pretensões que tivemos, que terá também, aqui reunida diz bem alto que a invicta cidade, que a leal e valorosa princesa que voluptuosamente se recosta por sobre as coxilhas e mira-se garbosa nas aguas argenteas e plácidas do possante e futuroso Guabyba, é o ninho das grandes, das elevadas idéas.

Em seus primeiros ensaios, ainda por entre as sombras da duvida, o Parthenon traçou um marco que importa um grande pensamento. Elle instituiu as aulas nocturnas, em que a instrução vai ser dada aos poucos favorecidos da fortuna, aos que, tendo de dar ao trabalho as horas do affanoso dia, desejão sacrificar utilmente o seu descanso ao devido cultivo de sua intelligencia.

Sempre feliz na escolha de suas theses, o Parthenon occupa-se ora da questão humanitária mais importante — a liberdade do homem — e sua voz unanime é um brado sincero em favor d'esse dom com que o Creador, em sua infinita misericordia, gratificou a obra mais perfeita de suas mãos. A manumissão, disse ella quase como a sua ultima palavra — e que os brasileiros para quem a pureza de suas instituições é o mais querido voto, não sejam os últimos na cruzada da redempção humana.

Avido de futuro Parthenon entra n'uma nova phase e sem deslumbrar-se ante a limpidez dos horisontes de gloria que o esperão, vem voltigar-lhe em torno os bons desejos de seus numerosos membros, continuará a prestar a esta boa terra os seus serviços. É bem provável que no meio de suas sessões se despertem muitas idéas e que mais de uma aptidão se manifeste que possa ser felizmente utilizada.

No entusiasmo e sinceridade dos primeiros annos, quando a intelligencia desabrocha em toda a sua candidez, como o mimoso botão da aromatica rosa, é que mais se enebrião as almas no perfume

das sãs verdades, d'aquellas que, de simples intenção, perpassão desvirtuadas nos corações scepticos já profanados pelos tufões do mundo – é então e n'uma convivencia quase intima, que se tem a fé que fortifica e a esperança que nos atira robustos na carreira da vida, e nos faz crer na liberdade, no progresso, na grandesa da intelligencia humana, que compreendemos a sociedade marchando para o seu fim tendo por lábaro as verdades reveladas pelo Divino Guia que se ergueu bem alto nas sumidades de Jerusalém.

Seja, pois, o Parthenon o que foi a Bethlem do propheta – pequena entre as demais de Israel deveria sair d'ella o que havia de salvar e reconstruir o povo – discutindo, instruindo e congregando os homens de letras seja d'elle que surja o necessario triumpho da intelligencia sobre os erros da ignorancia.

Sala das sessões do Parthenon Litterario aos 19 de junho de 1869

Sobre a *Revista Mensal do Parthenon Litterario*, o leitor interessado encontrará amplo estudo sobre o conteúdo dos exemplares que foram localizados nas livrarias e arquivos, no livro *Narradores do Partenon Literário*, onde, sob a coordenação da Profa. Dra. Maria Eunice Moreira, um grupo de pesquisadores vinculados ao Centro de Pesquisas Literárias do Programa de Pós-Graduação em Letras da PUC-RS, recupera os textos ficcionais, edição do Instituto Estadual do Livro, de 2002.

A *Revista Mensal do Parthenon Litterario* contou com quatro séries: março/dezembro 1869; julho/1872/maio76; agosto/dezembro 1877; e abril/setembro 1879. Basicamente mensal. Do título original *Revista Mensal da Sociedade Parthenon Litterario* passou, em 1879, para *Revista Contemporanea do Parthenon Litterario, Consagrada ás Lettras, Sciencias e Artes*.

No seu número inaugural, a Revista estampou o anúncio⁵:

5 Revista do Parthenon Litterario, ano I, nº 1, março de 1869.

REVISTA QUINZENAL DO PARTHENON LITTERARIO

Esta Revista apparecerá nos dias 15 e 30 de todos os mezes. Na Imprensa Litteraria recebe-se assignaturas á 3,\$000 por trimestre e 6,\$000 por semestre. Para fóra da capital as assignaturas não serão por menos de seis mezes. O pagamento é adiantado.

A publicação desta Revista será feita com toda regularidade nos dias aprazados. Este numero, porém, deve ser recebido mais tarde, em razão da demora do retrato e das difficuldades inevitaveis de uma primeira entrega.

O PARTHENON LITTERARIO dando á lume a sua REVISTA appella para todas as intelligencias que se interessão pelo engrandecimento das lettras nacionaes no empenho de auxilial-o na romaria que reenceta.

A *Commissão de redação* estava assim composta: Vasco de Araujo e Silva, Apollinario José Gomes Porto Alegre (também como redator do mês), Lucio Porto Alegre, Aurelio Verissimo de Bittencourt, Menezes Paredes e Hilario Ribeiro.

Álvaro Porto Alegre, em 1944, nos últimos dias da Academia de Letras do RGS, referiu o Parthenon Litterario, e aqui o trecho inicial da sua fala:

Dezoito de junho é data histórica, uma vez que nos lembramos que durante dezesete anos, – de 1868 a 1885, – uma pléiade de jovens ardorosos do terreno do sentimentalismo e do terreno dos sonhos passou para o de realizações concretas e deslumbradoras, mantendo uma revista e uma tribuna, uma e outra derramando feixes de luz, de luz forte e intensa, poderosa e fascinadora, espadamando luz ha jorros, aos borbotões, luz que ainda irradia no céu do Rio Grande e por cima das nossas cabeças, vindo ainda iluminar a nossa intelligência.

A parcela política e ideológica dos principais membros do Parthenon pugnou pelo fim da escravidão, e a Revista publicou uma nota, em 1869⁶:

6 Revista do Parthenon Litterario, ano I, nº 1, março de 1869.

Libertação de escravos. — O Parthenon foi surprehendido por um officio assignado por algumas pessoas moradoras na Cachoeira, que remettião-nos, para ser destinada á libertação da escravatura, a quantia de 313\$740 réis.

Era o producto de um espectáculo, que alguns moços d'aquella cidade, desejosos de ver erguido em nosso paiz, o estandarte da civilização e da liberdade, exhibirão para coadjuvarem o Parthenon no solemne festejo que teve lugar na noite de 19 de Setembro.

Um bravo unisono erguemos saudando essa mocidade, tão briosa quão útil á patria!

O sol da liberdade parece que lentamente vai desdobrando seus raios aos martyres escravos!

Os membros do Parthenon Litterario (nem todos) empenharam-se, no viés político-ideológico da Associação, em defender a tese do abolicionismo. E, na prática, angariavam dinheiro para a compra de escravos a fim de conceder-lhes a liberdade.

É ainda Álvaro Porto Alegre quem busca, nas revistas, a memória de tais acontecimentos⁷:

A finalidade do Partenon não se restringia sòmente à literatura. Foi muito além. Tudo isto prova à evidência, demonstra à saciedade, a grandeza do idealismo daquela geração extinta, não compreendida por snobs ridículos, voltados para o que é de fora, de grande valia, pelos ensinamentos que trazem, e pela metodologia empregada, todos o sabem, mas sem poder de o fazer esquecer o que é nosso, a não ser a quem não sinta os efeitos deste vocábulo: patriotismo.

Além de literatura, o Partenon cuidou de filosofia e história; organizou na sua séde uma biblioteca; instituiu o regime de conferências; realizava saraus e editava uma bem cuidada revista.

Só isto? Não! Foi igualmente humano, quebrando lanças pelo abolicionismo, não descurando da manumissão do negro, o que ia efetuando em largo descortino, sofrendo rudes golpes dos esclavagistas e aumentando a ogeriza que lhe tinham retrógrados.

Enquanto isto ocorria, com destemor e despreendimento,

⁷ Revista do Parthenon Litterario, ano I, nº 1, março de 1869.

sobranceira e generosa, prosseguia a benemérita associação, libertando, por sua conta, não pequeno número desses desventurados seres, tratados, em determinado período, como irracionais, sendo alguns, não vendidos a péso de dinheiro, mas barganhados por bovinos e eqüinos, por seus algozes!

Dolorosa contigência do homem!...

Assim, pois, não posso fugir ao dever imperioso de relembrar uma festa que as gerações novas talvez nem de leve conheçam, festa transcendente que nenhuma outra em todo o Rio Grande do Sul e talvez mesmo em todo o Brasil se lhe compare e lhe leve lampas, pela grandiosidade e majestade dominadoras.

Tão benemérita associação – o Partenon Literário – que eleva a fastígios inatingíveis de realizações sacrossantas uma geração de fortes, tangida pela pureza dos seus aprimorados sentimentos de humanidade, apenas com um ano e três meses de existência exemplar, naquêles tempos ignominiosos de escravidão, planta maldita que se criou, medrou, viçou e se desenvolveu em solo pátrio, na célebre noite de 19 de setembro de 1869, leva a efeito no Teatro São Pedro um festival com a representação de uma cena dramática, terminando a festa com o eternecedor desfilar, sob o pavilhão nacional, de 21 crianças que recebiam nessa ocasião luminosa de clarões benditos as suas cartas de alforria, outorgadas por essa respeitável sociedade que cada vez mais se impunha à admiração geral e, aos poucos, gradativamente, ia quebrando as infames algemas do negregado cativo.

José Antonio do Valle Caldre Fião registrou o acontecimento⁸:

Formulamos a idéa, esboçámos o programma. O Parthenon aceitou-os; fez mais do que tínhamos imaginado.

A festa, em comemoração do dia nacional, devia ser feita, dando-se a liberdade aos inocentes, ás crianças que pudesseamos haver do berço escravo.

O Parthenon fez correr uma subscrição entre a população e tudo dispos para exhibir um espetáculo de gala em honra do 7 de setembro,

8 Caldre Fião, José Antonio do Valle. A libertação das crianças, Revista Parthenon Litterario, setembro 1869, p. 227-228.

cujo produto integral seria destinado á manumissão.

Era fervido o entusiasmo da mocidade; os liberaes concorreram, um apoiado bem pronunciado partiu do seio do diretório liberal, o nobre e elevado coração do exmo. sr. conselheiro conde de Pôrto Alegre não ficou estranho á idéa, adiantou-se na arena e traçou um pensamento digno do generoso povo rio-grandense, criando a Sociedade liberadora dos escravos, cujos estatutos acabam de ser aprovados.

Os esclavagistas estremeceram, alguns senhores malintencionados especularam. Bagagem dos partidos, essa turma que está sempre a mercê do poder, riu-se com estúpido desdém, e a situação pressentiu um golpe certo que lhe dirigiamos.

Dai, os obices, as dificuldades com que o Parthenon teve de lutar e que retardaram a festa santa da liberdade até do dia 19.

Mas, enfim, chegou o momento. O Parthenon, radiante em seu triunfo, ia desfechar um tremendo golpe nos prejuizos e falsas idéas de muitas gerações que foram nas passadas idades. Era a abolição da escravidão doméstica, no seu mais esplendido aparato. Artigos de jornal, uma longa e bem cuidada propaganda não valem o mundo de idéas, de grandiosos pensamentos que ali iam reunir-se.

O teatro estava literalmente cheio, não havia lugar vago em todo o salão, nem nos camarotes. A ansiedade, a expectativa publica era imponente.

Levantou-se o pano; era o 'Elogio Dramático' que havíamos esboçado, e cujos versos deramos á composição dos jornais e a ardentes poetas da nossa cidade, que ia ser recitado. Os compositores tinham compreendido o pensamento, tornando-o simpatico.

A Liberdade, visitando as plagas brasileiras, encontra o Brasil, tão varonil antes, languido e triste; anima-o e, reparando para o fundo da floresta, vê o Escravo lugubrememente cantando, coberto de andrajos e cicatrizes recentes, entregue á lida diurna. Compreende a sorte do Brasil e invoca o auxilio do céu; desce então um anjo mensageiro, prediz a abolição gradual e entrega um Escravo à Liberdade, como uma promessa de Deus, e, indo ao fundo, ordena como um meio pratico a libertação dos ventres, que é simbolizada por um grupo de vinte e uma crianças que o Parthenon havia libertado e que ali estavam pendentes dos seios maternos, de suas mães ainda escravas. A êste espetáculo as lagrimas correram

e o entusiasmo dos corações sensíveis tocou até o delírio. Houve em todo o auditorio uma abstração feliz, ninguém pensou no abuso da autoridade que representa a actual situação, era só a nação que ali estava e cujas fibras tangiam com fôrça varonil gratos sons do hino nacional. Depois foi só a liberdade que ocupou todos os espiritos quando levantamos os vivas á nação, ao progresso e á liberdade.

Foi como presidente honorário do Parthenon que ali fizemos ouvir a nossa voz, e seja-nos licito dizer, com a franqueza que nos caracteriza, no momento em que estavamos com a nação, em que festejamos a liberdade, esquecemo-nos do imperador, do filho do berço liberal, educado como nós nas idéas santas da revolução que nos assegurou a independencia, a constituição e o futuro do progresso por que temos passado. E esse esquecimento justificou-o o silencio do sr. Dr. João Sertorio. Na magna questão da abolição o actual ministro desvirtuou o procedimento d'aquelle que exerce o poder moderador, e resfriado o coração, pôde não ter entusiasmo senão pelos que ardentes sabem provocar-lhe as pulsações. Sob outras inspirações, debaixo da direção de uma politica benefica, livre e progressista, todos os brasileiros amão as instituições que conquistarão, e como nação comprehendem a responsabilidade dos poderes, que são os seus delegados.

Foi longa a impressão da abolição prática produzida no auditorio pelo 'Elogio'. Nós o terminamos, dando as cartas de liberdade aos inocentes ali rebunidos.

Marcou-se uma época. Pôrto Alegre há de lembrar-se sempre do dia em que se levantou bem alto no conceito da humanidade.

O MUZÊO

O museu foi um dos principais projetos desenvolvidos pelo Parthenon.

Desde logo foi nomeada comissão para organizar o museu, formada pelos acadêmicos Firmiano Antonio de Araujo, José Bernardino dos Santos, Pedro Soledade e Augusto Totta. Esta comissão fez publicar o informativo:

CIRCULAR

Secção do Muzêo do Parthenon Litterario

O Parthenon Litterario presuroso em concorrer sempre o quanto possível com seu esforço e patriotismo a pról de tudo quanto possa ampliar ou relaccionar-se á grande causa da civilização e progresso moral e material desta heroica provincia, resolveu formar um nucleo para a criação de um muzêo provincial, que simultaneamente servisse para congregar em um ponto dado todos os preciosos specimens das riquezas naturaes desta esplendida região da America Meridional, e de centro para o estudo das sciencias peculiares.

Neste intuito nomeou dentre os seus membros, os que constituem a commissão abaixo assignada que, confiada no acolhimento que lhe dispensou a imprensa, no grandioso auxilio prestado por todos a quem particularmente se tem dirigido, convicta da magnitude da idéa que procura tornar pratica e de que não appellará em vão áquelles que por sua illustração, patriotismo e valor, tanto realce e gloria hão dado ao nome da provincia de S. Pedro do Rio Grande do Sul, espera chegar ao almejado escopo.

É ainda alimentada a esperança da commissão de que esse brilhante resultado será obtido em futuro não remoto, a geral sympathia de que se acercou o tentamen e a admiravel rapidez com que vê progredir a realisação da grandiosa idéa.

A commissão, pois, a pról dessa idéa que significa o engrandecimento da patria, vem solicitar de V. se digne ligar o seu nome e dispender o seu prestigioso auxilio a uma criação tão fecunda em vantajosos resultados.

Approveitando a oportunidade que ora se lhe proporciona, a commissão do muzêo do Parthenon Litterario vem protestar o seu reconhecimento á imprensa e a todos os distinctos cidadãos que tão expontaneamente a tem coadjuvado, contribuindo para que tenhamos já reunido um importante e variado material de subido valor intrinseco e scientifico, e para invocar ainda o seu patriotismo e illustração a pról da idéa cuja realisação constitue a honrosa missõ que a ella foi confiada.

A commissão assim que tenba classificado os diversos exemplares que lhe hão sido remettidos, dará delles detalhada noticia pela imprensa.

Para maior facilidade, interesse e exactidão roga encarecidamente a todos os que se dignarem coadjuval-a, hajão de acompanhar a remessa dos objectos com o seu historico, ou pelo menos com minuciosas informações, especialmente a localidade onde forão elles encontrados.

Podem taes objectos, memoriaes ou quaesquer outras indicações, ser remettidos ao director da commissão á rua dos Andradas n. 44 ou indistinctamente a qualquer um dos abaixo assignados.

*Fimiano Antonio de Araujo
José Bernardino dos Santos
Pedro Soledade
Augusto Totta*

Em 1879, a Revista do Parthenon Litterario publicou um relatório sobre a atividade da Comissão⁹:

Muzéu do Parthenon

Do relatorio apresentado pela patriotica Commissão, á quem incumbio o Parthenon a ardua e honrozã tarefa de angariar elementos para a formação de um nucleo, onde se colleccionassem os productos naturaes da provincia, como inicio de um futuro Muzéu Provincial, vê-se que essa grandioza idéa encontrou a maior aceitação, e que a tentativa corôou-se de sorprendente exito.

A Commissão, sem mais outros recursos do que sua solitudine, patriotismo e illimitada dedicação ao engrandecimento e progresso d'esta heroica provincia, conseguiu reunir um não pequeno numero de colleções e exemplares, os mais variados e ricos de valor intrinseco e scientifico.

A falta de um edificio apropriado, e propriedade do Parthenon, tem entretanto contrariado, senão grandemente prejudicado os esforços da distincta Commissão, obrigando-a a deixar inaproveitaveis objectos quer naturaes, quer productos da arte, que teria colleccionado se dispuzesse dos necessarios meios; e nem teria

9 Revista Contemporanea do Parthenon Litterario Consagrada ás Lettras, Sciencias e Artes, setembro de 1879, nº 6, p. 316/318.

o desgosto de ver, á absoluta carencia d'elles, damnificados uns e totalmente perdidos outros especimens de suas importantes collecções. Ainda assim, e com prazer consignamos – nem tudo está perdido: o embryão do futuro muzéu existe, e o constituem ricas e numerosas collecções de varias especies dos trez reinos da natureza.

É importantissima a sua secção mineralogica; conta ella variado e grande numero de exemplares do genero quartzo, abundantes amostras de minerios, terras, areias, conglomeratos, grés, metaes etc. etc.

O ferro, a plumbagina, o antimonio, o arsenico, o chumbo, o manganez, o cobre, a prata e o ouro, bem como o carvão, o jaspe branco e roçado, o marmore, o ocre, o kaolim, lindas calcedonias e cornalinas, crystaes de varias côres e diversos outros grés e carbonatos calcareos abi figurão em profuzão.

São tambem dignos de nota os diversos fosseis que possue, alguns deixando ver a olho nú o paciente trabalho methamorphico.

Na secção archeologica possue algumas curiosidades, entre outras: armas, vazos, camocins, redes e diversos instrumentos do uso de nossos indigenas, incluzive esqueletos e diversos ossos d'elles, encontrados alguns ha pouca distancia d'esta capital.

Entre os objetos de valor historico encontrão-se abi: granadas, bombas, ballas de artilharia e fuzil da memoravel batalha de Ituzzaingo, combate de Ponche Verde e do ataque da Brigadeira, quando os sitiantes tentarão retomar esta capital.

Figurão tambem n'esta secção o punção com que o governo da Republica Rio-Grandense cunhava suas medalhas, e o sinete do extincto Instituto Historico.

É tambem de valor a secção de numismatica: n'ella encontra-se moedas de diversos valores e metaes, de cunhos, alguns de antiquissimas datas.

Na secção de zoologia vê-se uma grande collecção de pelles de animaes de nossos campos e florestas, um soberbo grupo de passaros, alguns artisticos quadros de insectos, diversos reptis, fetos, abortos curiozissimos, múmias etc., muitos dos quaes, á falta de conveniente acomodação, se tem damnificado.

Este grupo seria o mais numerozo, e se aproximaria muito ao completo, se a Commissão dispuzesse ao menos do local, onde podesse colocar e conservar os diversos exemplares, que tem deixado de aproveitar.

Em botânica e ictiologia, pelas mesmas razões exaradas, as collecções são menos importantes do que poderão sel-o, se não actuassem essas causas, que obrigão a Commissão a desprezar exemplares, que não póde assim aproveitar.

Em compensação, porém, na classe dos moluscos tem a patriótica Commissão do Muzeó colleccionado grande numero de exemplares, não só da Provincia e do Imperio, mas ainda de outros paizes.

Tendo a Commissão se dirigido ao illustrado Director do Muzeó Nacional, pedindo-lhe que auxiliasse em seu nome o empenho ao Parthenon, accedeo cavalheirozamente aquella Directoria ao apelo da Commissão, propondo que lhe remetesse uma collecção de mineraes da provincia, afim de justificar, pela troca, a remessa, que dezejava fazer-lhe de uma collecção organizada das duplicatas de exemplares encontrados no Muzeó Nacional.

Com essa valioza remessa, a solicitude da Commissão, a generozidade com que em toda a parte foi acolhido o seu appello, e o auxilio de uma loteria, que ao Parthenon cedeo a Assembléa Provincial, é de esperar que essa grandioza idéa seja brillantemente realizada, inaugurando o Muzeó Provincial.

O nucleo do Muzeó do Parthenon conta em suas collecções mais de 4000 exemplares.

E é isso, tudo quanto de mais lisonjeiro se póde dizer em louvor da incansavel Commissão.

Enfim, palestras, saraus literários, teatro, museu, biblioteca, cursos noturnos, a revista mensal e muito debate político-ideológico, abolição da escravatura e o fim do Romantismo, escola que ainda sobrevivia no Rio Grande do Sul, agitaram a vida literária de Porto Alegre, com reflexos no interior do Estado.

Maria Eunice Moreira sintetiza a importância do Parthenon:

A proposição de mecanismos eficazes para a concretização de suas metas, a descoberta e a divulgação de autores e obras, a formação de um público leitor não só na capital, mas no interior, associados à sua longa duração, conferiram à Sociedade um papel mítico na história da literatura rio-grandense. Reunidos pelos ideais republicanos e aglutinados por princípios políticos comuns, quais sejam, a república e a abolição da escravatura, a geração do Partenon Literário, como ficou conhecido esse grupo de intelectuais, provocou

uma verdadeira revolução numa Província geralmente mais sacudida pela guerra do que pelas letras.

[...]

Os temas explorados pela literatura coincidiram com os valores preconizados pelas lideranças políticas, pois que colaboravam para assegurar a manutenção, no poder, da classe dirigente, sintonizada com a abolição, a república, a valorização da liberdade, a exaltação do homem gaúcho. Nesse caso, o Partenon Literário assume uma função especial, pois seus agremiados são homens engajados com os ideais políticos da classe dirigente do Rio Grande e, ao mesmo tempo, é ainda esse grupo quem produz e divulga o material literário capaz de representar e conformar os anseios da comunidade onde está inserido. Organizando a vida literária no extremo do Brasil, os partenonistas colaboraram para sustentar a própria elite republicana no poder: artistas na criação, políticos na ideologia, mas, sobretudo, construtores da sociedade rio-grandense, o Partenon Literário conjugou finalidades literárias e políticas, do que resulta sua importância para a compreensão de um período histórico e para o estudo do nascimento da literatura do Rio Grande. Ler as narrativas escritas por esses primeiros escritores é, portanto, ler as páginas iniciais da formação do Estado e da gênese do seu processo literário.¹⁰

Esse embate literário e político proporcionou projeção e importância ao Parthenon Litterario, mas também contribuiu para apressar o seu fim, tornando-o uma experiência única ao longo dos seus dezessete anos de existência.

Hugo Rodrigues Ramirez destacou Apollinario José Gomes Porto Alegre como o mentor da ideia, líder do grupo e amigo pessoal de Gaspar da Silveira Martins, que pertencia ao círculo da Corte Imperial. Gaspar Martins, cada vez que visitava o Rio Grande do Sul, trazia livros recém-publicados no centro do país e na Europa, presente que destinava a Apollinario.

¹⁰ Moreira, Maria Eunice. Obra citada, p. 9-11.

A PRESENÇA DA MULHER

A figura da mulher ocupou espaço especial na história da Academia. Embora presente na literatura, ainda antes da fundação do Parthenon Litterario, Delfina Benigna da Cunha é atuante nas atividades do Parthenon. A mulher intelectual sofreu preconceito mais tarde, ao longo da história e até recentemente, na Academia Brasileira de Letras; um retrocesso pretensamente baseado na tradição francesa.

Escreve Ramírez¹:

A Europa era um fervedouro de concepções e correntes, cujas ondas de influência repercutiam na América e no Brasil. Se a corte centralizava a administração governamental, na esfera intelectual o Rio Grande do Sul dispunha de uma indelével autonomia, graças ao intercâmbio frequente de parentescos e de interesses comerciais com o Prata.

Das capitais, Buenos Aires e Montevideu, importávamos os últimos figurinos de Paris, as intrigas palacianas e políticas, os mais recentes questionamentos literários. É assim que nomes de gigantes do pensamento europeu como Tomas Hobbes, Montesquieu, Adam Smith, John Locke, Lamennais, Lacordaire, Voltaire, Rousseau, Diderot, Goethe, Kant, Herder, Benjamin Constant, Guizot, Thiers, Darwin, Renan, Allan Kardec, se entrecruzavam e interagem na mente e nas discussões dos membros do Partenon Literário, a partir de 18 de junho de 1868. Da mesma forma como o faziam os homens mais cultos do Rio Grande do Sul, nesse período.

Ali se lia e conhecia Shakespeare, Cervantes, Espronceda, Becquer, Walter Scott, Byron, Shelley, Chateaubriand, Stendhal, Lamartine, Balzac, Victor Hugo, Alexandre Dumas, Theophile Gautier.

Da literatura portuguesa, compulsavam-se clássicos como Camões, Bocage, Camilo Castelo Branco, João de Deus, Alexandre Herculano, Ramalho Ortigão, Almeida Garret,

¹ Ramirez, Hugo. Palestra proferida no Arquivo Histórico Municipal Moysés Velinho, Porto Alegre, em agosto de 1999: *Influências ideológicas no Partenon Literário*. Texto completo no site do Autor (www.josecarloslaitano.com.br).

Tomás Ribeiro e Guerra Junqueiro.

As cabeças mais arejadas da província conheciam e liam os autores representativos da nascente literatura brasileira (como Joaquim Manoel de Macedo, com seus romances ‘A moreninha’ e ‘O moço loiro’ de José de Alencar).

[...]

Detalhe importante. Havia participação feminina no Partenon Literário. Professoras e escritoras ali compareciam, de olhos abertos para o mundo, a disputar o direito à própria expressão individual.

Sensibilizava-as o exemplo de mulheres lúcidas e decididas, empenhadas a se firmarem num mundo predominantemente masculino, desde Anita Garibaldi, a lagunista que se transmutara em heroína farroupilha e européia, à americana Harriet Beecher Stowe, autora da novela abolicionista ‘A Cabana do Pai Thomaz’, e à francesa Louise Michel, com sua conduta política arrojada.

O Rio Grande do latifúndio e das escaramuças bélicas era lugar para homens afeitos à luta, comandando a família, aprovando o casamento das filhas, amancebando-se com escravas. A mulher limitava-se aos afazeres domésticos, criação de filhos e frivolidades, se o dinheiro assim o permitisse.

Hilda Hübner Flores, citando o jornal farroupilha *O Artilheiro*, descreve a cena:

Mocinhas urbanas satisfaziam a vaidade elaborando caprichosos penteados à chinesa, ou dos pentes de Paris (pentes de tartaruga fabricados no Rio de Janeiro), ou dos trepa-moleques (carrapitos no alto da cabeça que exigiam grandes pentes de tartaruga ou de chifre para manter erguido o farto ornamento); depois se punham à janela a colher os resultados do seu aprumo.²

Todavia, segundo seu estudo, na verdade, a mulher, em especial ou mesmo durante a batalha farroupilha, fez mais do que manter-se coquete:

A documentação consultada mostra que a década da guerra civil revelou nomes femininos no exercício de distintas atividades e díspares funções, não raro acumulando duas ou mais atividades, desde a maternidade, a educação e a instrução

² Hübner Flores, Hilda A. Obra citada, p. 11.

dos filhos, a administração da charqueada ou da estância, a criação de criança abandonada, a costura, bordados, confeitos, a navegação e, pasmem, cultivando a intelectualidade que produziu trabalho pioneiro no jornalismo, na literatura e, sobretudo, informando e denunciando acerca do que foi um dos capítulos mais destrutivos de nossa história.³

As primeiras mulheres que assumiram posição de destaque na vida intelectual foram Luciana de Abreu, Luísa de Azambuja, Amália dos Passos Figueroa, Revocata Heloísa de Mello e Delfina Benigna da Cunha.

Delfina, nascida em São José do Norte, filha de militar, ficou cega aos vinte meses de idade; todavia, logrou estudar e é considerada a primeira figura literária gaúcha e é seu o primeiro livro de versos publicado em tipografias rio-grandenses.

Luciana de Abreu foi convidada quando ainda professora pouco conhecida e tornou-se a primeira mulher a ingressar numa academia de letras.

Em 1873, Luciana pronunciou discurso sob o título *A Educação da Mulher*⁴, onde destacou a situação feminina e, para que se tenha ideia do momento de mudança cultural pelo qual passava a nossa sociedade naquele século, transcrevo as suas palavras, que contrapunha, inclusive, o pensamento de alguns acadêmicos:

É insolito o meu comparecimento n'esta tribuna; a qualquer de vós vai parecer descomunal o meu arrojo, vindo até aqui dizer-vos algumas palavras acerca da educação da mulher; e de certo parece injustificado o procedimento que tenho, eu fraca mulher, ante tantas intelligencias esclarecidas, ante tão bellos talentos, vir expor a minha opinião, sem titulo algum que autorise a minha presença aqui.

Mas, senhores, nos banquetes de Aristipo, n'essa bella e illustrada Athenas, a par dos philosophos mais eminentes assentavão-se as meigas filhas do lyceu e da academia, que, com admiração olhavão para o modesto e quasi divino Socrates.

E eu, senhores, considerando que a intelligencia não tem

3 Hubner Flores, Hilda A. Obra citada.

4 Abreu, Luciana. Revista Parthenon Litterario, dezembro 1873, p. 535-539.

privilegios, nem titulos exclusivos, e que a palavra, essa poderosa arma da civilização, não deve ser escasseada, ainda pelos mais obscuros, ousei, ainda que tremula ao dar os primeiros passos, vir até aqui certa de que seria bem recebida.

Meus senhores, trata-se de preparar a mulher para preencher a sublime missão que lhe foi confiada pela Providencia; e tendes ouvido já d'esta tribuna palavras de animação e setenciosos preceitos que sem duvida estão gravados no cofre perfumoso do vosso coração.

Aproveito n'este momento a occasião de render uma homenagem sincera ao Parthenon Litterario que com dedicação e sacrificio se tem occupado na grande obra do futuro, da educação da mãe de familia.

Minhas senhoras, nós temos sido victimas dos prejuizos das preocupações do seculo. nós temos sido olhadas como seres á parte na grande obra da regeneração social, quando sem nós impossivel seria á humanidade aperfeiçoar-se e progredir; porque nós somos mãis e o primeiro e mais intimo vagido da infancia do homem recebemol-o nós em nosso seio, dispensando-lhe os cuidados que são a nossa vigilia, as nossas lagrimas, as nossas dores e alegrias, o nosso amor emfim.

Nós temos sido calumniadas, dizendo-se que somos incapazes dos grandes commetimentos, que somos de intelligencia fraca, de perspicacia mesquinha; e que não devemos passar de seres caseiros, de meros instrumentos do prazer e das conveniencias do homem; quando o nosso ensino tem preparado os mais perfeitos heróes da humanidade; e quando, á testa das nações, quer na cadeia, quer na officina modesta do operario, temos dado exemplos de assombrar os povos e os seculos!

Nós temos sido condemnadas á ignorancia, privadas dos direitos de cidadãos, e reduzidas á escravas dos caprichos politicos de legisladores imprevidentes e egoistas, quando beneficis espalhamos o bem-estar na vida intima social preparando o coração de nossos filhos para a virtude, e inspirando-lhes desde os primeiros dias o amor ardente pela liberdade e pelo progresso.

Haja vista, senhoras, a nação ingleza o progresso á que tem attingido; e porque não veremos n'esse facto a nossa salutar influencia?

Nem me objectem, senhoras, os vergonhosos excessos que dizem

commetter as infimas mulheres inglezas no dia de exercer a mais nobre prerrogativa do poder popular, isto é, o voto. A isso vos responderia eu com o que se dá entre nós n'essas occasiões; e então não são as mulheres, os entes quasi despreziveis, são homens pela mór parte intelligentes e instruidos, que se aproveitão da miseravel educação que em geral, homens e mulheres, recebemos em um paiz como o nosso, onde se ensina tudo, menos o que valem a dignidade pessoal e os interesses da patria considerados herança commum de todos nós.

Perdoai-me, senhoras, esta digressão; perdoai-me que eu pouco abusarei da vossa complacente attenção.

Nós temos sido injuriadas atrocemente ainda, atirando-se-nos o baldão injusto de inconstantes e desrespeitadoras de nossos deveres e de incapazes das grandes acções, quando vivemos a vida do amor no estado de filha, de abnegação no de esposa, e das dôres profundas no de mãe. Chamão-nos borboletas, dão-nos epithetos ligeiros, quando devião considerar-nos martyres no eterno Golgotha da vida social.

Entretanto, na apreciação da virtude das mulheres, põe-se em relevo a injustiça dos homens.

Aquelles, que para o seu sexo levão a longanimidade a um ponto apenas concebível, para o sexo debil levão a exigencia até o ridiculo da exaggeração.

A virtude é uma, senhores, uma deve ser em ambos os sexos.

Se no paraizo houve uma Eva, também em Nazareth houve uma Maria; se as Helenas e Cleopatras existirão, o mundo admirou as Joannas d'Arc e as Izabeis de Castella.

Para seduzir uma Eva houve no principio do mundo uma serpente; hoje, para cada Eva seduzível ha um mundo de serpentes. Contra essa multidão de reptis que se arrastão pelos pavimentos de marmore e pelas alcatifas de velludo, só ha um recurso: a boa educação.

A pobre creatura que apenas sabe vestir-se e adornar-se para agradar porque se lhe não ensinou mais, cré em qualquer farçante que a lisongea e lavra talvez a sua propria perdição. E quem poderá censural-a com justiça?

Se a educação entre nós chegasse ao ponto onde devera chegar, serião os pais os primeiros confidentes de suas filhas, não seria essa honra reservada á escravas interesseiras e inimigas.

São vulneraveis, eu confesso, os defeitos que nos fazem ter as preocupações do mundo, a insufficiente educação que recebemos, o estado excepcional em que nos collocão; póde alguma de nós ser frivola até o ridiculo, ou descuidada até a sordidez; póde alguma de nós ser pretenciosa até o fôfo orgulho, ou submissa até a baixesa do cervilismo; póde ainda ser perversa e abominavel até o que ha de mais hediondo nos instinctos humanos; concedo: mas, até quando ha de querer-se que sejamos anjos lançando-se-nos do céu da luz, da instrução, e de nossa verdadeira posição?

Quererão que sejamos instruidas e sabias, fechando-nos as academias, os porticos dos templos da sciencia?

Quererão que sejamos todas immaculadas, quando a mocidade masculina se perverte impunemente logo nos primeiros annos, desde que abandonando o seio de suas mãis, vai para o dominio dos pais?

Quererão de nós os grandes commetimentos, as emprezas arrojadas, quando se incumbem de pensar por nós e vedão-nos todos os meios, quer materiaes, quer politicos ou moraes?

Nós não somos somenos ao homem: a nossa alma tem a mesma passividade e actividade que a d'elle, e tanto a sensibilidade como a intelligencia e liberdade participão do mesmo gráo de capacidade e podem ter o mesmo gráo de desenvolvimento n'um ou n'outro sexo.

O que convem pedir, o que venho aqui em vosso nome altamente reclamar, é, de parceria com a educação, a instrução superior commum a ambos os sexos; é a liberdade de esclarecer-nos, de exercer as profissões a que as nossas aptidões nos levarem.

Dê-mos educação e instrução; nós faremos o mais. A nossa posição legitima na sublime missão de que estamos incumbidas, nós a tomaremos pelo nosso trabalho, e a humanidade ha de tudo ganhar com o nosso triumpho.

Permitti-me, senhoras, que termine fazendo-vos um apello, que será a nossa profissão de fé.

É preciso que a mulher se compenetre do importante papel que lhe está confiado, que faça mesmo lembrar ao homem que se elle é o rei da criação, ella é a legitima rainha.

Longe de nós os vicios que, pela nossa educação frivola, tem algumas vezes dado pretextto aos nossos detractores; longe nós a mentira, a dissimulação, o amor do luxo, da vaidade e da impostura. Não desprezemos o estudo, o silencio de nosso gabinete, nem o berço

de nosso filhinho pelo turbilhão louco da valsa, nem pelo canto da sereia que se chama Moda e que muitas vezes em um só dia consome o laborioso trabalho de nossos pais, o suor de nossos maridos, o futuro, e não poucas vezes a honra de nossas famílias.

Então, quando ouvirmos falar a um d'estes, bradaremos com energia:

Vós, que rebaixastes a dignidade da mulher, que a considerastes como um ser quasi desprezível, vinde! Eu vos chamo a juízo no tribunal de vossa propria razão.

O ser que vilipendiastes deu a vida a vossos heróes e a vosso sabios!

Os Alexandres e Napoleões, os Homeros e Camões quando cruzarão a perigosa quadra da infancia serão alimentados com o succo precioso dos peitos de uma mulher, seus primeiros passos serão por ella guiados, suas inspirações serão n'ella colhidas.

Recordai-vos vós mesmos: quem vos ensinou a balbuciar as primeiras palavras, quem modulou esse instrumento ingrato, que hoje contra ella voltais?

E os primeiros sons que soltastes não foi ainda um hymno dirigido á rainha dos anjos?

Podeis mostrar-nos algum dos quadros que representam a grande historia da humanidade, sem que appareça a mulher?

Na entrada do mundo antigo vereis Eva, a mãe do genero humano, a autora do grande cataclysmo do Edem.

Na entrada do mundo moderno, Maria mãe na graça, bemdita, immaculada co-redemptora do genero humano.

Em todos os magnificos sucesos do antigo e moderno mundo ver-nos-heis sempre exercendo alto poderio nos destinos dos povos e na ventura das nações.

Negaste-nos o direito de legislar; mas desde a abolição da lei salica, concedeste-nos o direito de dar a lei aos legisladores.

Negaste-nos o direito de obter cargos e honras, entretanto deixaste-nos o direito de distribul-as.

Fechaste-nos as portas da sciencia; mas nunca podereis privar-nos de avassalar os sabios e os heróes com os recursos de vosso engenho.

Em conclusão, senhoras, nós apparentemente os vencidos, somos na realidade os vencedores.

A SEDE

Relembrando: para a criação e o período inicial do Parthenon, Apollinario José Gomes Porto Alegre contou com a companhia de José Antonio do Valle Caldre Fião, considerado o introdutor do gênero romance no Brasil, autor de *A Divina Pastora* e *O Corsário*.

Donde surgiu a importância de Caldre Fião para a criação do Parthenon?

Em resumo, ele nasceu em Porto Alegre em 15 de outubro de 1821. Foi farmacêutico, depois estudou medicina no Rio de Janeiro, formando-se em 1851. No ano seguinte elegeu-se deputado. Dois anos mais tarde retornou ao Rio Grande do Sul e estabeleceu-se em São Leopoldo. De 1854 a 1857 foi, por duas legislaturas, deputado provincial, ajudando a organizar o partido progressista. Em 1864, novamente eleito para a Assembléia Provincial. Atuou como voluntário no combate ao *cholera-morbus*, tornando-se presidente da Sociedade Beneficencia Brasileira. Fundou o Hospício, uma idéia sua, no então 3º distrito da capital, e ali propôs a criação de cursos noturnos para os operários, o que lhe valeu a condecoração de Cavaleiro da Ordem de Cristo, por decreto imperial. Garantiu apoio a Apollinario na fundação do Parthenon, emprestando à associação o seu prestígio pessoal, como médico, político e escritor para assegurar o sucesso.

Quanto à tão sonhada sede, já nos seus primórdios o Parthenon Litterario deu o primeiro passo, graças à doação de dois terrenos por Caldre Fião, de sua propriedade, na atual avenida Bento Gonçalves, onde hoje encontra-se a Igreja Santo Antônio, um deles vendido para angariar fundos para a construção do prédio. Foi o bastante para emprestar o nome para o bairro que ali surgiria mais tarde, o Partenon.

Sobre o ato inaugural da sede, Achylles Porto Alegre registrou para a história¹:

¹ Porto Alegre, Achylles. Revista Mensal da Sociedade Parthenon Litterario, novembro 1873, nº 11, p. 506 e 507.

Este mez [novembro de 1873] tem sido fértil de acontecimentos notáveis para o Parthenon Litterario e para o desenvolvimento das letras em geral.

O dia 9 de novembro foi uma data escripta nos annaes da cidade pela associação Parthenon, que jamais se apagará.

O PARTENON lançou seu marco na estrada brilhante que vai seguindo, de maneira assombrosa, deslumbradora para os espiritos anhelantes do futuro, conseguindo lançar a pedra do primeiro edificio litterario do Brazil, devido á iniciativa de uma associação esclusivamente dada ao estudo das letras.

Erão cinco horas da tarde, quando sobre o cume da montanha, iluminada pelos raios esplendidos de um dia brilhante, se via uma multidão numerosa do que havia de mais grado na cidade, tendo á testa toda a corporação do Parthenon e as primeiras autoridades da provincia, e abi se lançava solemnemente a pedra fundamental do edificio. Foi n'esta occasião que se fizerão ouvir em brilhantes discursos os Srs. Bernardino dos Santos, Damasceno Vieira, Lavra Pinto, Ulisses José Cabral, Appolinario Porto Alegre e Achylles Porto Alegre.

É escusado dizer que o copo d'agua foi delicadamente servido aos Exmos. Srs. Presidente da provincia João Pedro Carvalho de Moraes e bispo diocesano pelo prestimoso presidente da associação, o sr. Firmiano de Araujo.

Não passou da pedra fundamental.

Em 1884 a Sociedade ainda lutava pela sede própria e foi tentada a aquisição da *Bailante Soirée Porto Alegrense*. Álvaro Porto Alegre revela os detalhes:

Em meu poder se encontram alguns manuscritos, hoje preciosos, salvos, mercê de Deus, quando ainda adolescente, dos escombros resultantes da Revolução de 1893, onde tudo era levado de roldão, nos freqüentes assaltos que sofreu a duplamente histórica 'Casa Branca'.²

2 Obra citada, p. 52 e 53.

Um desses documentos foi assinado por Apollinario José Gomes Porto Alegre, João de F. e Castro e Gaspar Guimarães, na Sala de Sessões do Parthenon Litterario, em 21 de abril de 1884:

A comissão encarregada de dar parecer relativamente à compra da Bailante Soirée Porto Alegrense, apesar de não ter ainda os esclarecimentos imprescindíveis sobre o terreno em que ela se acha edificada, opina pela aquisição da mesma; porque só assim o Partenon Literário terá mais garantida sua existência pela radicação no solo, bem como poderá realizar tôdas as criações que aspira desde muito e que têm deixado de ser efetivas, em razão da exiguidade de espaço e dos recursos pecuniários. Assim é que atualmente a sala das sessões e da biblioteca não são bastante amplas; assim é que idênticos motivos inibem de funcionar a aula noturna e impedem de abrir-se à concorrência pública o museu que já conta bastante elementos e valiosa cópia de especimens.

Como poderá, pois, a associação efetuar a compra dum prédio que a comissão não avalia em menos de vinte contos, se lhe falece o contingente monetário?

[...]

Pensa que o Partenon deve conceder plenos poderes à diretoria para a realização duma operação de crédito, no valor de vinte contos. Que para o pagamento e juros do compromisso a mesma diretoria deve emitir quatrocentas ações de cinqüenta mil réis cada uma, valor correspondente ao empréstimo. [...] Que a atual diretoria, enquanto durar a amortização do capital e juros, deve constituir-se em comissão permanente até a solvência total do débito [...].

A estas bases preliminares lembra a comissão como fonte de receita para a mais pronta solução: 1º – donativos particulares, não só na capital, como em tôda a província, principalmente dos sócios honorários que sempre acudiram ao apêlo do Partenon; 2º – Os rendimentos anuais da casa da bailante que atualmente são calculados em dois contos; 3º – Os alugueis anuais que o Partenon continuará a pagar até a posse completa do prédio; 4º – A obtenção de uma loteria de benefício das diferentes emprêsas quem vêm à capital, etc; 5º – Reforma dos artigos na lei vigente relativa à jóia e mensalidades.

Na mesma data do Parecer, foi expedida a moção de ordem.

MOÇÃO DE ORDEM

A casa, ficando ciente das bases elaboradas pela Comissão nomeada para aquisição do edifício Soirée Pôrto Alegre, louva-se nas ponderações apresentadas pela mesma Comissão, e autoriza – a realizar – as disposições que lembra para aquêle fim: de acôrdo com a diretoria.

Sala do Partenon Literário, 21 de abril de 1884

a) Joaquim dos Sales Torres Homem

E, ainda nas palavras de Álvaro Porto Alegre: “Seria realizada a transação? Não o afirmo, nem nego. Ignoro”.

Pelos documentos e lembranças de Álvaro Porto Alegre, as sessões do Parthenon realizaram-se na hoje Marechal Floriano Peixoto, antiga rua do Bragança. A casa foi demolida, anos mais tarde.

Em outra tentativa, em 10 de janeiro de 1885, com a presença da Princesa Isabel e do Conde D’Eu, foi lançada outra pedra fundamental, agora no local onde, depois, surgiu um edifício na rua Riachuelo.

O CANTO DO CISNE

Júlio Prates de Castilhos, que fora aluno de Apollinario, viajara para São Paulo, onde cursou a Faculdade de Direito e depois retornou impregnado pelas ideias de Augusto Comte.

Escreve Hugo Rodrigues Ramirez¹:

A esse ideal republicano de Apollinario, de feitio liberal, com modelos oriundos da América do Norte de 1776 ou da França de 89, o moço adepto das concepções comteanas substituiria por outro, de natureza mais orgânica e autoritária. Num outro ponto divergiria o ex-aluno, o do tipo de jornalismo. O de Apollinario e seus companheiros, incluídos os irmãos, de que Aquiles nesse particular era o mais compenetrado, traduzia a maneira liberal e romântica, inobstante o uso do telégrafo para a divulgação das notícias internacionais. Configurava, por assim dizer, um estilo de imprensa mais folgazã e acomodada, misto de portas e mentes abertas. Já o feitio de jornalismo impresso por Castilhos e seus camaradas, no 'A Federação', identificava um exercício quase militar de exposição de ideias, mais do que de informações estrangeiras e da Corte.

Júlio Prates de Castilhos era opositor ferrenho de Gaspar da Silveira Martins.

Continua Hugo Ramirez:

À medida que ia crescendo o prestígio popular e partidário de Júlio de Castilhos, ia, concomitante e conseqüentemente, apagando o prestígio de Apollinario. Vexames, perseguições, picuinhas, tudo sofria o fundador do Partenon Literário. Até defecções, como a de Aurélio Veríssimo de Bittencourt, o ex-companheiro de primeira hora.

¹ Obra citada.

Em dezembro de 1872 foram expulsos os sócios Aurélio Verissimo de Bittencourt, João Cancio Gomes e Mucio Scevola Teixeira. Dessa dissidência surgiu a *Sociedade Ensaios Literários*, de curta existência. Também foi criada a *Sociedade Culto às Letras* que, dois anos mais tarde, integrou-se à *Ensaios Literários*.

Uma constante nas academias foi o embate de ideias entre os próprios membros do Sodalício, seja na disputa pelo poder, seja pela dificuldade em conviver com a diversidade de pensamento, seja pela disputa de egos, alguém querendo ser mais importante que o outro. Não foi a regra. O padrão foi o denodo, a generosidade dos associados pelos objetivos da entidade. Mas basta um megalômano ou radical para começar a dissensão. Tanto é assim que, de uma academia para outra, mantinha-se boa parte das mesmas pessoas.

Com o Parthenon Litterario não foi diferente: surgida em 1868, manteve-se em atividade por dezessete anos. Mais ou menos até 1885. Contudo, alguns anos após seu início sofreu declínio, retomando suas forças em 1879.

Em 1879 ressurgiu a revista mensal, agora com o título de *Revista Contemporânea do Parthenon Litterario*, sem a aura e o vigor da publicação original. O debate entre monarquistas e republicanos tomou vulto quanto mais moldava-se a decadência do Império.

A *Revista Contemporânea*, nesse ano XI da fundação do *Parthenon*, publicou o poema que Azevedo Junior escreveu e declamou na sessão magna comemorativa do undécimo aniversário da sociedade:

PARTHENON LITTERARIO

*Eis o sublime combate / das lutas do pensamento;
nas expansões do debate / brilha a luz do entendimento.
D'um lado – o vulto da Gloria / sustêm o livro da Historia
fita o largo da amplidão... / Do outro – a Fama, pujante,
aponta Camões e Dante / Petrarca e Napoleão!*

*E n'essa luta fremente / passa uma idéa de luz...
– como no cranco do crente / perpassa a lenda da Cruz –
quaes os antigos ascetas / esses modernos prophetas
têm uma crença, um só fim... / descrever em áureo traço
quem foi Shakespeare e Tasso / Lamartine e Franklim.*

*Porém, quem são os heróis / que marchão com pé seguro
à luz fulgente dos sóes / em demanda do futuro?
Serão – a phalange ativa / que sente a sentelha viva
da lava da inspiração? / Heróis da grande officina
do livro – o sol, que ilumina / as frentes da multidão?*

*São os preclaros talentos / do agigantado Brazil
que n'uns escassos momentos / colhem applauzos aos mil!
Sectarios da nova idéa / vão descrever a epopéa
da philozophia real / calcando aos pés o regresso
seguem à luz do progresso / sua missão divinal.*

*São eles que ao mundo, em pasmo / vão desvendar o Porvir
na febre do enthusiasmo / que desperta o progredir.
É a mocidade inspirada / que fórma a grande cruzada
do pujante Parthenon: são os romeiros da gloria
que vão gravar sua historia / nas áras do Pantheon.*

Bernardot, assim assinava o autor, escreveu a *Chronica*, saudando o soerguimento do Parthenon²:

O mez de abril de 1879 assignala ás letras rio-grandenses um grato acontecimento: a restauração do Parthenon Litterario.

Dir-se-ia que obedecendo a força d'essa lei fatal, que derriba, aniquila e extingue tudo quanto ella mesmo ergueo ao fastigio, cooperando efficaç na elevação do expoente de sua grandezza, o Partheon Litterario tendia a desaparecer com os laureis de suas ultimas victorias, ao som dos hymnos triumphaes, que solemnizarão o seu decenio anniversario...

De facto, esta associação á que a Provincia do Rio Grande do Sul deve o mais bello periodo de sua litteratura, retrahio-se por algum tempo á luta e dormitou sobre os louros colhidos.

[...]

Deixar desaparecer esta instituição benemerita n'uma epoca em que todo o esforço não basta para oppôr um paradeiro á corrupção e á descrença, que invadem e exterilisaõ a acção das

2 Revista do Parthenon Litterario, 4ª série, nº 1, abril 1879, p. 35 e seguintes.

modernas sociedades, não seria apenas cobardia, mas crime de lezo patriotismo.

[...]

Um nome é lembrado entre os d'aquelles socios do Parthenon que mais se tem distinguido por seu merito, talentos e dedicação, e Achylles Porto Alegre é eleito Presidente da associação, do que foi um dos fundadores.

Esta eleição e a de seus illustres companheiros de Directoria não é só uma esperança de melhores dias, não é uma promessa apenas, mas a garantia da prosperidade do Parthenon Litterario.

[...]

No mesmo texto – mais que crônica, semelhando ata de reunião – o autor, em outra parte, menciona a questão da mulher, propondo-se a encerrar o escrito com congratulações ao belo sexo brasileiro. E faz referência à luta das mulheres para participar nas atividades culturais, e Luciana de Abreu estava ingressando na Academia:

Já não precisaes, illustres patricias, ir a outra America, a terra da liberdade, buscar os laureis da sciencia. [...]

Ha mezes uma senhora pretendia, feitos os exames preparatorios, dedicar-se a estudos superiores. [...] Sim, a lei não póde vedar essa resolução, desde que a candidata cumpra os requisitos determinados no regulamento que preside as escolas superiores, a saber: certidão de exame, certidão de idade, etc. [...]

O Parthenon que propugnou sempre pella emancipação da mulher – ainda mesmo restringindo-lhe a esphera da liberdade, que não póde ultrapassar a mãe de familia; que a collocou em sua tribuna para que ella mesma advogasse sua causa reclamando por seus direitos, o Parthenon não as felicita, mas com ellas se congratula pelo triumpho alcançado.

Luciana de Abreu havia, antes, discursado na Academia sobre os anos de vida e trabalho do Parthenon Litterario e seu significado nacional, quando a mulher já estava assumindo postos na vida intelectual³:

³ Discurso proferido em 1879. Revista do Parthenon Litterario, nº 3, junho 1879, p. 118-120, em homenagem ao 11º aniversário da entidade.

Refere o Evangelho que, um dia, estando Jezus no templo, reparou no gasophilacio, onde deitavão os vizitantes esmolas avultadas. Veio depois uma triste viuva, que apenas deitou dous réis. 'Esta, disse o Divino Mestre. dêo mais que todos; porque os outros derão o superfluo, e ella, sendo pobre, dêo tudo quanto tinha'.

Neste dia, meus senhores, sou eu a pobre viuva do Evangelho; mesquinha de talentos, escassa de illustração, mas rica de boa vontade, soberba de affectos e dedicação por nossa querida patria e pela nobre sociedade, cujo undécimo anniversário vimos hoje solemnizar.

E não estranheis que confunda em um só culto a terra de meu berço e o Parthenon Litterario, seu filho mais dilecto. Mãe e filho são dous seres, que se completão, que se aviventão e unem na mais intima expansão. Louvar ao filho é pois honrar a mãe; saudar a mãe é coróar de jubilos o coração filial.

Mais que nunca sinto neste momento me faltem os dotes oratorios de um Mont'Alverne, o Bossuet do pulpito brasileiro, para pintar-vos o quadro entristecido de nossa litteratura ao tempo em que nasceo o Parthenon.

Da imprensa litteraria se havião perdido os ultimos échos abafados pelo som da tuba marcial. Já ha muito o mimoso Guahyba, onde navegarão alterozos João Capistrano, Felix da Cunha e tantos outros, tinha seccado as suaslympidas lagoas; mais tarde o Diogenes tinha apagado a sua lanterna; Estudante depunha os livros sobre as áras do hymineo; Artista despira a bluzza do operario para envergar a farda honroza do cidadão-soldado. E os Murmuriros do Guahyba falavão de chofre seus poéticos sussurros ante a sphynge da politica, monstroza voragem, para onde deslisou, e precipitou-se sua trépida e patriótica corrente.

Tribuna litteraria? Não a havia. Existia apenas a tribuna politico-partidaria, a d'hontem como a de hoje, arena de combates pessoaes, eterno escólho dos bons talentos e das reputações immaculadas. E, porque o não direi?... invertendo por uma cruel antithese o seu papel gloriozo, em vez de Capitolio, onde se exalte e nobilite a patria pela defeza de seus direitos e pela sabedoria de suas leis, nefanda rocha Tarpeia, d'onde se abatem e se despenhão seus fillos mais illustres em sua luta inglória e só rica de egoismo.

Pois foi nessa quadra calamitoza que surgiu o Parthenon: que

a idéa tomou fôrma; que os novos campeões atirarão á liça o seu programma, ungi-do de fé, sagrado de enthusiasmo, e que devia despertar desde o sorriso lisongeiro da esperança até a contracção nervosa do riso alvar da ignoracia.

A litteratura, disserão elles, é o mais imperecível monumento, que se pôde levantar á um povo, á um seculo, á um heróe. Que é do templo faustozo de Salomão, dos jardins e muralbas da famosa Babylonia? Onde pairão as cinzas do templo soberbo de Jupiter Olympico e de sua propria estatua, cujo preço felicitaria mil familias proletarias?

Tudo desapareceo da face da terra; só resta a idéia, a tradiçã, o livro das passadas gerações.

O Genesis, creação maravilhosa, que revela a antiguidade do homem e o genio de Moysés, o Deuteronomio, baze indubitavel do direito moderno, emfim a litteratura hebraica tão rica de primores, desde os salmos harmoniosos do rei penitente até a singela historia do pobre Job. Resta a litteratura egypcia, que nos conta as suas maravilhozas descobertas mathematicas e astronomicas, e tão maravilhozas, que pouco mais sabemos que os mestres de Alexandria. Vive o Alcorão, o Evangelho do Oriente, pyramide eterna ao grande homem que se chamou Mahomet. Na Europa, Homero e Xenophonte, Platão e Aristóteles salvão a Grecia do olvido; Cicero e Virgilio, Plinio e Tito Livio sentão a Roma antiga no mais amplo pedestal; a Italia mais vive em Dante e Petrarca, que nas lutas sanguinozas de Guelfos, de coróas e de thiaras; a França, a immortal França, ainda que a industria bellica inventasse os mais pavorozos instrumentos de destruição, será sempre a França de Rousseau e Montesquieu, de Hugo e de Lamartine; a Inglaterra é mais forte em Byron e Shakspeare que no poder de suas esquadras; a Alemanha mais brilha em Schiller e Humboldt, que nos heróes de Sedan. Portugal, o pygmeo gigante, repouza á sombra dos louros, que Camões immortalizou, e na sua senilidade apresenta ao mundo Herculano, Castilho e Garret, que valem, se não excedem, os Gamas, Castros e Albuquerque de sua juventude.

O Brazil, a prola mais precioza da America, não deve pois ficar atraz. Sigamos as pegadas de Alencar, S. Carlos e Gonçalves Dias e teremos farta messe de palmas e capellas.

E agora, mocidade rio-grandense, que o Parthenon atravessou

incólume a quadra perigosa da infancia e vive a mais robusta adolescencia, não mancheis os labios apenas avelludados pelo tenue buço da pubescencia na taça envenenada dos prazeres materiaes, que gastão o corpo e corrompem o espirito; que envelhecem a alma, antes que a fronte enbranqueça; olbae á muza da historia e á deosa da poesia, que vos abrem os niveos braços e alçãõ o vôo pra conduzir-vos ao templo da immortalidade; acolhei-vos á sombra do Parthenon. Honrae sua tribuna, escrevei a sua revista, frequentae a sua bibliotheca e estudee em seu muzéo. O sabor desses prazeres não vos ha de amargar nunca; ao contrario, dourará fulgente o nome que vosso filhos uzarão.

E vós, senhoras brazileiras, que reunis á belleza plastica uma vasta intelligencia e um terno coração, não quereis que pulse elle ao amor das lettras e da gloria nacionaes.

Hontem, proscriptas da sciencia, e consideradas apenas méros ornatos dos salões, dêo-vos o Parthenon um lugar de honra no banquete do progresso. Hoje, que a voz authorizada de um Andrada se elevou no parlamento nacional em pról de vossos fóros, estree no Parthenon o uzo dos vossos direitos.

Não ouvis que elle vos chama?

Traduzi a sua voz, que vos falla no esplendor de suas salas, na harmonia de sua orchestra, no perfume d'estas flôres, e vos diz:

Vós sois jovens e cheias de enthuziasmo, o vazõ da vida só vos offerece orgulhozo os pomos dourados da esperança. Porque não vireis, novas Corinas, disputar aos modernos Pindaros a gloria nos certamens litterarios?

Sois puras? Pois aqui tem altares a virtude. Sois modestas? Imitae a assucena, que não occulpa seus aromas; cercae-vos do estandardte, que ali brilha magestozo, decidae na sua lyra um doce aceno das muzas, no seu livro, instrucção que vos promette, na penna, o galardão que a historia guarda aos obreiros do progresso.

Senhores e senhoras, conbeço que hei por demais uzado e abuzado de vossa indulgencia. Eu termino, pois, conscia da debilidade de minhas luzes, mas satisfeita de haver cumprido um dever.

O dia dezoito de Junho não é mais a simples data aniversario de uma distincta sociedade; é, sim, uma data nacional; e quando um dia a geração vindoura escrever a estoria litteraria do Rio Grande, o Parthenon, se não der a sua pagina mais brilhante, dará por certo a

mais rica de amor e patriotismo, de esforços e dedicação pela letras nacionaes.

Salvé! pelos trabalhos passados, pelas glorias do presente, pelos louros do futuro, salvé, Parthenon.

Tres Vezes salvé!

Foi o canto da despedida, um verdadeiro réquiem.

Porque, três meses antes, na sessão de 26 de março desse ano de 1879, sob a presidência ainda de João Capistrano de Miranda e Castro, o acadêmico José Bernardino dos Santos declarou que via

com magoa o Parthenon decadente, e não pôde comprehender a razão porque, assim como não comprehende a razão porque o snr. 1º Secretario, que profliga com tanta acrimonia as Directorias transactas, quer retirar sua assignatura do protesto contra essas faltas que acusa, mas que elle orador não quer accreditar que houvessem dado, a não ser no periodo illegal em que funcionára ultimamente o Parthenon.⁴

E continua Bernardino dos Santos:

Censura a marcha econômica e administrativa, a falta de eleição, o desleixo da secretaria e da bibliotheca, e termina perguntando quem autorizou o Secretario a fazer socios fundadores, e a excluir do quadro aquelles que como taes farão reconhecidos e tem os seus diplomas muito legaes.

No mês seguinte, em 2 de abril desse 1879, a Assembléia-geral elegeu a nova diretoria, restando presidente Achylles Porto Alegre; vice, João Capistrano de Miranda e Castro. Foram criadas várias diretorias e comissões incluindo, assim, quase todos os acadêmicos associados, sendo que Luciana de Abreu integrou a Comissão de Literatura. Ela, na reunião seguinte, propôs discutir a tese: *quem pôde entre os escriptores brazileiros ser considerado o chefe de nossa literatura.*

O último número da revista circulou em setembro de 1879.

Affonso Luiz Marques, Luciana de Abreu, Amália dos Passos

4 Revista Parthenon Litterario, 4ª série, nº 1, abril de 1879.

Figueroa e José Antonio do Valle Caldre Fião haviam falecido. O desfalque era demais importante.

As aulas noturnas apresentavam dificuldades.

No dia 1º de fevereiro de 1884, Ramiro de Araujo endereçou carta aos membros da Comissão Fiscal da Aula Noturna do Parthenon Litterario (Apollinario Porto Alegre, Vasco Pinto Bandeira e Pedro Tude da Costa Ferreira)⁵:

Cumpr-me levar ao conhecimento de V. S^{as}. uma ocorrência que bem de perto vem alterar a marcha do trabalho a meu cargo, para a qual peço a atenção de V.S^{as} e espero que com a urgência possível darão as providências necessárias.

Não ignoram que é avultado o número de alunos que atualmente freqüentam esta aula, e que as salas dificilmente comportam-nos; no entanto, com desagradável surpresa na noite de 26 do mês p. findo encontrei uma das referidas salas completamente fechada, sendo aquela que é ocupada pelos móveis da biblioteca.

Aconteceu, pois, que com bastante desgosto tive de ordenar a saída dos alunos que aí trabalhavam, desgosto este que só afetou-me quanto ao desejo que tenho de concorrer distribuindo as m^{as} exíguas forças ao maior número de meus concidadãos, aos quais possam elas utilizar, porém, se como é fato, esta resolução veio ferir foi, por certo, a V. S^{as}, porque se até agora tenho funcionado nessa referida sala, é intuitivo que, para isso, tive a sanção de um poder competente, isto é, o de V. S^{as}.

Não está agora em m^{as} atribuições indicar o que lhes compete proceder; com mais acerto e mais justa deliberação.

Parece-me, contudo, que a deliberação de fechar a referida sala deveria ser feita de comum acôrdo com V. S^{as}, e desde que assim não foi feito e atendendo que tal proceder vem prejudicar os interêsses de não pequeno número de cidadãos a quem o Parthenon comprometeu-se dar-lhes instrução, e que por seu amor ao estudo, moralidade e disciplina tem feito jus a isso, convem tomar-se uma providência imediata.

Atendendo ao zelo e dedicação que tem patenteado a prol desta instituição o meu criterioso consócio Apollinario Pôrto Alegre,

5 Obra citada, Álvaro Porto Alegre, p. 80.

cometo-lhe esta tarefa, assegurando que das providências tomadas por V. S^{as} depende o meu proceder futuro.

Deus guarde a V. S^{as}.

O professor Ramiro de Araujo.

Na data de 17 de março de 1884, Ramiro de Araujo renunciou como professor⁶:

Ilmo. Sr. Apollinario Porto Alegre, Relator da Comissão da Aula Noturna do Parthenon Litterario.

Cumprre levar ao conhecimento de V. S^a, afim de transmitir ao Parthenon Litterario os motivos que me inibem de continuar a ser professor da aula noturna.

É V. S^a testemunha que, com certeza, será espontâneo em atestar que tenho sabido ser zeloso de meu dever, que, envidando tudo, satisfiz plenamente os compromissos que contrai.

Na apreciação dos fatos, sabe que tenho feito sacrificios, desde o pecuniário até o de minha saúde. No entanto, nem ao respeito a que tenho jus, pude conseguir; é portanto urgente terminar ou então fazer ainda um sacrificio — o do meu amor próprio.

Esse, porém, quer o Parthenon, quer os meus amigos, por seu próprio decôro, nunca m'o deverão exigir.

Se bem que seja um insignificante número de sócios que constante e sistematicamente fazem opposição a referida aula, vê-se que êsse proceder pode impedir a sua continuação; é sabido que também pequenos vermes, ferindo a raiz, ferem também os grandes cedros seculares.

V. S^a têm sempre acompanhado essa luta injustificável, combates onde se disputam pequenas paixões, onde tudo é enfesado e estéril, onde a individualidade é preferida aos grandes interesses.

Cedo satisfeito o pôsto que me foi conferido por V. S^a e espero que o meu sucessor venha trazer maior soma de benefícios devido a superioridade de recursos que deve possuir.

Deus guarde a V. S^a.

Ramiro de Araujo.

⁶ Obra citada, Álvaro Porto Alegre, p. 82.

As aulas noturnas continuaram mais um tempo.

A partir de então, dos cursos, museu e biblioteca não há notícia.

O final do Parthenon Litterario foi lento e gradual e não se tem certeza do seu destino último. Consta que tenha sido extinta por volta de 1925 mediante doação do terreno na rua Riachuelo pois, de fato, já deixara de existir a sociedade quando paralisou as suas atividades em definitivo.

Apollinario José Gomes Porto Alegre faleceu a 23 de março de 1904. Antes, porém, participou da fundação da Academia Rio-Grandense de Letras.

2

**ACADEMIA RIO-GRANDENSE
DE LETRAS**

UM POUCO DE HISTÓRIA

Tem-se como certo que a ideia acadêmica surgiu na Grécia, no Jardim de Academos, nos arredores de Atenas. Ao contrário de Sócrates, que nasceu em família humilde, Platão era abonado e, como cidadão ateniense, adquiriu uma propriedade e ali construiu prédios e plantou árvores num jardim adornado por estátuas.

Nesse local fundou a Akademia, que se constituiu em comunidade frequentada por jovens em busca de melhor educação e por intelectuais consagrados que ali debatiam a existência humana, a questão política e a arte.

Aristóteles, aos dezoito anos, dirigiu-se a Atenas, onde acompanhou as lições de Platão na Academia durante perto de duas décadas.

Desses encontros surgiu, para o mundo, a denominação de Academia para significar o conagraçamento de ideias, num plano superior, bem como para nominar instituições de ensino.

De todos os exemplos que surgiram em decorrência dessa grandiosa experiência cultural, cabe ressaltar a que, em 1582, foi inaugurada, na cidade de Florença, Itália: a *Accademia della Crusca*.

As origens da *Accademia della Crusca* remontam ao decênio 1570-1580 e às reuniões de um grupo de amigos que se autodenominaram *Brigata dei Crusconi*, algo como Brigada dos Farelos, referindo-se à parte do grão do trigo que sobra após o seu moinho. Com esse nome indicavam a vontade de diferenciar-se do pedantismo da Academia florentina, com seus pintores e escultores financiados pelos Medici, e estes referiam-se à Crusca como local de conversas lúdicas de pouca importância.

Interessante registrar que são tradicionalmente mencionados como fundadores *della Crusca* Giovan Mattista, apelido *Solo* (chão, piso); Anton Francesco Grazzini, o *Lasca* (peixe de água doce); Bernardo Canigiani, o *Gramolato* (fase que serve para adensar a massa

do pão); Bernardo Zanchini, o *Macerato* (macerado, esmagado, como macera-se o grão para fazer a farinha); Bastiano de Rossi, o *Inferigno*; e Leonardo Salviati, o *Infarinato* (coberto de farinha). Assim, com tais cognomes, a mensagem era separar a farinha fina (a boa linguagem) do farelo (a vulgaridade). As traduções são difíceis, as palavras são do latim arcaico e quando constam do dicionário resultam em outras imagens.

A *Accademia della Crusca*¹ é a mais antiga academia linguística do mundo. Nos seus quatro séculos de atividade distingue-se pelo empenho em manter *pura* a língua italiana original, tendo publicado, já em 1612, a primeira edição do *Vocabulários dos Acadêmicos da Crusca*, que serviu de exemplo lexicográfico até para as línguas francesa, alemã e inglesa.

A *Accademia della Crusca* faz parte da Federação Europeia das Instituições Linguísticas Nacionais, cujo objeto é elaborar política comum de proteção às línguas nacionais europeias.

Hoje, a *Accademia della Crusca* é o mais importante centro de investigação científica dedicado ao estudo e promoção da língua italiana.

Em 1690 surgiu, em Roma, a *Accademia dell'Arcadia*, uma das mais antigas e representativas academias italianas.

Teve início com a reunião de quatorze literatos, entre os quais Giovan Mario Crescimbeni, seu primeiro curador, no jardim do convento de *San Pietro in Montorio*, no dia 5 de outubro. Nos séculos seguintes prosseguiu suas atividades alternando períodos de maior vivacidade e outros mais opacos. Em 1925 alterou o nome para *Accademia Letteraria Italiana*, como conserva até os dias atuais, promovendo os estudos literários, favorecendo a difusão do estudo e conhecimento da cultura italiana nas suas múltiplas expressões, da literatura à música e outros ramos da Arte.

Outras sociedades com o mesmo objetivo surgiram na Itália, mas todas tiveram tempo efêmero de vida.

Cinquenta e três anos depois da *Accademia della Crusca*, foi criada a Academia Francesa de Letras, que passaria a balizar todas as congêneres que surgiram posteriormente.

Inicialmente, um grupo de intelectuais passou a reunir-se

¹ Disponível em www.accademiadellacrusca.it.

informalmente para debates teóricos, nas décadas de 1620-1630, e isso teria ocorrido na casa do escritor Valentin Conrart. Sabendo disso, em 1635, o Cardeal Richelieu os tornou seus protegidos e obteve do Rei Luis XIII a Carta Real instituindo a *Académie*. A Carta só foi registrada perante o Parlamento Nacional em 10 de julho de 1637.

Durante a Revolução Francesa, a Convenção Nacional obrigou o encerramento das suas atividades, as quais retornaram por ordem de Napoleão Bonaparte, em 1803.

A *Académie Française* é a mais antiga das academias que compõem o *Institut de France*: *Académie Française* (1635), *Académie des Inscriptions e Belles-Lettres* (1663), *Académie des Sciences* (1666), *Académie des Beaux-Artes* (1816) e *Académie des Sciences Morales e Politiques* (1795).

A sua função principal é organizar a língua nacional, responsável pela regulamentação da gramática, ortografia e literatura francesas, devendo torná-la pura, eloquente e capaz de lidar com as artes e as ciências (art. XXIV) e, para tanto, criou dicionário, gramática, retórica e poética (art. XXVI) e estabeleceu regras de ortografia (art. XLIV), embora suas decisões não possuam força de lei, sendo depositária da doutrina de Malherbe².

A eleição de candidatos à vaga existente requer maioria simples com o mínimo de vinte votos e aprovação do Presidente da República, que é o Protetor da Academia, mas este último item constitui mera formalidade. Eleitos como imortais, podem ser expulsos por impropriedade de conduta, o que já ocorreu vinte vezes.

No Brasil, pode-se considerar o ano de 1724 como o Ano 1 do movimento acadêmico, com a criação da Academia dos Esquecidos, formada com o propósito de coligir informações sobre a Nova Lusitânia. Este material seria enviado para a Corte a fim de ser anexado à monumental História de Portugal que estava sendo redigida pela Academia Real da História Portuguesa.³

Para resolver as dificuldades relativas às colônias, entre elas o Bra-

2 Poeta lírico (1555-1628), precursor da escola clássica, propondo a purificação da língua, recomendando clareza e precisão de estilo e a reforma técnica do verso.

3 Pedrosa, Fábio Mendonça, A Academia Brasílica dos Esquecidos e a História Natural da Nova Lusitânia, Revista da SBHC, nº 1/2003, p. 21.

sil, o Vice-Rei Vasco Fernandes César de Menezes instarou a Academia que, mais tarde, seus integrantes a denominaram *Dos Esquecidos* como protesto pelo fato de que a Academia Portuguesa não incluiu escritores brasileiros em seu quadro. Seus sete membros fundadores adotaram como pseudônimos os seguintes epítetos, como faziam seus pares lusos: Obsequioso, Nubiloso, Ocupado, Menos Ocupado, Laborioso, Vago, Venturoso.

Essa Academia teve vida curta e encerrou suas atividades no ano seguinte, em 1725.

Em 1736 surgiu a Academia dos Felizes, no Rio de Janeiro, da qual pouco ou nada restou registrado sobre suas atividades, as quais terminaram em 1740. Embora sua vida transitória, motivou a criação de uma tipografia. Foi substituída pela Academia dos Seletos que durou apenas um dia porque, como era costume na época, intitulavam “academia” qualquer reunião de intelectuais e esse único encontro objetivou expressar contentamento do grupo pela promoção recebida pelo governador da Capitania do Rio de Janeiro, que logo devia viajar ao Rio Grande do Sul. Os trabalhos apresentados nesse dia foram reunidos na publicação *Júbilos da América*.

Em 1759, em Salvador, surgiu a Academia dos Renascidos. Como alude o nome, a intenção era retomar a Academia dos Esquecidos, mas a agremiação durou só um ano porque seu fundador foi preso sob a acusação de colaborar com os franceses, em guerra com Portugal, e descurar da perseguição aos jesuítas.

Em 1894 surgiu a Academia Cearense, funcionando até 1922, quando Justiniano de Serpa, face a situação de que somente oito acadêmicos ainda residiam em Fortaleza, reorganizou a agremiação, agora sob o nome de Academia Cearense de Letras, ampliando o número de cadeiras para 40 e nominando os patronos. Com a morte do presidente no ano seguinte, a Academia restou no ostracismo até 1930, quando foi revitalizada e, desde então, publica sua revista ininterruptamente.

Em maio de 1900, foi criada a Academia Paraense de Letras e seu nascimento foi em conjunto com o Instituto Histórico e Geográfico do Pará.

Em janeiro de 1901 foi fundada a Academia Pernambucana de Letras com um total de vinte cadeiras. Dissolvida em 1910, foi reorganizada em 1920. Antes deste Sodalício, surgiram, em Pernambuco, as

academias Suassuna (1802) e Paraíso (1807), mas seu interesse maior era político, com ideologia republicana.

Nesse caldo de novas entidades surgiu a Academia Brasileira de Letras. Conforme descreve a própria Academia, em seu histórico:

No fim do século XIX, Afonso Celso Júnior, ainda no Império, e Medeiros e Albuquerque, já na República, manifestaram-se a favor da criação de uma academia literária nacional, nos moldes da Academia Francesa. O êxito social e cultural da Revista Brasileira, de José Veríssimo, daria coesão a um grupo de escritores e, assim, possibilidade à ideia.

Lúcio de Mendonça teve, então, a iniciativa de propor uma Academia de Letras, sob a égide do Estado, que, à última hora, se escusaria a tal aventura de letrados. Constituiu-se, então, como instituição privada independente, a Academia Brasileira de Letras.

As primeiras notícias relativas à fundação da ABL foram divulgadas a 10 de novembro de 1896, pela Gazeta de Notícias, e, no dia imediato, pelo Jornal do Commercio. Teriam início as sessões preparatórias: na primeira, às três da tarde de 15 de dezembro, na sala de redação da Revista Brasileira, na Travessa do Ouvidor, nº 31, Machado de Assis foi desde logo aclamado presidente.

A 28 de janeiro do ano seguinte teria lugar a sétima e última sessão preparatória à qual compareceram, instituindo a Academia: Araripe Júnior, Artur Azevedo, Graça Aranha, Guimarães Passos, Inglês de Souza, Joaquim Nabuco, José Veríssimo, Lúcio de Mendonça, Machado de Assis, Medeiros e Albuquerque, Olavo Bilac, Pedro Rabelo, Rodrigo Otávio, Silva Ramos, Teixeira de Melo, Visconde de Taunay, Coelho Neto, Filinto de Almeida, José do Patrocínio, Luís Mutar, Valentim Guimarães, Afonso Celso Júnior, Alberto de Oliveira, Alcindo Guanabara, Carlos de Laet, Garcia Redondo, Pereira da Silva, Rui Barbosa, Sílvio Romero e Urbano Duarte. Faltando gente para completar o quadro dos quarenta, ingressaram: Aluísio Azevedo, Barão de Loreto, Clóvis Bevilacqua, Domicio da Gama, Eduardo Prado, Luis Guimarães Júnior, Magalhães de Azevedo, Oliveira Lima, Raimundo Correia e Salvador de Mendonça.

A primeira diretoria: Machado de Assis, presidente; Joaquim Nabuco, secretário-geral; Rodrigo Otávio, 1º secretário; Silva

Ramos, 2º secretário; Inglês de Sousa, tesoureiro.

A sessão inaugural aconteceu no dia 20 de julho de 1897, numa sala do Museu Pedagogium, na rua do Passeio, e Joaquim Nabuco proferiu o discurso inaugural.

Machado de Assis, como Presidente, pronunciou a sua fala:

Senhores,

investindo-me no cargo de presidente, quisestes começar a Academia Brasileira de Letras pela consagração da idade. Se não sou o mais velho dos nossos colegas, estou entre os mais velhos. É simbólico da parte de uma instituição que conta viver, confiar na idade para funções que mais de um espírito eminente exerceria melhor. Agora que vos agradeço a escolha, digo-vos que buscarei na medida do possível corresponder à vossa confiança.

Não é preciso definir esta instituição, iniciada por um moço, aceita e completada por moços, a Academia nasce com a alma nova, naturalmente ambiciosa. O vosso desejo é conservar, no meio da federação política, a unidade literária. Tal obra exige, não só a compreensão pública, mas ainda e principalmente a vossa constância. A Academia Francesa, pela qual esta se modelou, sobrevive aos acontecimentos de toda casta, às escolas literárias e às transformações civis. A vossa há de querer ter as mesmas feições de estabilidade e progresso. Já o batismo das suas cadeiras com os nomes preclaros e saudosos da ficção, da lírica, da crítica e da eloquência nacionais é indício de que a tradição é o seu primeiro voto. Cabe-vos fazer com que ele perdure. Passai aos vossos sucessores o pensamento e a vontade iniciais, para que eles o transmitam aos seus, e a vossa obra seja contada entre as sólidas e brilhantes páginas da nossa vida brasileira. Está aberta a sessão.

Os três primeiros presidentes foram Machado de Assis (1897 a 1908), Rui Barbosa (1908 a 1919) e Carlos de Laet (1919 a 1922). Os três últimos, Ana Maria Machado (2012-13), Geraldo Holanda Cavalcanti (2014-15) e Domício Proença Filho (2016).

A MULHER NA ACADEMIA

Não encontro lugar melhor para inserir um capítulo dedicado à questão da mulher, que perpassa a história de todas as academias, além do anotado a respeito do Parthenon Litterario.

Começo com a celeuma que envolveu a Academia Brasileira de Letras.

Em 1911, como relata Michele Asmar Fanini¹, a filóloga Carolina Michaelis teve seu nome cogitado para o quadro de correspondentes, na sucessão do russo Léon Tolstoi, Cadeira nº 17, concorrendo com Anatole France. Na sessão de 9 de setembro de 1911, foi proposto, como preliminar, o exame da questão do sexo, mas optaram por destinar a vaga ao escritor francês porque o número de correspondentes portugueses estava preenchido, o que correspondia à verdade e, assim, sob a presidência de Rui Barbosa, evitaram discutir a questão de gênero. Da mesma forma, ainda é a pesquisa de Michele Fanini nos arquivos da ABL:

Durante pesquisa de criação da ABL, o nome da escritora Júlia Lopes de Almeida, foi cogitado por Lúcio de Mendonça para compor seu quadro de membros fundadores. Com exceção de José Veríssimo, Valentim Magalhães e Filinto de Almeida, este último, marido de Júlia Lopes, a sugestão foi negada, sob a alegação de que a agremiação, ainda embrionária, seguiria os passos da congênere francesa, a Académie Française de Lettres, fundada em 1635, cujo Regulamento restringia a candidatura aos indivíduos com sexo masculino.

Em 1930, Amélia Carolina de Freitas Beviláqua, ou Amélia Beviláqua, esposa do jurista Clóvis Beviláqua, candidatou-se para uma Cadeira na ABL e, em sessão de 29 de maio do mesmo ano,

¹ Fanini, Michele Asmar. Tese de doutoramento pela Faculdade Sociologia, USP, julho de 2010: A (in)elegibilidade feminina na Academia Brasileira de Letras – Carolina Michaëlis e Amélia Beviláqua.

por quatorze a sete, negaram o pedido e o colegiado, liderado pelo Presidente Aloísio de Castro, interpretou o disposto no segundo artigo do Estatuto afirmando que o vocábulo ‘brasileiros’ significava pessoa do sexo masculino.

Continua Michele Fanini, em sua pesquisa junto à ABL:

Clóvis Beviláqua rebate a oblíqua interpretação de seus pares com ironia, respaldando-se no precedente argumento de que, se assim o é, o dicionário da língua portuguesa, então em processo de elaboração pela própria Academia, certamente indicará que o verbete ‘brasileiro’ se refere apenas aos indivíduos do sexo masculino. O autor do Código Civil sustenta sua observação sublinhando que, tal como estatui o art. 2º deste documento, conforme o qual “todo o homem é capaz de direitos e obrigações”, as mulheres estão implicitamente representadas, pois, como é do conhecimento de todos, ‘homem’ representa uma categoria genérica.

Rachel de Queiroz foi a primeira mulher a ingressar na imortalidade acadêmica, em termos nacionais, ao ser eleita para a Cadeira nº 5, e isso em 1977.

Voltando no tempo.

No ano de 1976 discutiu-se, intensamente, a presença feminina na ABL. Nesse ano o Presidente era Austregésilo de Athayde. Em entrevista ao jornal Opinião², ele declarou:

[...] Agora, vêm as pessoas outra vez saber se a mulher vai entrar para a Academia, só por causa do prédio novo. Mas se esquecem que, quando a Academia foi fundada, decidiu-se que ela seria uma associação fechada só para homens. A Academia Francesa tem 300 anos e nunca admitiu mulheres, por que a nossa que tem apenas 80 iria admitir? E você acha que se houvesse uma Academia Feminina de Letras elas iam deixar a gente entrar? Nem ia pegar bem a gente pedir...

Geralmente me apontam e à Academia como inimigo das mulheres. Eu até gosto muito de mulher, sabe? Sexta-feira passada setenta e cinco mulheres vieram me visitar e sentaram-se em nossas cadeiras, eu até falei para elas. Mas elas não podem ser imortais,

2 Jornal Opinião, Rio de Janeiro, edição de 16 de julho de 1976

é uma questão de norma. Eu acho que, mesmo que no futuro elas possam se candidatar, vai ser muito difícil entrar mulher na Academia. Não é só porque seja proibido, é que elas mesmas não têm tendências para a literatura. Veja a mulher como cientista, por exemplo – o que foi que a mulher inventou que prestasse? Ela não inventou nada, não tem capacidade, não tem inventividade criadora. As poucas mulheres que se destacaram na ciência, é porque o marido incentivou. Citam a Mme. Curie, mas se não fosse o marido dela...

Além do mais, a natureza dividiu as coisas entre homem e mulher com que objetivo? Há campos em que, por natureza, a mulher não entra. Você pode argumentar: mas há muitas mulheres inteligentes. Há, eu sei. Mas veja só: há muitas mulheres mais inteligentes que muitos homens, mas nenhuma mulher é mais inteligente que o mais inteligente dos homens. É natural, por que na literatura seria diferente?

Três dias depois, o jornal Folha da Tarde publicou a coluna de Carlos Drummond de Andrade, com o título *Permitido para mulheres:*

Confidenciava o imortal, após a votação:

– Fomos coagidos. Levaram para o salão aquela moça bonita, Maria José de Queiroz. Quem teria a coragem de votar contra?

*

Bastou a Ilustre Companhia franquear suas poltronas aos dois sexos, desponta a reivindicação: o terceiro também reclama seus direitos.

*

Para acadêmicos de certa faixa etária, a convivência com as colegas bem dotadas pela natureza será lá fin d'un beau jour. Há crepúsculos deslumbrantes que compensam um ano inteiro de chuva. E até o enfarte pode ser feliz.

*

Ao tomar posse, a imortal terá direito a falar 30 minutos ou o resto da vida?

*

Outra comentou:

– Depois de nos barrarem a entrada por tanto tempo, dá a impressão de que agora nos chamam para espanar o tédio lá dentro.

Ainda em outubro, foi a vez das mulheres escritoras comparecerem às páginas dos jornais³.

Declarou Clarice Lispector:

Um escritor não depende do sexo a que pertence para existir e jamais serei candidata. Sou essencialmente mortal. E não me agradaria que, ao menor espirro, me olhassem como uma possível vaga. Além disso, não sou de tomar chá com bolinhos às quintas-feiras. Tenho mais coisas para fazer.

Rachel de Queiroz:

Falar em vaga é pensar na morte de algum dos acadêmicos, o que seria desagradável e indelicado neste momento em que todos os lugares estão ocupados.

Helena Silveira:

Lugar de escritor – seja homem ou mulher – não é a Academia, mas a trincheira (que não é algo identificado com a morte, a lama ou a metralhadora; sua definição é para a trincheira da construção). Estamos construindo um país e não é tomando chazinhos que vamos resolver alguma coisa. Uma nação se constrói na rua, no dia a dia da rua, com o trabalho de todos. As mulheres não devem entrar na Academia; os homens é que devem sair dela.

Contudo, Helena Silveira recebeu – e aceitou – o Prêmio Afonso Arinos, outorgado pela ABL e o Prêmio Alcântara Machado, da Academia Paulista de Letras.

Logo em seguida, o Jornal do Brasil estampou ampla reportagem sobre o mesmo tema: a mulher na Academia⁴.

Disse Lígia Fagundes Telles:

Sou feminista, e nessa qualidade, não posso aceitar nenhuma porta fechada, mesmo que seja da imortalidade. [...] Nos nomes

3 Jornal Folha de São Paulo, edição de 16 de outubro de 1976

4 Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, edição de 19 de outubro de 1976

elegíveis, gostaria de estar presente à posse de escritoras como Dinah Silveira de Queiroz, Rachel de Queiroz ou Clarice Lispector. Mas não desejo que ninguém morra para isso. Hoje, não quero. Mas não sei o dia de amanhã.

Rachel de Queiroz, novamente:

Não sou candidata. [...] Foi importante o gesto de unanimidade por parte dos imortais que ainda se opunham à idéia.

Maria Clara Machado:

Nunca me candidataria porque acho isso uma coisa do passado.

Dinah Silveira de Queiroz afirmou que a sua candidatura, seis anos antes, teve o intuito de provocar o debate e dar mais força aos que, dentro da Academia, defendiam o fim da discriminação. Sabia que não seria aceita. Quanto à mulher ser proibida de usar o fardão, disse que era uma tolice, pois o fardão diplomático era igual e as mulheres diplomatas não o usavam. Fardão de mulher é vestido de noite.

Nélida Piñon:

Não tenbo vocação acadêmica. Sou uma criatura inquieta e acredito que uma academia não seja o local adequado para subverter normas, mas sim para acomodar corações. Em hipótese alguma me candidatarei, e de tal modo me preocupo com o futuro, de me deixar contagiar com essas glórias, ou pela própria esclerose, que me antecipo, fazendo declarações que jamais possam ser esquecidas pela Academia. Eu conto com a memória da Academia para qualquer momento de fraqueza meu.

Retornando ao início deste capítulo, Rachel de Queiroz foi empossada na Academia Brasileira de Letras no dia 4 de novembro de 1977, ocupando a Cadeira nº 5; Ana Maria Machado, Cadeira nº 1; Dinah Silveira de Queiroz ocupa a Cadeira nº 7; Cleonice Berardinelli, cadeira nº 8, Rosiska Darcy de Oliveira, Cadeira nº 10; Lígia Fagundes

Telles, a Cadeira nº 16; e Nélida Piñon, a Cadeira nº 30.

No Rio Grande do Sul, o Parthenon Litterario contou com a presença de Luciana de Abreu, a primeira. Amália dos Passos Figueroa seguiu seus passos. Isso, no século dezenove.

Em 1936, foi eleita para a Academia de Letras do RGS a escritora Walkyria Neves de Salis Goulart. Para o Instituto Rio-Grandense de Letras, foram eleitas Alzira Freitas e Edite Hervé. Em 1944, com a fusão das academias, tomaram posse na Academia Sul-Rio-Grandense de Letras Marieta Mena Barreto Costa e Camila Furtado Alves, permanecendo Walkyria Goulart.

Depois entraram para a imortalidade, na Academia Rio-Grandense de Letras, Mila Zulmira Guimarães Cauduro, Betty Yelda Brognoli Borges Fortes, Marília Beatriz Cibils Becker, Hilda Agnes Hubner Flores, Jane Tutikian, Zélia Helena Dendena Sampaio, Kathrin Holzermayr Lerrer Rosenfield, Maria Eunice Garrido Barbieri e Maria da Glória Jesus de Oliveira.

SURGE A ACADEMIA RIO-GRANDENSE

Passaram-se quatro anos da fundação da Academia Brasileira de Letras. A Academia Rio-Grandense de Letras surgiu em 1901, mas a ideia germinava há mais tempo.

Um ano antes, por exemplo, em 1900, Santos Dumont voou com seu dirigível na França; a nossa República, ainda claudicante, fora proclamada apenas onze anos antes e Campos Sales era o presidente do Brasil; também completava apenas nove anos que desembarcara em Salvador, BA, o primeiro automóvel, movido a vapor, o que provocou grande alvoroço na cidade; dois anos depois aportou o primeiro automóvel movido a motor de explosão, trazido pela família de Santos Dumont.

Nesse ano preparatório à Academia Rio-Grandense, Machado de Assis lançou *Don Casmurro*; o jornal *Estadão de São Paulo* comemorou os vinte e cinco anos de sua fundação, quando denominava-se *A Província de São Paulo*; aconteceram os II Jogos Olímpicos da Era Moderna, em Paris; nos céus, sobre o Lago Constança, o conde Ferdinand Graf von Zeppelin demonstrou, com sucesso, o primeiro dirigível aéreo rígido do mundo.

No início de 1900, por ser considerado de bom gosto, a moda necessitava do uso de cores pastéis, leves e suaves. As cores vigentes era o rosa pálido, o azul claro, o malva e o preto. Na França, Charles Pathé criou a primeira indústria organizada para a produção de fitas cinematográficas.

No Rio de Janeiro, o presidente Campos Sales estabeleceu a “política dos governadores”. Em Porto Alegre surgiu o prédio da Escola de Engenharia; foi fundado o colégio Sévigné; entrou em funcionamento a estrada de ferro do Riacho, entre a Estação Riacho e a Estação Tristeza.

Nasceu Saint-Exupéry e faleceram Eça de Queiroz e Oscar Wilde.

Então surgiu o ano da graça de 1901, quando o espírito do Parthenon Litterario renasceria.

A Casa Edison, no Rio de Janeiro, introduziu o disco fonográfico; foi entregue o primeiro Prêmio Nobel, em Estocolmo; morreu a rainha Vitória, em Londres; a Austrália tornou-se federação, findando a possessão britânica; Mark Twain recebeu título de doutor *honoris causa* pela Universidade de Yale; publicaram *Os Budden Brooks*, de Thomas Mann; *A Cidade e as Serras*, de Eça de Queiroz; *Kim*, de Rudyard Kipling; *O Primeiro Homem na Lua*, de H. G. Wells; *As Três Irmãs*, de Anton Chekhov; e *A Psicopatologia da Vida Cotidiana*, de Sigmund Freud.

Nasceram Cecília Meireles, José Lins do Rego e Walter Spalding, este na cidade de Arroio do Ratos, RS, no dia 28 de outubro.

Escreve Aline Woloski¹:

Se antes as organizações eram escassas, após a instauração do Partenon Literário uma série de novas tentativas ocorreram.

Segundo Athos Damasceno Vieira (in Sociedades Literárias em Porto Alegre no Século XIX, pág. 66), a partir do surgimento dessa entidade verificou-se extraordinária vitalidade na esfera das letras: em trinta e dois anos, isto é, de 1868 a 1900, trinta e seis sociedades literárias foram fundadas e atuaram em uma cidade que, ao final do século XIX, ainda não havia alcançado a casa dos cem mil habitantes. Nem todos esses núcleos de cultura, porém, tiveram vida longa, mas não se pode deixar de constatar que uns substituíram outros em um encadeamento que não conheceu interrupções.

Entre o final do século XIX e o princípio do XX, o Brasil rompeu definitivamente com a monarquia e o regime escravocrata e a república emanava ideais libertários. O positivismo, uma nova doutrina política, ganhava espaço e poder através do presidente da Província, Júlio de Castilhos. Entre os anos de 1893 a 1896 o Rio Grande do Sul esteve polarizado entre maragatos e pica-paus, dois grupos divergentes, que lembravam o Rio Grande das batalhas de outrora. Agora eram os homens daqui, lutando entre si, na chamada Revolução Federalista. É nesse Rio Grande do Sul, de feridas abertas e de manutenção de privilégios da elite campeira, que é fundada a Academia Rio-Grandense de Letras.

¹ Woloski, Aline, Obra citada, p. 13,14.

A Academia foi fundada em 01 de dezembro de 1901, mas instalou-se em 10 de maio de 1902. Assim resumiu Ari Peixoto Martins²:

Era a terceira³ que nascia nos Estados, pois, à época, somente existiam no Brasil as congêneres do Ceará, que surgira em 1894, e de Pernambuco, fundada poucos meses antes, ainda em 1901 – afora, é claro, A Academia Brasileira de Letras, de âmbito não meramente provincial, que datava de 1896.

Olinto de Oliveira, para dar corpo à iniciativa da criação de um grêmio cultural aos moldes acadêmicos em Porto Alegre, reuniu em torno de si um pugilo de distintas figuras da literatura e da imprensa – entre as quais algumas que vinham dos tempos áureos do Partenão Literário – e, assim, a 10 de maio de 1902, pôde fazer a instalação solene do sodalício, em sessão memorável realizada no salão de festas do veterano Clube do Comércio da capital riograndense, sendo orador oficial Alcides Maya.

Primeira Diretoria:

Presidente: Aurélio Verissimo de Bittencourt; Secretário-geral: Joaquim Alves Torres; Primeiro Secretário: Benjamim Flores; Segundo Secretário: Mário Ribeiro Totta; Tesoureiro e Bibliotecário: Apelles Porto Alegre. Comissão de História e Bibliografia: Alcides de Mendonça Lima, Alfredo Ferreira Rodrigues, João Cândido Maia, Sebastião Afonso de Leão e Tito Vilalobos. Comissão de Publicidade e Crítica: Achylles Porto Alegre, Alcides de Castilhos Maya, Apollinario Porto Alegre, Francisco Antonio Vieira Caldas Junior, José Joaquim de Andrade Neves Neto, Mário de Artagão (Antonio da Costa Correia Leite Filho) e Olimpio Olintho de Oliveira. Orador oficial do ato inaugural: Alcides de Castilhos Maya.

Contudo, logo após sua eleição, Aurélio de Bittencourt renunciou, assumindo Olintho de Oliveira que passou a ser considerado o primeiro Presidente da Academia.

O jornal *Correio do Povo* assim noticiou o fato⁴:

2 Martins, Ari. As Academias de Letras no RGS, Revista da Academia Sul-riograndense de Letras, ref. anos de 1951/1952, publicada em 1953, p. 42-43.

3 Na verdade, a quarta, também existia a do Pará.

4 Edição de 13 de maio de 1902

Aurelio de Bittencourt, o considerado acadêmico que, por impedimento de ordem relevante renunciou o cargo de presidente, fez sentir que só por impossibilidade ocasional deixará de comparecer à inauguração da Academia Rio-Grandense de Letras.

Ari Martins, relacionou os patronos e acadêmicos, nessa primeira fase e aqui transcrevo os nomes oficiais:

Cadeira	Patrono
01. Appeles José Gomes Porto Alegre	Affonso Luiz Marques
02. Mário d'Artagão	Alberto da Costa Correia Leite
03. José Romanguera da Cunha Correia	Antonio Alvares Pereira Coruja
04. Achylles José Gomes Porto Alegre	Francisco Antunes Ferreira da Luz
05. José Carlos de Souza Lobo	Manoel José de Araujo Porto Alegre
06. Sebastião Afonso de Leão	Argemiro Galvão
07. Joaquim Alves Torres	Arthur Pinto da Rocha
08. Lourenço da Fonseca	Bibiano Francisco de Almeida
09. Apollinario José Gomes Porto Alegre	José Antonio do Valle Caldre Fião
10. José Joaquim de Andrade Neves Neto	Ernesto Alves de Oliveira
11. José Paulino de Azurenha	Eudoro Brasileiro Berlinck
12. Aurelio Bittencourt Junior	Felix Xavier da Cunha
13. Alfredo Lisboa	Fernando Ferreira Gomes
14. Mário Ribeiro Totta	Hilário Ribeiro de Andrade e Silva
15. Francisco Antonio Vieira Caldas Junior	Ignácio de Vasconcellos Ferreira
16. Marcello Gama	Ismael Lopes
17. Olimpio Olintho de Oliveira	Joaquim Caetano da Silva

18. Benjamim Flores	José Bernardino dos Santos
19. Tito Vilalobos	José Vilaobos Junior
20. Ernesto Francisco de Souza e Silva	Leopoldo Chaves
21. Zeferino de Souza Brazil	Francisco Lobo da Costa
22. Alcides de Mendonça Lima	João Joaquim Candido de Macedo Junior
23. João Candido Maia	Juvencio Augusto de Menezes Paredes
24. Alcides de Castilhos Maya	João Carlos de Medeiros Pardal Mallet
25. Alfredo Ferreira Rodrigues	Bernardo Taveira Junior

Segue Ari Peixoto Martins afirmando que “efêmeramente viveu a entidade nessa fase. Falecidos alguns, mudados de residência outros – entre êsses o próprio organizador – sobreveio o inevitável adormecimento, ao que consta por volta de 1903, que durou longos anos”, ou seja, até 1910⁵.

Como escreveu Aline Woloski, com base em nota publicada no jornal *Correio do Povo*, em 30 de novembro de 1975, a Academia

passou a sofrer influência do ambiente político do período e dos desentendimentos dos confrades. A inicial alternância da presidência da agremiação já era um indicativo de que divergências mais fortes poderiam causar futuros problemas. Os desentendimentos entre Olinto de Oliveira e Aurélio de Bittencourt, que persistiram após a alternância da direção da entidade, com conseqüências que abalaram profundamente o quadro social e refletiram nas atividades culturais.” [...] Com a persistência de tais adversidades, mesmo com o afastamento de Olinto de Oliveira, que estava na Capital do País, Rio de Janeiro, a Academia Rio-Grandense de Letras, após alguns anos de funcionamento, suspendeu suas atividades até 1910, quando surgiu nova tentativa para reerguer a instituição.

O mesmo afirmou Hélio Moro Mariante, que acrescentou⁶:

5 Consta que teria suspenso suas atividades por volta de 1903.

6 Mariante, Hélio Moro. *Memória Acadêmicas*. Revista da Academia Rio-Grandense de Letras, nº 9, 1989, p. 18-19.

A entidade iniciou com vinte e cinco membros efetivos.

Seu primeiro estatuto dispôs que ditos membros deveriam residir no Rio Grande do Sul, sendo quinze na capital e dez no interior do estado. Para atingir o número de quarenta, clássico nas Academias de Letras, quinze nomes seriam classificados como sócios correspondentes.

Os primeiros anos de atividade foram repletos de iniciativas culturais.

Seu primeiro presidente foi o conhecido intelectual e homem de ciência dr. Olinto de Oliveira.

Com o perpassar do tempo a entidade passou a sofrer a influência do tenso ambiente político-partidário então reinante no Rio Grande do Sul, surgindo sérias divergências entre alguns dos seus membros, salientando-se o desentendimento havido entre os confrades Olinto de Oliveira e Aurélio de Bittencourt, com conseqüências que abalaram profundamente o quadro social, refletindo-se, como não poderia deixar de ser, de maneira negativa, nas atividades culturais.

As reuniões foram reduzindo-se paulatinamente até a entidade chegar a um total marasmo, acentuado com a transferência do presidente Olinto de Oliveira para o Rio de Janeiro.

Vários acadêmicos, insatisfeitos com a situação, tentavam uma reanimação, vendo frustrados os seus anelos.

Permaneceu em quase total inatividade cerca de quatorze anos.

Como era a realidade literária no Estado nesse período inicial do século vinte, quando nasceu a Academia Rio-Grandense de Letras e, nove anos mais tarde, surgiu a Academia de Letras do Rio Grande do Sul?

Guilhermino César logrou um resumo suficiente para dar-nos essa visão, e o fez no último capítulo da sua obra célebre⁷:

A publicação de 'Via Sacra', primeiro livro de Marcelo Gama, no ano de 1902, assinala o termo do quinto período.

O Rio Grande fôra sacudido, ao findar o século, por acontecimento político de grave transcendência – a Revolução de

⁷ Cesar, Guilhermino. História da Literatura do Rio Grande do Sul, Editora Globo, 1956. p. 391-393.

93, página sombria da história local, guerra civil cruenta, que deixou atrás de si ampla sementeira de rancores e ressentimentos. Alguns intelectuais, premidos por violências vindas de todos os lados, foram viver no Prata ou em outros pontos do nosso país; entre eles, Apolinário Pôrto Alegre, que voltou do exterior, onde se refugiara, alquebrado e desiludido. Em tal ambiente de luta, passou despercebida a obra de alguns bons poetas, como Alarico Ribeiro, que, sendo homem de partido, teve seu livro 'Oásis', estudado páginas atrás, inteiramente olvidado pela grande maioria dos que em política militavam em campo oposto. Do ponto de vista literário, a atmosfera abrasada de paixões contribuiu para que se fechassem melancolicamente as portas do século anterior.

Entretanto, prosseguiu a fermentação das idéias, mais ativa que nunca. No campo doutrinário, comtistas e spenceristas terçavam armas. A Escola de Engenharia de Pôrto Alegre, nosso primeiro estabelecimento de ensino superior, fundada em 1896, como parte integrante da Universidade Técnica, germe da Universidade federal de hoje, centralizava inquietações que principiavam já a solapar o primado do comtismo. A Constituição de 14 de julho, pomo de discórdia das facções de Júlio de Castilhos e Silveira Martins, mantinham em pé de guerra o espírito das elites. Estas se haviam dividido literariamente em dois grupos: o da revista Mecenas (1893) e o do Centro Literário (1897).

Nesse momento de exaltação, o novo século pôde contemplar, atuando nos quadros literários rio-grandenses, muitas figuras, já consagradas: Damasceno Vieira, Fontoura Xavier, Múcio Teixeira, Aquiles Pôrto Alegre, Mário de Artagão, na poesia; Alfredo Varela, José Artur Montenegro, Assis Brasil, Graciano Alves de Azambuja, Alcides Cruz, Alfredo Ferreira Rodrigues, Carlos Maximiliano, Alcides Maya, José Bernardino Bormann, na historiografia e no ensaio; Pedro Moacyr, na oratória parlamentar; Germano Hasslocher e Caldas Júnior, no jornalismo político; José Romaguera Correia, na dialetologia.

Aos nomes citados, ocupantes de postos eminentes na evolução intelectual rio-grandense, sob o patriarcado de Apolinário Pôrto Alegre, então quase emudecido, juntam-se os 'novos' que irromperam brilhantemente no primeiro decênio do século atual: Alberto Ramos,

Marcelo Gama, Zeferino Brazil, José Picorelli, Aurélio Pôrto, Pedro Velho, Pinto da Rocha, Barbosa Neto, Alcides Miller, Eduardo Guimaraens, Álvaro Moreyra, Othelo Rosa, João Pinto da Silva, Felipe d'Oliveira, na poesia, e Alcides Maya, Luiz de Araújo Filho, Roque Callage, João Simões Lopes neto, na prosa de ficção.

1902 anuncia, como dissemos, o aparecimento de Marcelo Gama, que vai chefiar, sem o saber, uma nova corrente, mitigando a objetividade dos primeiros parnasianos com a sua poesia tão extravagante e originalmente subjetiva. Numa linha que parte da 'Via Sacra' e se continua em Pedro Velho, Zeferino Brazil ('Vovó Musa', livro de importância singular, é de 1903) e Alceu Wamosy, cuja estréia data de 1913, o parnasianismo evolue mansamente para a revolução espiritualista. Embora outros, também novos, permaneçam fiéis à maneira de ser daquela escola, tal como se apresentou no primeiro momento; é o que acontece com Artur Pinto da Rocha ('Talita', poema dramático, 1906), Barbosa Neto ('Molduras e Visões', 1907), Othelo Rosa ('Canções da Mocidade', 1909), João Pinto da Silva ('Estalactites', 1910).

Cruz e souza, vizinho de Florianópolis, Alphonsus de Guimaraens, mineiro, e o grupo de O Cenáculo, de Curitiba, lograram rápida difusão em Pôrto Alegre e no interior do Estado. Eugênio de Castro, Antônio Nobre e mesmo Cesário Verde haviam encontrado também ressonância entre os nossos poetas do novo século, penetrando-lhes profundamente a sensibilidade, acordando-os para a batalha do antimaterialismo. A nova geração, em sua maior parte, foge ao passado heróico do Rio Grande, interioriza-se, ausenta-se. Nota-se isso sobretudo na temática e na musicalidade predominantes. As noites de inverno, os poentes de outono, linhas imprecisas da paisagem, sugestões do vocabulário litúrgico – o que é frágil e leve desperta a sensibilidade dos autores de vanguarda.

E foi então que se deu, na obra dos autores mais significativos, a proscrição definitiva de todo e qualquer 'tropicalismo', traço que Mário de Andrade, com agudeza, observou faltar à literatura gaúcha da fase contemporânea. Tropicalismo que os românticos, Múcio Teixeira e Lôbo da Costa, entre outros, não desdenharam de todo, no momento em que o prestígio dos românticos do Norte se fez sentir com maior intensidade no complexo literário rio-grandense, conforme acentuamos páginas atrás.

A essa influência inicial de brasileiros e portugueses, segue-se a de franceses e belgas – Verlaine, Rodenbach, Samain – sobretudo a partir de Eduardo Guimaraens, cuja estréia em livro se dá em 1908.

Isto quanto à poesia.

Na prosa, retomando o fio da tradição ‘continentina’, Alcides Maya e João Simões Lopes Neto voltam à campanha, sacodem o ‘monarca das coxilhas’, revolvem o passado rio-grandense, e então, estilizando, afeiçoando, brunindo a prosa, retorcendo o período – provocam o surgimento de um novo tipo de literatura regional.

O Pré-modernismo não tardaria a aparecer.

3

**ACADEMIA DE LETRAS DO
RIO GRANDE DO SUL**

No período de estagnação da Academia Rio-Grandense de Letras, após sua fundação, alguns fatos ocorreram no Brasil e no mundo antes da retomada da vida acadêmica.

Por exemplo, em 1906, Santos Dumont sobrevoou Paris com o 14-Bis. Em 1907 realizou-se a II Conferência Pela Paz em Haia, Holanda, onde destacou-se Rui Barbosa como o *Águia de Haia*; e foi lançada a revista *Fon-Fon*. Em 1909 foi inaugurado o Teatro Municipal do Rio de Janeiro; Carlos Chagas descobriu que a doença, depois conhecida como *Mal de Chagas*, era produzida pelo inseto Barbeiro; foi fundado o Sport Club Internacional, em Porto Alegre; Getúlio Vargas e José Antônio Flores da Cunha elegeram-se deputado estadual.

Em 1910 iniciou a Revolução Mexicana e Vassily Kandisky inaugurou a arte abstrata. Foi proclamada a república em Portugal; na Guanabara, marinheiros, liderados por João Cândido, revoltaram-se exigindo a revogação do regime primitivo da chibata. Fundado o Sport Club Corinthians, em São Paulo, por quatro operários que se juntaram a mais oito pessoas; Marechal Hermes da Fonseca substituiu Nilo Peçanha na presidência do Brasil; nasceram Tancredo Neves, Jacques Cousteau, Madre Teresa de Calcutá e Akira Kurosawa; faleceram Joaquim Nabuco, Mark Twain e Leon Tolstói. Santos Dumont sofreu acidente com o *Demoiselle II*; primeira apresentação das óperas *Maia* e *Malbrouck*, de Ruggero Leocavallo, em Roma; Getúlio Vargas casou com Darcy Sarmanho; o ensino superior foi liberado para as mulheres, na Espanha; Afrânio Peixoto foi eleito presidente da Academia Brasileira de Letras. A professora Deolinda Daltro funda o Partido Republicano Feminino; Roque Callage publicou *Escombros*; e Alcides Maia, a obra *Ruínas Vivas*.

Como registrado por Hélio Moro Mariano, lembrando os motivos que paralisaram as atividades da Academia fundada em 1901¹:

Essa conjuntura passou a preocupar a intelectualidade gaúcha, não só dos integrantes do Sodalício, como de livres

1 Mariante, Hélio Moro. Obra citada, p. 21.

atiradores, uns e outros não se conformando que o Rio Grande do Sul não contasse com uma instituição cultural atuante.

Foi formado, então, um grupo de homens dedicados às belas letras, liderados pelo médico e escritor César de Castro. Após várias reuniões foi fundada, no dia 10 de abril de 1910, e instalada no dia 11 de junho desse mesmo ano, nova instituição que recebeu o nome de Academia de Letras do Rio Grande do Sul, dela fazendo parte alguns intelectuais integrantes do quadro social da academia pioneira (Arthur Pinto da Rocha, César de Castro e Zeferino Brasil), três nomes exponenciais, o que revela a existência de dissidência interna naquele grêmio acadêmico.

Uma constante na nossa história acadêmica, como já escrito, é a disputa intestina de vaidades e posturas políticas, culminando com o dissenso interno, divisão do colegiado em facções e, finalmente, abandono do Sodalício.

Como consequência direta dessa dicotomia, passado algum tempo, os mesmos intelectuais não retomam as associações adormecidas, simplesmente criam outras, como fazem os políticos quando perdem espaço em seus grupos e logo inauguram outro partido onde podem exercer o domínio de vontade.

Não foi diferente em 1910.

Tendo ao seu dispor a Academia Rio-Grandense de Letras, apenas esquecida, não a revigoraram; instituíram a Academia de Letras do Rio Grande do Sul. Talvez tenha sido esse caldo de desavenças que conduziu à renúncia dos fundadores João César de Castro, Augusto Porto Alegre e Arthur Pinto da Rocha e, novamente, quatorze anos mais tarde, os escritores acadêmicos afastaram-se uns dos outros e, já em 1932, nova entidade nasceu. A repetição da mesma coisa.

Ary Peixoto Martins tem sido citado por quem busca recuperar a fase inicial dessa academia e, conforme sua opinião² (cujos argumentos não apresenta) não havia o propósito de cisão, a nova instituição apenas indicou a vontade de não ferir melindres ou de serem, os novos fundadores, chamados de invasores da seara alheia. Essa crença de Ary Martins fere a lógica dos acontecimentos já que a

2 Martins, Ari. Revista da Academia Sul-Riograndense de Letras, 1951. *As Academias de Letras no RGS*, p. 43.

academia de 1901 estava há quase sete anos desativada, seu presidente Olímpio Olintho de Oliveira residia no Rio de Janeiro, a entidade estava vazia e acéfala, simplesmente inexistia a tal seara alheia. E ao lado do fundador João César de Castro perfilaram-se membros da Academia Rio-Grandense de Letras, como João Maia, Achylles Porto Alegre, Zeferino Brazil, Mário Artagão e Alfredo Ferreira Rodrigues. Poderiam, simplesmente, ter retomado as atividades da Academia existente.

Fundada em 17 de abril de 1910³, nessa data foi assinado o Estatuto social⁴ que estabeleceu como objetivos essenciais:

- a) Promover o desenvolvimento das bellas lettras rio-grandenses visando a todo o transe emancipal-as e encarecel-as;*
- b) Curar da historia geral do Rio Grande do Sul.*

Previu a composição de trinta Cadeiras, com membros vitalícios, em duas categorias:

- Effectivos, com residencia no Estado, em numero de vinte;*
- Titulares, com residencia fóra do Estado, em numero de dez;*
- § único – Dos da primeira categoria ao menos dez têm de residir em Porto Alegre.*

Como requisitos para admissão:

- a) Possuir capacidade litteraria reconhecida mediante um livro pelo menos;*
- b) Ser rio-grandense, ou, mui excepcionalmente, brasileiro nato ou naturalizado que, pelo seu devotamento ás lettras rio-grandenses, expresso em actos e livros, se recommende ao especial apreço da Sociedade.*

A Direção foi estruturada nos artigos VI e VII:

O conjuncto academico reger-se-ha:

3 Revista da Academia de Letras do RGS, nº 1, 1910, p. XI-XVI.

4 Cópia nos anexos do site do Autor.

- a) *Por uma Directoria de Honra, composta por trez membros;*
- b) *Por uma Juncta Administrativa, formada por um presidente, um vice-presidente, um secretario e um bibliothecario;*
- c) *Por duas commissões de trez membros, sendo uma de Historia Geral e outra de Publicismo e Crítica.*

A Directoria de Honra seria insubstituível e, portanto, imortal; a Juncta Administrativa, eleita por três anos, podendo reeleger-se indefinidamente.

O artigo XXVII estabeleceu o prazo mínimo de três anos para qualquer alteração estatutária. Contudo, três meses⁵ bastaram para a modificação da sua composição social: aumentou o número de Cadeiras para quarenta, sendo trinta de Effectivos e dez de Titulares, e na primeira, vinte deviam residir na Capital.

E, dentre os requisitos de admissão, foi suprimida a expressão *mediante um livro pelo menos*. Criou o cargo de tesoureiro e estabeleceu a edição da revista, redigida pela Comissão de Publicismo, *sob as vistas do presidente*, e que *apparecerá em ephocas indeterminadas*.

Essas novas disposições datam de 31 de julho de 1910, assinadas por João Maia, Achylles Porto Alegre, Irineu Trajano da Silva e Lindolpho Boeckel Collor.

Juntamente com o Estatuto, na sua primeira redação, foi aprovado o Regimento Interno⁶.

A mesma revista inicial apresenta um texto sem assinatura, sobre os motivos da nova academia, e de tal modo hermético, confuso e de certa forma presunçoso pelos termos pedantes empregados, que deixo de transcrevê-lo. Como indicativo da mentalidade afetada e distante do entendimento popular, registro o último parágrafo do *Preambulo Geral*:

Fica assim vagamente esboçado o sentido da nossa iniciativa, bosquejada a configuração da nossa empresa e, para usar um preciso termo nautico, gisada a loxodromia invariavel da nossa rota.

5 Revista da Academia de Letras do RGS, nº 1, 1910, p. 42,43. Cópia no site do Autor.

6 Revista da Academia de Letras do RGS, nº 1, 1910, p. XVII-XXII. Cópia no site do Autor.

Ou seja, a Academia Rio-Grandense de Letras permanecia viva como ente jurídico, mas adormecida. Uma outra agremiação foi criada, embora com alguns membros oriundos daquela. É importante este detalhe para afastar a ideia de que a Academia que, em 1944 assumiria esta (Letras do RGS), de 1910, com o mesmo nome da pioneira, constitui-se em nova entidade.

Ari Martins⁷ é da mesma opinião:

Em resumo: a mesma gente, o mesmo alevantado intuito de manter inalterada a tradição acadêmica que no Rio Grande do Sul não nascia naquele ano de 1910, como não nascera também no de 1901, mas surgira – como não se pode contestar – com o próprio Partenão Literário de Apolinário Pôrto Alegre.

A Revista da Academia, em seu número inaugural, transcreveu a ata da primeira reunião pública⁸:

No dia 11 de junho, á noite, effectuou-se o solemne acto inaugural da Academia de Letras do Rio Grande do Sul.

Iniciou os trabalhos, perante numerosa e selecta assistencia, Cesar de Castro, flanqueado pelo vice-presidente João Maia e secretario Lindolpho Collor.

Disse o presidente que era essa a primeira sessão publica celebrada pela Academia.

Em seu rápido discurso, César de Castro deixou assignalada a grande dificuldade inherente a empreendimentos como esse, que alguns homens de letras do extremo sul do Brazil pretendem levar a cabo; e, ao terminar, regosijando-se com a realidade da existência da Academia, manifestou a convicção de que a nova instituição ha de perpetuar-se, gloriosamente, para o engrandecimento do Rio Grande do Sul.

O secretario leu, em seguida, a correspondencia enviada á Academia e relativa á sua inauguração.

César de Castro convidou, então, Achylles Porto Alegre e Pinto da Rocha, directores de honra da Academia, a tomarem assento á

7 Martins, Ari. Obra citada, p. 42-56.

8 Revista da Academia de Letras, nº 1, 1910, p. 33-41.

mesa, lembrando a ausencia do terceiro director honorario, Zeferino Brazil.

Ao tomar assento á mesa dos trabalhos, foi a directoria de honra recebida com prolongada salva de palmas.

A senhorita Lili Hartlieb cantou, por essa occasião, um sólo, acompanhado, ao piano, pelo maestro Pedro de Araujo Vianna. Ao terminar a execução desta parte do programma, Mariano da Rocha offereceu aos dois virtuosi uma corbeille e ramilhete.

Teve, então, a palavra Pinto da Rocha, que leu a vigorosa peça oratoria com que se inaugurou oficialmente a Academia de Letras.

[...]

Ao terminar, o orador foi aclamado por espaço de mais de cinco minutos, tomando, então, novamente a palavra para agradecer aquella ovação, que esperava elle fosse tributada á Academia.

A senhorita Lili Hartlieb cantou, em seguida, outro trecho musical, acompanhada, ao piano, pela senhorita Augusta Hartlieb, á qual a Academia offereceu tambem uma cesta de flores naturaes.

A solumnidade celebrou-se no salão nobre da Associação dos Empregados no Commercio, gentilmente cedido para esse fim.

Estiveram presentes á festa o dr. Vasco Bandeira, chefe de policia, representando o presidente do Estado; o coronel Cypriano Ferreira, commandante da brigada militar; representantes dos bispos diocesano e coadjutor, do intendente municipal, de outras autoridades civis e militares, imprensa, etc.

O Jornal do Commercio, do Rio, esteve representado pelo sr. Alves Junior.

Durante a sessão, tocaram bandas de musica do exercito e da brigada militar.

Encerrada a sessão solemne, os academicos dirigiram-se, acompanhados de familias, á sede da Academia, onde foram servidos doces e liquidos.

A composição dos quadros de patronos e acadêmicos mudou.

Perderam a condição de patronos: Affonso Luiz Marques, Antônio Alvares Pereira Coruja, Francisco Antunes Ferreira da Luz, Argemiro Galvão, José Antonio do Valle Caldre Fião, Hilário Ribeiro de Andrade e Silva, Ignácio Vasconcelos Ferreira, Ismael Lopes, José

Bernardino dos Santos, José Vila lobos Junior, José Joaquim Candido de Macedo Junior, Juvencio Augusto de Menezes Paredes.

Como ficou o quadro de patronos e acadêmicos em 1910⁹:

Acadêmico	Patrono
01. João Fanfa Ribas	Alarico Ribeiro
02. Mário de Artagão	Alberto da Costa Correia Leite
03. João Simões Lopes Neto	Álvaro Chaves
04. José de Assis Brasil	Apollinario Porto Alegre
05. Achylles Porto Alegre	Manoel José de Araujo Porto Alegre
06. João Cezar de Castro	Arthur de Oliveira
07. João Candido Maia	Artur Rocha
08. Alfredo Ferreira Rodrigues	Bernardo Taveira Junior
09. José Mariano da Rocha Filho	Bibiano Francisco de Almeida
10. Zeferino de Souza Brazil	Arnaldo Damasceno Ferreira Vieira
11. Arthur Pinto da Rocha	Eduardo de Araujo
12. José Joaquim de Andrade Neves Neto	Ernesto Alves de Oliveira
13. Dantas Barreto	Eudoro Brasileiro Berlinck
14. Lindolpho Boeckel Collor	Félix Xavier da Cunha
15. José Paulo Ribeiro	Fernando Ferreira Gomes
16. Miguel Ferreira	Joaquim Alves Torres
17. Irineu Trajano da Silva	Joaquim Caetano da Silva
18. João Pinto da Silva	José Carlos Rodrigues
19. Osvaldo Espinosa Vergara	José Theodoro de Souza Lobo
20. Ulysses José Cabral	Leopoldo Chaves
21. Leopoldo de Freitas	Leopoldino L. de Freitas
22. Manuel do Carmo	Francisco Lobo da Costa
23. Manuel Serafim Gomes de Freitas	José Gomes de Freitas
24. Augusto Meireles de Carvalho	Marcello Gama
25. Alcides de CastilhosMaya	João Carlos de Medeiros Pardal Mallet
26. Manuel Faria Corrêa	Timóteo Faria Correia

⁹ Martins, Ari. Obra citada, p. 44, 45.

Além destes, foram acadêmicos sem patronos: Januário Coelho da Costa, Otávio A. de Faria, Barboza Neto, Eduardo Guimaraens, José Bernardino Bormann, Carlos Alberto Ribeiro Taques, Raul Augusto de Villeroy, Benjamin Franklin Ramiz Galvão, Teófilo Borges de Barros, Vieira Pires, Carlos Augusto Ferreira e João Cezimbra Jacques.

O número de quarenta Cadeiras não chegou a ser completado.

O ato inaugural da Academia de Letras do Rio Grande do Sul contou com o discurso de Arthur Pinto da Rocha, que, na ocasião, foi ovacionado. Todavia, a primeira revista omitiu a publicação desta fala. O motivo? A oposição nada indicou. Porém a leitura do texto mostra que Arthur Pinto da Rocha foi severo com os intelectuais da Província, sorvedores da cultura externa, ensimesmados em seus pequenos grupos de trocas de elogios, que formavam barreira ao surgimento de novos valores na Arte em geral, na Literatura em particular, lembrando a velha piada dos caranguejos gaúchos: colocados na panela com água fervente, não é necessário tampá-la porque quando um caranguejo enceta a subida para escapar do destino, o que está embaixo o puxa, como que dizendo: se eu não subo, você também não. Lembrou que a Academia anterior, a Rio-Grandense, fora criada um decênio antes e sobrevivera pouco tempo em razão das desvirtudes da elite intelectual. Um discurso que bem serve aos dias de hoje.

Para justificar o silêncio, a revista publicou a *Declaração Inadiável*, sem assinatura¹⁰.

DECLARAÇÃO INADIÁVEL

A Revista, órgão autorizado da Academia de Letras do Rio Grande do Sul, cumpre declarar que não publica o discurso inaugural proferido pelo orador oficial acadêmico Pinto da Rocha, não obstante o disposto na parte final da 10ª disposição particular dos respectivos estatutos.

Assim procede a Revista por conter o mesmo discurso opiniões e conceitos que a Academia de Letras do Rio Grande do Sul não pôde esposar, visto contrariarem o espírito que presidiu á sua organização

¹⁰ Revista da Academia de Letras, nº 1, p. 62.

e que constitue o enunciado da parte I da XVII disposição geral de sua lei organica.

Esse fato resultou num clima de grande mal-estar obrigando os editores da revista a incluir o discurso no número seguinte, com a nota de rodapé:

Em reunião de 25 de maio último, a Comissão de Publicismo e Crítica resolveu reconsiderar seu ato anterior inserindo na Revista este discurso, cujo autor tanto ilustre há trazido para a Academia de Letras do Rio Grande do Sul (Revista 12, pág. 341).

Ao longo de 30 páginas, o discurso de Arthur Pinto da Rocha apresenta longa introdução a respeito da vida e da morte e, depois de citar nomes portentosos da literatura e suas experiências ao enfrentar essas duas realidades da existência, escreve¹¹:

E quando se foge á ociosidade, e quando se trabalha, e quando a lucta pelo ideal nos preenche as horas da vida; e quando o somno apenas serve para repouso tonificador do organismo na serena atmosphaera do lar com a consciencia tranquila pelo dever cumprido; e quando as garras do vicio na tavolagem não nos aperta convulsamente os pulsos como algemas de condemnados; e quando os vapores das libações não perturbam o cerebro nem amolentam os musculos; e quando o estudo nos suavisa as torturas dos desenganos e das desilusões, quando o coração nos palpita na santa anciedade de um amor que tem perfumes de pureza, alvuras de neve, caricias de velludo, a apologia que canta em nossa alma é um hymnario á vida, é um dythirambo ao riso, é um madrigal feliz ás alegrias.

Eis ahí o que nos congrega, missionarios da mesma crença, envoltos no burel e na estamenha dos humildes, sem outra aspiração que não seja a do trabalho, sem outra ambição que não seja a de servir ás tradições da nossa patria, romeiros do ideal que ha dois mil annos alentava a alma de Ovidio.

11 Pinto da Rocha. *Discurso inaugural da Academia de Letras do RGS* (proferido na sessão solene de instalação, em 11 de junho de 1910. Revista da Academia de Letras do RGS, nº XII, maio/novembro 1913 p. 341-370. Pinto da Rocha era, na ocasião, Diretor de Redação do jornal *A Federação*, de Porto Alegre.

Para nós a vida não é a morte, como pretendeu o paradoxo do Santo Prefeito de Roma paraphraseado pelo monge estylista de Lisboa: nem o soffrimento constante que o sabio deve supportar emquanto espera a morte, como o genio de Gresset depoz nos labios do conquistador medievo; [...]

A vida para os que nos irmanámos nesta esperança tão simples nem é o sonho de Calderon de La Barca, nem como a contou João de Deus, a nuvem que passa, o ai que mal sôa: a vida para nós que temos vontade energica, sensibilidade bastante rija para resistir e delicadamente fina para soffrer e... intelligencia capaz de comprehendel-a e amal-a, a vida é uma arena de combate: a hoste não é grande, morre mas não se rende.[...]

É bem possivel que a esta mesma hora os homens superiores que constituem a nata da intellectualidade do nosso meio tenham ao canto dos labios o sorriso voltaireano zombeteiro e xingador para fulminar do alto a nossa tentativa humilde.

Mas para quem se preza de conhecer um tudo nada da psychologia humana, sobretudo os phenomenos da transformação pessoal na criação artistica, pouco importará a ironia d'esse rictus nervoso que teve realmente valor porque era a crispação voluntaria de musculos que obedeciam ao genio do grande philospho da Encyclopedia, mas que nas faces dos modernos censores do nosso esforço vale tão sómente como o contraste da mancha irreverente do carvão de Gavroche na alvura de um marmore votivo.

A nossa criação será anemica, terá vicios de origem, revestirá o aspecto de um aleijão de pouca vida ou de curto folego, mas não se ama sómente o que é perfeito e sem jaça.[...]

Pouco importa que em torno desta humildade que hoje nos caracteriza e contrasta poderosamente com a luxuriante grandeza dos thezouros de talento, de obras e de virtudes que tanto exaltam os que nos são hostis, pouco importa que em torno desta humildade se faça o silencio das cryptas, o esquecimento dos cemiterios abandonados e a solidão dos ermos.[...]

Da promiscuidade ruidosa dos cafés, da barulbenta atmosphera dos clubs onde não ha esquecimento, ainda não brotou sequer uma obra d'arte, ainda não saiu a menor utilidade para o progresso da vida intellectual; e no entanto quanta vida borbulha, quanto movimento se gasta, quanto esplendor se perde, quantas horas flúem

nessas atmosferas saturadas de vapores da cafeína, da nicotina e do álcool, poderosos excitantes do systema nervoso que faziam sonhar as almas de Byron e de Alvares de Azevedo!

Instituição efemera, começam de affirmal-o, em nosso meio, os que nada fazem nem deixam fazer áquelles que pretendem legar á patria, quando menos, a tentativa de algum commetimento útil.

Mas se é efemero o que estamos fundando, porque motivo lhe movem guerra, se terá de morrer ao cabo de amargurados dias?

Inutil essa instituição, asseveram-n'os zóilos e maldozos, numa sociedade em cujo seio ainda não ha expansão litteraria perceptivel a reclamar a concretisação dos esforços no sentido de unifical-a e dirigil-a a bom futuro.

Mas se é inutil a nossa tentativa, em um centro onde prosperam quatro escolas superiores congregando esforços para a criação de uma Universidade, em um meio que anima e ampara largamente uma imprensa a desdobrar-se em centenas de órgãos de publicidade diaria e periodica em tres idiomas, não menos inutil é o Instituto de Bellas Artes, de organisação complexa, cosmopolita em uma terra que ainda não produziu um architecto de nomeada, um escultor de celebridade, um mastro de reputação, e de cujo seio apenas saiu um pintor de fama que para viver e pintar teve de partir para o exilio voluntario na atmospheria artistica da Italia, sem comprehender a paleta viva da Flora e da Fauna nem a tela translucida do firmamento da patria.[...]

Se ha no territorio do Rio Grande do Sul movimento artistico sufficiente para justificar a criação de um Instituto de Bellas Artes, tenhamos a coragem e franqueza para affirmal-o, devera ser a Academia de Letras o primeiro ramo a estabelecer e organizar-se.

De Aranjó Porto Alegre com a epopéa de 'Colombo' a Zeferino Brazil com a 'Vovó Musa' e a 'Visão do Opio', a poesia rio-grandense tem affirmações brilhantes e fregidas de realidades soberbas [...] De Arthur Rocha a Alves Torres o theatro rio-grandense ha produzido affirmações dramaticas definitivas [...] Desde José Chaves a Alfredo Ferreira Rodrigues; do padre Gay a Alfredo Varella; de Joaquim Caetano da Silva a Assis Brazil e Alcides Lima a historia e a chronica têm [...] De João Miranda Ribeiro e Gaspar da Silveira Martins a Ernesto Alves e a Pedro Moacyr na tribuna politica e a Plínio Casado e Pereira da Cunha

na tribuna judiciaria a oratoria riograndense, toda original e simples como a alma do pampa [...] Desde Appolinario Porto Alegre e Ferreira Vianna e Koseritz a Venancio Ayres e a Alcides Maya o jornalismo riograndense tem na sua historia [...].

E ainda se affirma que é extemporanea, inutil, efemera, pretenciosa a Academia de Letras do Rio Grande do Sul. [...]

Quando o orgulho faccioso infla a bocca dos fetichistas na affirmação da existencia de um Estado Modelo no territorio do Rio Grande do Sul; quando se faz á nossa sociedade a applicação da mais avançada theoria politica do occidente; quando se assevera publicamente que ha uma patria riograndense, que ha um povo riograndense, que ha uma raça riograndense; quando se proclama aos quatro ventos que ha um typo caracteristico a symbolisar tudo isso; quando se censura um escriptor por se haver utilizado para a composição de um poema, do céu, do ar, das canções, dos typos, da paisagem, dos sentimentos de um outro povo, não obstante haver um meio cosmico e social essencialmente riograndense; quando se affirma que ha uma literatura riograndense inconfundivelmente representada por um vasto e brilhante folklore em que a alma popular da pampa se impõe e resiste á invasão da hoste colonizadora de povo cuja tradição literaria arranca das canções de Guesto Ansuers e Gonçalo Hermingues, dos Niebelungen e dos nevoeiros da Floresta Negra, dos trovadores da Tavola Redonda e das serenatas de Veneza, dos canticos e hymnos da dynastia dos Piast nas margens mysteriosas do Niemen e do Vistula. [...]

Quando estão ainda vivos, em plena actividade politica, literaria e burocratica, muitos dos fundadores do extincto Parthenon, verdadeira Academia de Letras que, já em 1868 era a expressão eminente de uma literatura completa, servida por espiritos superiores em todos os ramos da actividade intellectual, entre os quaes pontificava o talento multiforme e primacial de Appolionario Porto Alegre... [...]

Não é possivel que quarenta e dois annos passados sobre esse verdadeiro 'fervet-opus' intellectual que veiu a produzir fructo de oiro em todo o paiz, ainda não seja tempo de se fundar no Rio Grande do Sul uma Academia de Letras. Affirmal-o equivalerá a confessar ineptamente que os espiritos superiores do nosso meio são meros casos sporadicos, que as escolas superiores em plena actividade

não passam de superfectações ou que o Rio Grande do Sul, modelo apontado á sociedade brasileira, é uma 'blague', ou uma ironia, ou um preconceito. [...]

(Os que se opõe a esta Academia) isolam-se porque temem o confronto e condemnam a sociabilidade como revolucionarios ouzados que pretendem o ideal.

Detestam a associação e incensam a 'cotterie'; censuram os que se congregam em academia á luz meridiana e lisongeam os que se acolheram em matilhas esconsas; na patria arremetem contra os que labutam pela tradição como base da evolução e declaram-se individualistas, mas adoram o estrangeiro, fazem profissão de fé nas escolas literarias da França. [...]

Não querem a Academia que é a provocação á lucta, que é a lucta pela vida, que é a vida a plena luz, e pregam um isolamento mendaz que se nutre das delicias do elogio mutuo e um individualismo fometido que anda pelos cafés e pelas livrarias ouvindo opiniões e lendo titulos de livros, como os frades mendicantes do seculo XIII, de aldéa em aldéa, de castello em castello, de feira em feira, levando a arreata, a azemula, com os alforjes carregados para a ceia lauta do abbade. [...]

São individualistas originaes e isolados do vulgo, mas andam a mendigar pelos jornaes espaço para publicação das suas obras primas, cuja forma é vasada na prosa e na poesia franceza e cujo pensamento é a reprodução de extranhos poetas e prosadores.

E, ao final, a exaltação:

Pois bem. É necessário reagir contra esse preconceito. 'Il faut vivre avec son temps'. O nosso tempo é de luctas, luctemos.

Libertámos o estrangeiro e ainda conservámos dentro da patria uma raça de escravos; libertámos depois essa raça escrava e deixámos o povo opprimido pelo privilegio dynastico; libertámos o povo da centralização monarchica e deixámos amordaçado o cidadão, calumniados os artistas, escorraçados os talentos e alcandoradas as mediocridades petulantes.

Urge libertar os illotas modernos. Luctaremos.

Não nos attrae o oiro, nem o poder, nem a immortalidade. Vamos, como o chronista portuguez, em busca da harmonia, da belleza. [...]

O mal estava feito, a publicação tardia do discurso não surtiu efeito.

No dia 5 de julho, João César de Castro renunciou, como presidente e como acadêmico. Assumiu o vice-presidente João Cândido Maia. Para o cargo de vice foi eleito José Mariano da Rocha Filho.

Mais adiante renunciou Eduardo Guimaraens e, para sua vaga, foi eleito João Rodrigues Barbosa Netto. Para as vagas de João Cesar de Castro, Augusto Porto Alegre e Artur Pinto da Rocha, também renunciantes, foram eleitos, respectivamente, Ezequiel Laquintine Ubatuba, José Paulo Ribeiro e Raul Augusto de Villeroy.

Nesse período de 1910 a 1924, a Academia de Letras do Rio Grande do Sul promoveu algumas conferências, comemorou o centenário de nascimento de Joaquim Caetano e, mais que tudo, publicou a sua revista.

No mais funcionou como uma espécie de associação de escritores, preocupados os seus membros em editar seus textos, ler seus poemas e realizar o que se pode chamar de saraus, como a reunião anotada na Revista, cuja edição não é possível identificar com precisão já que o que aparenta serem números diversos constam de um mesmo livro cuja anotação diz ser o número inicial da publicação, e na página 166:

EASTOS DA ACADEMLA

Reunião Festiva

Domingo, 15 de janeiro, a Academia realizou, na sala Castro Alves, dependencia do Café Colombo, uma reunião festiva íntima em homenagem ao academico Manoel do Carmo, que estava de passagem nesta capital.

As duas horas da tarde compareceram naquelle local o homenageado e os srs. academicos João Maia, Achylles Porto Alegre, Mariano da Rocha, Miguel Pereira, Irineu Trajano e Lindolpho Collor. O academico Zeferino Brazil fez-se representar pelo confrade Irineu Trajano.

Manoel do Carmo, cumprindo promessa anteriormente feita á Academia, leu algumas paginas do seu livro de versos inédito, intitulado – Setembro.

Por espaço de uma bora, mais ou menos, Carmo prendeu

*kkkkk a atenção do auditorio com os seus inspirados versos,
imagens quintessenciadas de arte e de lyrismo.*

*As paginas lidas pelo moço academico agradaram grandemente
aos que tiveram a ventura de assistir a esta bella festa intelectual.*

*Todos os confrades de Manoel do Carmo foram concordes em
vaticinar para 'Setembro' um franco successo literario.*

A razão maior de existir de uma Academia de Letras – e o que a diferencia de grêmios literários e associações de escritores – é exercer a curadoria da língua nacional, dos dialetos regionais, das alterações gramaticais, do pensar a cultura como fenômeno de um povo, e o faz ao par dos organismos governamentais, a eles oferecendo suporte teórico. Também o cuidar das obras de seus membros, no ramo da literatura, da história, da filosofia; mas não só e nem principalmente. E esse papel pouco foi cumprido pelas academias. Não por carência de estudiosos nessas matérias, mas por falta de direcionamento como entidade. A Academia de Letras do RGS não foi diferente.

Não o fazendo, a tendência era cuidar do acessório, do menos importante, da picuinha, como preocupar-se em desmentir a existência de mais de uma academia, como noticiado pelo jornal *A Reforma* que, ao registrar o recebimento do drama *A Rajada*, de Carlos Alberto Ribeiro Tacques, afirmou que ele era membro de uma das academias de letras do Estado. Ao que João Maia, sem perda de tempo, enviou longa carta à redação explicando só haver uma entidade e indicando suas principais atividades. O jornal, após publicar a carta, explicou que

*há dias, collegas locais publicaram noticia da organização de uma
nova Academia de Letras no nosso estado.*

*Davam os nomes de todos os academicos já escolhidos e
noticiavam até ter sido eleito presidente da mesma, o dr. Mario
Totta.*

*Dias depois, o academico Lauro de Oliveira, publicou uma
carta, rejeitando a investidura e Paulo Labarthe, nosso companheiro
de trabalhos, que tambem fôra incluído entre os novos academicos,
recusou o honroso titulo.*

*Como se vê, nós tinhamos razão para muito piamente acreditarmos
na existencia de duas Academias de Letras no nosso Estado.*

Diz o ditado popular que onde há fumaça tem o fogo. Não só a Academia Rio-Grandense de Letras continuava a existir, formalmente, porque não extinta, como uma terceira estaria sendo cogitada provavelmente pelo fato de que a Academia de Letras do RGS já não estaria atendendo à expectativa dos intelectuais, ou uma dada facção e, não havendo data precisa sobre o fato aqui narrado, poucos anos mais tarde nasceria o Instituto Riograndense de Letras.

Mas antes disso, e ainda nos seus tempos de glória, a Academia de Letras, entre outras atividades, instituiu concurso de prosa e verso e comemorou seu primeiro aniversário num evento, em 11 de junho de 1911, em que foi orador oficial João Simões Lopes Neto. A linguagem da época, o estilo do grande escritor e orador, a história do Rio Grande contada com palavras incomuns e que servem de preâmbulo para o estudo desta obra, a descrição da postura intelectual neste canto do país e a proposta de atuação acadêmica solidária na nova agremiação, justificam a transcrição completa, no site do autor, da sua fala.

Conforme Ari Martins, a Academia funcionou com certa regularidade até 1924, tendo como sede, inicialmente, o sobrado de número 363 da rua Andradas e, depois, na rua General Câmara, 41, adotando como lema *Litteris, Banisque, Artibus*.

Como escreve Elvo Clemente¹², reportando-se a Helio Moro Mariante:

A trajetória cultural da nova entidade, igualmente como aconteceu à academia coirmã, pode ser dividida em duas fases: a primeira, de 1910 a 1924; e a segunda, de 1936 a 1944, com um período de estagnação de doze anos, de 1924 a 1936.

A Academia teve grande mérito na publicação de 21 números de sua revista, de 1910 a 1942.

Havia ambiente de verdadeira guerra subterrânea entre as duas academias. Os acadêmicos que queriam deveras o triunfo das letras por seu lado aspiravam à unificação.

Resumindo o quadro de desolação, Aline Woloski escreve¹³:

12 Clemente, Elvo, Revista da *Academia Rio-Grandense de Letras*, nº 13, 1997, p. 12, *Academia Rio-Grandense de Letras (1901-1996)*.

13 Obra citada.

Com escassas atividades, em 1924, fechou suas portas. As desavenças políticas e o conturbado período político influenciaram a crescente apatia até que a mesma fosse transformada em inatividade. O cenário nacional, que desencadeou as modificações culturais e políticas no Rio Grande, ganharam força em 1922. A crise do pacto oligárquico era evidente diante da demanda por maior participação política dos setores urbanos, da insatisfação dos militares e do descontentamento crescente de diversos grupos dominantes. Foi, ainda, o ano de uma disputada sucessão presidencial, que explicitou divergências sérias entre as oligarquias, da criação do Partido Comunista do Brasil e do início do movimento tenentista. Além desses acontecimentos, destacam-se a Semana de Arte Moderna e as comemorações do centenário da independência. A sucessão desses fatos decisivos poderiam explicar as diferenças e a inércia que se abateu sobre os acadêmicos.

Nessa fase da vida literária gaúcha em que duas academias dormitavam em berços separados – a Rio-Grandense e a Letras – surgiu uma terceira entidade. E ainda uma vez mais repetiu-se o mesmo erro: no lugar de reavivar um dos sodalícios existentes, criou-se outra: o Instituto Rio-Grandense de Letras, em 1932, o que veremos logo mais adiante.

Contudo, examinando a pouca documentação existente, surgem correspondências sobre um movimento de reerguimento da Academia Rio-Grandense de Letras – e isso em pleno ano de 1934, em 21 de agosto, quando Dario de Bittencourt escreveu carta a Waldemar José dos Anjos de Vasconcelos, que se encontrava no Rio de Janeiro:

[...]

Passo, agora, a tratar do fim desta:

*ACADEMIA RIOGRANDENSE DE LETRAS –
Talvés até aí tenha chegado notícia, através de telegramas, de que um pugilo de beletristas locais, resolveram em boa hora, re-erguer a 'Academia de Letras do Rio Grande do Sul', fundada em 1901, nesta Capital, pelo ilustre Sr Dr Olinto de Oliveira, ora residindo aí.*

Já a 15 deste mês, á noite, foi realizada a primeira sessão preparatória e, na mesma, s/ nome foi lembrado para ocupar um dos futúros 'faureuils'...

Ora, como um dos reorganizadores – o nosso bom amigo coronel João Maia – para o Rio seguiu, há dias, por um dos ‘itas’ grandes, devendo fixar-se no Carioca Hotel, á rua do Catete, nº 219, e peço ao amigo a fineza de procurar o mesmo a fim de, melbormente, ser cogitado do assunto que motiva a presente.

Certo de que o prezado amigo não se furtará a contribuir com a sua pedrinha para o reerguimento da Academia, antecipo os melhores agradecimentos e me subscrevo, com a mesma estima e o inalteravel aprêço de sempre, o seu muito am^o, adm^or & coléga obrg^o.

Em 22 de agosto do mesmo ano de 1934, João da Silva Belém escreveu para Ary Martins, Secretário da Academia Rio-Grandense de Letras, cujo início é:

Tendo a benevolencia de amigos me incluído no numero de homens de letras que, nesta hora, reerguem a velha Academia Rio-Grandense fundada em 1901, apresso-me em agradecer a honra que me conferem e indico para patrono da cadeira que vou ocupar o nome do meu saudoso amigo Roque Calage, homenagem que me sinto orgulhoso de poder prestar á memoria do insigne literato gaucho que tanto soube amar e glorificar a sua terra. [...]

Da mesma forma, Álvaro José Gomes Porto Alegre, ninguém menos do que ele, escreveu carta ao Presidente da Academia Rio-Grandense de Letras, em 20 de outubro de (data rasurada), avisando da impossibilidade de comparecer à reunião em razão de enfermidade na esposa; mas em anotação manuscrita, ao pé da página, consta que ele aderiu ao reerguimento em 15.08.34; foi eleito Primeiro-secretário em 08.11.34, posto em que se manteve até janeiro de 1936. Renunciou à cadeira acadêmica a 31.03.36. Foi quem escolheu Achylles Porto Alegre, seu tio, como patrono.

Não bastasse tanto, Alcides de Mendonça Lima escreveu a Ari Martins, Secretário Interino da Academia Rio-Grandense de Letras, em 15 de setembro de 1934 e, no primeiro parágrafo, consta:

Tenho a honra de acusar o recebimento da vossa apreciada carta de 27 do mês p. findo comunicando-me o reerguimento da Academia

Rio Grandense de Letras, da qual fiz parte, e convidando-me a dar a minha conformidade á inclusão do meu nome no efetivo dos academicos.

João Maia, em 27 de dezembro de 1934 escreve a Alcides Maya:

É corrente em rodas de intellectuais da nossa terra que abi V. Ex^a há reiterado não fazer parte da Academia Rio-Grandense de Letras. E como o boato de uma affirmativa tal – que aliás sou o primeiro a refutar destituído de fundamento – venha a contrastar com as suas atitudes anteriores referentes ao reerguimento da mesma Academia até o acto inaugural em que fui honrado com uma expressa delegação representativa de V. Ex^a, grato me seria receber uma palavra sua em contestação à presente, de modo a poder ficar eu habilitado a responder de vez, ás interpretações a cada momento a mim dirigidas por Confrades nossos.

Att. Confrade e patricio João Maia.

Em nota manuscrita, logo abaixo, consta que “a resposta de Alcides Maia foi um desmentido ao que andaram propalando certos inimigos da Academia. Infelizmente não foi encontrado para o arquivo” (rubrica não identificada, talvez de Ari Martins). A carta está escrita em papel timbrado da Academia de Letras do RGS (no verso).

Em 29 de abril de 1935 Dario de Bittencourt, como bibliotecário, escreve a João Maia, Presidente da Academia Rio-Grandense de Letras, a respeito dos livros da biblioteca. Em 9 de dezembro de 1935, a Academia Rio-Grandense redige requerimento à Delegacia Fiscal do Thesouro Nacional comunicando que o Ministério da Educação e Saúde concedeu subvenção anual de réis 2:000\$000.

Em 18 de dezembro de 35, João Crisostomo de Freitas emite parecer sobre ortografia propondo que a Academia Riograndense adote a ortografia simplificada [...] e outro membro da comissão, Felix Contreiras Rodrigues, assina parecer próprio, sobre mesmo assunto em documento manuscrito em doze páginas, com data de 22 de dezembro de 1935.

Em 3 de novembro de 35, Narciso Berlese escreve carta candidatando-se à Academia Rio-Grandense de Letras para ocupar

a cadeira nº 5. Radagasio Vieira Taborda candidata-se em carta de 24 de abril de 35.

Alcides Maya, em 8 de abril de 35, escreve justificando sua ausência na sessão comemorativa, naquela data, à memória de Fontoura Xavier.

Talvez mais não seja necessário para comprovar que a Academia Rio-Grandense de Letras, fundada em 1901, nunca deixou de existir, ora funcionando em pequena escala, ora inerte.

Mas, como último argumento, em 25 de abril de 1935, João Maia, na condição de presidente da entidade, requer ao Cartório de Registro das Pessoas Jurídicas (que inexistia em 1901) o registro dos Estatutos sociais¹⁴ e junta o documento normativo, cujo artigo primeiro diz:

Art. 1º – A Academia Riograndense de Letras, fundada a 15 de agosto de 1901¹⁵, em Pôrto Alegre, onde tem a sua séde, funcionará, dora avante, acôrde com as disposições dos presentes estatutos.

Como as academias Rio-Grandense e de Letras funcionavam independentes uma da outra, registro algumas atividades de cada, como segue, simplificando os nomes para Rio-Grandense e Letras:

Noticiário da Rio-Grandense. Maio de 1936. Renúncia de Quincio Barcellos Ferreira e Fernando Luis Osório. Congresso nacional das academias de letras, no Rio de Janeiro, de 3-13 de maio, comparecendo, como representantes, Waldemar de Vasconcellos, Olyntho de Oliveira e Abadie Faria Rosa. Enviaram teses, Dario de Bittencourt (O integralismo e seus poetas) e Sante Uberto Barbieri (A poesia pastoril). Eleito membro honorário João Neves da Fontoura. Desde 1º de abril a sede está instalada na rua General Vitorino, 256. Eleitos os acadêmicos Nilo Miranda Ruschel, Mário Piagetti Bernd, César José dos Santos, J. Antunes de Mattos, Carlos Alberto Ribeiro Tacques, Matheus da Fontoura e Olyntho Sanmartin. No prelo, o primeiro número da revista da Academia. Prosseguem os trabalhos da comissão de elaboração do Vocabulário de Gauchismos. Junho de 1936. Deliberado

14 Texto integral nos anexos do site do Autor.

15 Há um evidente erro material na data de fundação

promover concurso literário. Posse de acadêmicos eleitos. A biblioteca recebeu 300 livros da família de Irineu Trajano. Julho de 1936. Editado o primeiro número da revista. Cesar Santos tomou posse. Exclusão do acadêmico Antonio Gomes de Freitas que, desde julho de 35, nunca compareceu ao Sodalício. Conferência literária sobre A poesia cristã no RGS, por Walter Spalding. Agosto de 1936. Eleita Walkyria Neves de Salis Goulart, Mario Ferreira de Medeiros, Clemenciano Brum Barnasque e Adroaldo Mesquita da Costa. Homenagem a Zeferino Brazil, por Aurelio Porto e o Príncipe dos Poetas Gauchos agradeceu em magnífico discurso. O Governo Alemão doou 138 obras para a biblioteca. Setembro de 1936. Tomou posse Mario Piagetti Bernd. Nova oferta de livros para a biblioteca. Aprovada realização de série de palestras públicas, por proposta de Ari Martins, sobre a história literária do RGS. Outubro de 1936. Tomou posse Luiz Carlos de Moraes e Adroaldo Mesquita da Costa. No prelo, o segundo número da revista. A Comissão do Vocabulário de Gauchismos foi composta por Félix Contreiras Rodrigues, Aurélio Porto, Walter Spalding, Mario Bernd e Luiz Carlos de Moraes. Novembro de 1936. Dia 17, eleita a nova diretoria. Renunciou João Henrique. Tomou posse Mario Ferreira de Medeiros. Federação das Academias de Letras do Brasil pede ao governador do RGS auxílio oficial à Rio-Grandense. Aprovada a publicação de série de livros sob o título Orações Acadêmicas com discursos de posse e recepção.

Interessante informação, em carta de 21.12.36, onde Plinio Gioia¹⁶, desde São Paulo, escreve a C.M. de Freitas e, a certa altura diz ter visitado a Academia Carioca de Letras (que promoveu a criação da Federação das Academias) e teve em mãos, e enviou para C.M. Freitas, o segundo número da revista daquela entidade carioca “que faz alusão a visita do illustre confrade dr. João Maia, que podia ser naquela época resalvado. O tomaram como membro da Academia Rio-Grandense de Letras e não como da Academia de Letras do Rio Grande do Sul. Esse engano, redundou na preferencia talvez, daquela outra agremiação, que se filiou em 1º lugar a Federação das Academias de Letras do Brasil, constituída a 13 de Maio de 1936.”

16 Documento existente nos arquivos da Academia Rio-Grandense de Letras.

É esclarecedora a carta enviada por Barcelos Ferreira¹⁷, em 14 de abril de 1936, para Felix Contreiras Rodrigues, Presidente da Rio-Grandense:

Por motivo de ter levado minha solidariedade ao reerguimento da Academia de Letras do Rio Grande do Sul, venho apresentar a V. Excia. a renuncia da cadeira que ocupo nessa egregia Academia, sob o patrocínio do saudoso escritor gaúcho João Simões Lopes Neto.

É-me grato resaltar que me retiro dessa brilhante entidade literária sem nenhum ressentimento com os nobres confrades, cujas atenções tanto me sensibilisaram por ocasião da posse de minha cadeira, em setembro farroupilha e entre os quais se levanta a figura de V. Excia. que tanto avulta na minha admiração.

A lamentável crise lavrada no seio do sodalício, cujos detalhes não me foi dado, nem desejo conhecer, obriga-me a optar por um dos dois grupos em desagremiação: pronuncio-me por êsse que renuncia, formado de meus velhos amigos, tão somente, porque não se deixa o amor antigo pelo novo.

Assim, peço a V. Excia. minha renuncia, afirmando aos nobres confrades minha admiração.

O ano de 1936 foi importante na disputa entre as duas academias, mais renúncias foram apresentadas à Rio-Grandense: Fernando Luis Osorio, Alvaro José Gomes Porto Alegre, João Maia, João Crisostomo de Freitas, Zeferino Brazil, Jorge Malti Bahlis, Dario de Bittencourt, Leopoldo Bettiol e outros.

Em 1935, o escritor Gustavo Barroso viajou ao Rio Grande do Sul e não foi recebido pelos membros da Academia, o que gerou protesto de Dario de Bittencourt, e uma carta de João Maia pedindo desculpas, onde explicou que Gustavo Barroso viajara na qualidade de representante do chefe nacional da Ação Integralista e com o objetivo de presidir o Primeiro Congresso Provincial do Integralismo no RGS.

João Maia encerrou sua carta:

17 Idem.

Contudo, conforta-me, na presente emergência, a declaração do presado amigo, de não pensar absolutamente que tenha havido qualquer premeditação no tocante a se não homenagear a personalidade de Gustavo Barroso, pois acredita que tudo tenha sido obra do méro acaso — isto porque não poderá acreditar que seja na direcção, seja entre os componentes da Academia Riograndense de Letras, houvesse qualquer animaversão para com aquele eminente escritor, devido á circnstancia d'elle ter vindo ao Rio Grande do Sul, na qualidade de representante do grande chefe nacional da Acção Integralista Brasileira, afim de presidir ao 1º Congresso Provincial do Integralismo no Rio Grande do Sul...'

Para concluir, permita que lhe diga: não fôra o impedimento de minha condição personalissima, eu aproveitaria esta oportunidade para lhe expôr a minha sympathia pelo movimento integralista e expressar-lhe até que ponto eu já levei essa simpatia — o que serviria, quando menos, para annular, por completo, qualquer suspeita de injusta no caso vertente.

Olimpio Olintho de Oliveira, fundador da Rio-Grandense em 1901, retornou ao quadro da Rio-Grandense, a convite da Diretoria, em carta que fora assinada por Ary Martins.

Do Rio de Janeiro, escreveu, em 13 de maio de 1935:

Muito vivamente commoveu-me a carta em que o vosso digno consocio e secretario, Sr. Ari Martins, por delegação da Academia, communicava-me haverdes resolvido reincluir no seu quadro o meu obscuro nome e, o que mais é, conferir-me a honrosa dignidade de Presidente Honorario.

Sentir-se lembrado pelos amigos de outróra, apesar do tempo e da distancia, ver-se na velhice acatado por aquelles que representam hoje a floração intellectual do torrão nativo, são emoções que lisonjeiam e confortam; e seriam o melhor dos estímulos para quem pudesse dar ainda algo de si. Não me é licito, porém, deixar-me embalar nessa illusão, si bem que de outras, mercê de Deus, não me tivessem de todo privado os annos e os desenganos.

Permitti, comtudo, que vos advirta muito sinceramente, vos excedestes nas regalias conferidas ao antigo companheiro de sonhos e chiméras.

[...]

Não devo deixar perder-se a oportunidade, surgida agora, de penitenciar-me daquelle acto inconsiderado e presumido de outro tempo. Desculpavel num adolescente que, ao penetrar de subito na vida, desdobrando orgulhosamente as azas que lhe emprestam a phantasia e o ardor da mocidade, julga-se capaz de todas as façanhas e proezas, mal se o comprehende em quem quase aos quarenta, já maduro portanto, corria-lhe a obrigação de ajuizado e discreto, e sobretudo de conhecer-se a si mesmo. Possivelmente presumia-se menos homem de letras que de luctas, isto é, capaz de vencer os obstaculos que se antolhavam ao nascente cenáculo e ameaçavam abatel-o e anniquilal-o, como por fim conseguiram. Não lhe perdôa comtudo o ancião e juiz severo em quem com o tempo se converteu, a philaucia e atrevimento com que intentou usurpar fóros albeios, e menos ainda em alardes de chefe ou guia. O rubor que a cada instante traduz na mocidade com a qual tanto condiz, as mais diversas e descontradas emoções, raramente afogueia as faces pallidas e engelbadas da velhice. Pois estou que tal contraste mais se manifesta quando lhe são lançadas em rosto as faltas e as petulancias do passado. É o meu caso. 'Poenitet me', como ao psalmista. E já que seria impossivel e deselegante pedir-vos reconsideração dos vossos actos, fiquem elles para a penitencia do peccador, ao mesmo tempo reconhecido e punido, ao mesmo tempo ansioso para que tenha fim a sua pena e para que ella perdure indefinidamente, pois a tanto importam os votos que óra formulo pelo exito e sobrevivencia sem limites da rediviva e benemérta instituição que tão grandes e brilhantes serviços está chamada a prestar á cultura gaúcha.

Nem tudo era problema. Em 1935 Félix Contreiras Rodrigues elaborou Parecer acadêmico sobre a simplificação ortográfica e, ao final das quatorze páginas manuscritas, concluiu:

Deante das discrepancias, incongruencias e omissões, sou contra a reforma decretada; e proponho que a Academia Riograndense de Letras se escuse de adotal-a, fixando para seus actos officiaes, a orthographia da Constituição Federal, e deixando liberdade aos seus associados; sem que isso importe repulsa formal a uma simplificação mais satisfactoria á razão.

Todavia, João Crisostomo de Freitas, em Parecer separado, opinou contrariamente:

Considerando que a ortografia simplificada foi organizada pela Academia Brasileira de Letras – entidade máxima da intelectualidade nacional e que o Governo Provisorio, prestando homenagem a essa intelectualidade, tornou obrigatória a referida ortografia;

Considerando não haver quem ensine nem quem aprenda a chamada ortografia mixta, do que decorre o desprazer que a miude experimentamos de vê-la sempre em claudicação irremediavel;

Considerando que grande parte das regras estabelecidas no formulario academico encontram base nos documentos da etimologia e do uso;

Considerando que muitas das referidas regras estão de acordo com a etimologia e sempre foram aconselhadas no meu modesto magisterio;

Considerando que a reforma ortografica da Academia Brasileira nada mais é do que a regulamentação da ortografia portuguesa, por isso que tal reforma não desrespeitou, no conjunto, as melhores fontes em que se colheram os elementos que lhe servem de base e que lhe dão todas as franquias de legitimidade, apesar mesmo de algumas normas concorrerem para o afrouxamento dos laços que prendem algumas palavras aos imperativos do étimo;

Considerando que a reforma ortografica varreu apenas de nossa escrita sinais inuteis e insignificantes e ajustou a ortografia portuguesa com mais propriedade á realidade da pronuncia, sem se esquivar ás sanções da etimologia;

Sou de Parecer, como membro da commissão nomeada pelo Sr. Dr. Presidente para estudar o caso da ortografia a ser usada, que a Acadamia Riograndense de Letras adóte a ortografia simplificada e que resultou do acordo ultimado pela Academia Brasileira e pela Academia de Ciencias de Lisboa – entidades essas nas quais todos nós devemos reconhecer autoridade bastante para assunto como o de que se trata no momento.

A Academia de Letras, por seu lado, retomou suas forças em abril de 1936 quando um grupo, liderado por Lindolpho Boeckel Collor,

modificou o Estatuto e o Regulamento Geral¹⁸. Diz a exposição de motivos:

Reorganização da Academia de Letras do Rio Grande do Sul

Fundada em 1910, reérgue-se agora a Academia de Letras do Rio Grande do Sul, no ajuste do que entraram os fundadores sobrevividos e os mais altos expoentes da intelectualidade riograndense, em plena atividade literaria.

O objetivo precípua de quantos se deram, agora, á tarefa do reerguimento do Cenáculo, é o de fazer dêle o ponto nuclear das verdadeiras expressões literarias de nossas letras.

Mangraram-se as tentativas anteriores pela invasão de elementos que se não podiam assimilar ao meio, devido às estranhas substancias que os compunham e que vinham tirar ao Cenáculo o que de essencial há nêle, que é, sem duvida, a seleção de valores, transformando a agremiação em simples grupo literario.

Dêsse mal originário está, porém, indêne, a Academia de Letras do Rio Grande do Sul, por isto que ela ressurgue ao amparo de nomes verdadeiramente prestigiosos nas letras de nossa terra.

O programa da Academia, traçado nos Estatutos, exige, para o seu cumprimento, inauditos esforços de quantos se comprometeram na tarefa, mas é, ao mesmo tempo, de tocante simplicidade: curar dos interesses das belas letras e imortalizar os que, no Rio Grande do Sul, tanto fizeram pela nossa grandeza moral, afim de que sejam cada vez mais amados os poetas e os escritores de nossa terra.

Estamos, ainda agora, com o programa traçado por ocasião do alvorecer do Cenáculo. Sem idéa de separatismo intelectual, pensamos que a autonomia politica é, no Brasil, obediente ao mesmo fenomeno que positivou a autonomia mental, pois, é evidente, 'só nas documentações literarias locais o analista futuro encontrará as fontes dos elementos exátos para a estrutura de seus tentamens sociologicos'.

Sociologicamente, é fatal, nos póvos, a inclinação regionalista, mas dêssa verdade não se infere que estejamos no proposito de separar-

18 A carta de motivos e os dois textos normativos encontram-se na revista nº 1, anno II, maio de 1936, p. 1-4 e 14-24.

nos do que ocorre na mentalidade brasileira. Contrariamente, o intercâmbio literário será uma das mais persistentes preocupações da Academia e tanto assim que o Cenáculo manterá correspondentes nos Estados, indo encontrá-los nos centros mais prestigiosos das letras brasileiras, espalhados por todo o País.

Não é mistér o relato minudente do que os que se constituíram em comissão reorganizadora fizeram pelo reerguimento da Academia de Letras do Rio Grande do Sul.

A simpatia com que foram recebidos e as valiosas adesões que lhes trouxeram os mais altos expoentes da intelectualidade riograndina, foram de tal vulto que fizeram com que desaparecessem quaisquer esforços ou sacrifícios.

Assim é que a Academia de Letras do Rio Grande do Sul conseguiu instalar-se solenemente, nesta hora de muita significação para a mentalidade sulina, com o seu quadro de socios efetivos.

Modificados o Estatuto e o Regulamento-geral, o quadro de acadêmicos mudou, restando poucos da lista anterior. A Diretoria contou com os seguintes nomes:

Presidentes de Honra: Benjamin Franklin Ramiz Galvão e João Candido Maia;

Presidente: Lindolfo Boeckel Collor;

Vice-presidente: Vieira Pires;

Secretário-geral: João Crisostomo de Freitas;

Primeiro Secretário: Edgar Luis Schneider;

Segundo Secretário: Narciso Berlese;

Tesoureiro: Jorge Malti Bahlis;

Bibliotecário: Álvaro José Gomes Porto Alegre.

Na sessão solene de reinauguração, em 30 de maio de 1936, no salão nobre da Biblioteca Pública, discursou o novo Presidente, Lindolfo Boeckel Collor:

Ao tomar posse a nova diretoria da Academia de Letras do Rio Grande do Sul, cumpre-me agradecer aos meus confrades a escolha que fizeram do meu nome para ocupar a presidência deste ilustre sodalício. Recebi com surpresa a notícia da minha eleição, não só pela certeza em que estou de que a distinção do cargo não

me corresponde, como ainda pela dúvidas que nutro a respeito mesmo da legitimidade da minha presença no vosso meio. Só por duas razões concordei em ocupar este posto de alto destaque entre os escritores riograndenses. Por ter sido unanime a escolha do meu nome, eu já considerava imperioso o mandato que se me conferia; mas indeclinavel se tornou ele para mim, desde que não só não o pleiteiem antes fiz o possivel por evita-lo.

Venho, pois, de consciencia tranquila ocupar esta honrosa cadeira, tal como me sucede em todas as situações a que tenha sido chamado na minha vida pública.

Estou aqui porque a outros, que não a mim, pareceu conveniente que estivesse. Venho apenas dar desempenho a uma ordem e cumprir um dever.

*Eu acredito sinceramente na utilidade social desta instituição. Não a considero, na verdade, como cenáculo dos expoentes intelectuais do nosso meio. Fóra da nossa companhia, outros nomes haverá que, tanto ou mais que os mais autorizados entre nós, mereçam figurar na ementa dos seus societarios. Valha-nos, porém, a certeza em que estamos de que ao nos agremiarmos de novo aqui, não sofreremos dos males da vaidade nem nos iludimos com preocupações de glórias que não nos correspondam. Como homens de letras que somos, mesmos os mais obscuros entre nós têm a convicção, que buscaram em Carlyle, de desempenhar uma função que é sempre honrosa, quando honestamente cumprida, e que será, quando bem conhecida, a mais alta entre todas as profissões, pois que *l'Art d'écrire est la plus miraculeuse de toutes les choses dont l'homme s'est avisé.**

Mais do que qualquer outra, a profissão de escrever impõe a quem a exerce um mundo de renúncias e abdições. É o escritor, o convicto perdulario de si mesmo. Poeta, artista e escritor são os que tudo devolvem e nada guardam em seu proveito. Cumprem o seu fadario modestamente, as mais das vezes ignorados dos poderosos da hora. Quando a sua palavra interpreta mensagens definitivas, é quase sempre da tumba que assistem á vitoria das suas idéias.

Por certo que entre nós não se conhece ainda rigorosamente o tipo de homem de letras profissional. Mas isto é uma consequência das deficiências do meio e nunca prova da impropriedade nos nossos intelectuais de se votarem de corpo e alma á nobre profissão. Por isto mesmo que o mistér literario não basta, em países como o nosso, para

formar uma ocupação exclusiva, mais avultam ainda a coragem e o despredimento dos que aqui se dedicam á arte das letras. Quem entre nós resiste ao desencorajamento do ambiente e ás solicitações reais da vida e se mantém fiel á vocação de escrever, merece, mais do que em outras partes, o respeito e a consagração da sociedade.

Este cenáculo, meus senhores, será daqui por deante, como até agora tem sido, uma casa de estudos e de mutuo estímulo profissional. Nele se tratará de honrar e elevar a cultura mental do Rio Grande do Sul. Não apenas as nossas tradições que tanto nos merecem, mas os aspectos contemporaneos da nossa vida social, terão aqui o reflexo da intelligencia e da meditação. E interpretando o passado e fixando o presente, ninguém mais nem melhor do que nós servirá o futuro da nossa gente, mesmo porque uma sociedade sem escritores não seria uma sociedade, mas um bando, um aglomerado humano, uma multidão sem memoria.

Pelo Rio Grande do Sul e pela dignidade da sua cultura, aqui estamos para prestar um serviço, sem perguntar pela recompensa que nos espera.

A seguir, o acadêmico Fernando Luiz Osório leu um longo discurso e, após tratar de variados aspectos da cultura literária, desde o antigo Portugal, em dado momento examinou as circunstâncias locais e criticou parte da elite intelectual¹⁹:

E, por sua vez, quando a arte soffreu o risco de perder as antigas qualidades simples e bellas, pelo desalinbo barbaro da forma, carregada de quinquilbarias, e pelo extravagante descabellamento da imaginação dos literatélhos, os novos paladinos, cinzeladores da métrica, architectos da expressão verbal, sobrios, tranquilos, hellenicos, como hellenico foi o espirito do atheniense dos pampas, Ferreira Vianna e que, tambem, no Rio Grande, deixaram em obras a sua physionomia moral como os parnasianos Barbosa Netto, Emilio Kemp, Victor Silva, Leal de Souza – restauraram aquellas necessarias virtudes de correcção e simplicidade, de medida e clareza.

19 Osorio, Fernando. O Rio Grande mental, Revista da Academia de Letras do RGS, nº 2, setembro 1936, p. 29-63.

Bem mais adiante em sua oratória (página 58), traçou linhas simples sobre a história acadêmica recente:

Srs., vae para alguns annos, eu tive a honra de propôr, no primeiro congresso nacional de educação reunido no Paraná, uma federação das letras, sciencias e artes do Brasil, para fazer com que, sem tolas vaidades, as forças dispersas da nossa intellectualidade se tocassem, se reconhecessem na mesma aspiração pelo bem commum. E á bora matinal, portanto, em que se visa pôr termo a todas as obras de desagregação, em que ha uma febre de conhecimento entre a gente nova do Brasil, e quando, pela primeira vez, se reuniram em assembléa os escriptores brasileiros transmittindo a todas as Academias de Letras da America as nossas aspirações de paz e solidariedade, para a defesa da propria civilização do Novo Mundo – de que nos poderão accusar os observadores da realidade riograndense, estando a postos a Fundação Eduardo Guimarães, o Instituto Histórico e mais duas Academias de Letras aqui, a denotar super-vitalidade, exhuberancia, reacção, que é prova de saude, num Estado, como o Rio Grande, do qual se disse soffrer de plethora de patriotismo e que, numa radiosa eclosão de pensamento e sensibilidade ‘ha de ter uma das mais bellas civilizações americanas’?

Era, o escol da intellectualidade do momento que, em 1901, tendo á frente o bello espirito do dr. Olintho de Oliveira, fundava a Academia Rio-Grandense de Letras, reerguida em 34, sob a presidencia do incansavel e venerando confrade dr. João Maia, cuja penna tem servido largamente o civismo do Rio Grande, autor dos dramas ‘Adultera’ e ‘Sylvia’, do romance ‘André, o farrapo’ e dos episodios regionalistas ‘Pampa’, e que, em reeleições, presidiu a Academia de Letras do Rio Grande do Sul, como ponto nuclear, chefiada em 1910 pelo grande espirito de Cesar de Castro. Como registrar, sem omissoes, os propulsores, os artifices da nossa actividade mental, intensificada, em face do passado, com a fundação do Instituto Historico e Geographico em que figuram estudiosos emeritos das origens e actos da nosa vida collectiva, da operosidade de um Ferreira Rodrigues, de um Alfredo Varela, de um padre Teschauer, de um padre Hafkemayer, de um Octavio Faria, de um Alcides Cruz, de um Souza Docca, de um Aurelio Porto, de um Florencio de Abreu, de um Edgard Fontoura, de um

Clemenciano Barnasque, de um Eduardo Duarte e de um Othelo Rosa, para não ir mais longe.

Srs., não é menos memorável esta noite do que a de 11 de junho de 1910, em que se installou solennemente aquella Academia de Letras do Rio Grande do Sul, na sympathia e na differença de lhe ter dado lustre o discurso então do orador official combatendo a affirmativa de que ela era extemporanea, inutil, ephemera e pretenciosa. A uma distancia de vinte e seis annos, eu poderia repetir, com a mesma coragem e franqueza desse orador, que se ha no territorio do Rio Grande do Sul movimento artistico sufficiente para justificar a creação de um Instituto de Bellas Artes, devera ser uma Academia como esta, dos primeiros ramos a estabelecer e organizar-se. Eu poderia repetir que a poesia rio-grandense, á frente de uma constellação preciosa de asteroides na vasta Vialactea, da tradição e do porvir, tem affirmações brilhantes de realidades soberbas e desabrochamentos de lucidas esperanças; que o theatro rio-grandense ha produzido affirmações dramaticas que deixaram prever um futuro largo e luminoso; que o jornalismo rio-grandense tem na sua historia dias fulgentes, horas de triumphos que dariam ouros a Rochefort, a Quintino Bocayuva, a Ferreira Menezes ou a José do Patrocinio; que ha uma literatura rio-grandense inconfundivel, representada por um 'folk-lore' vasto e brilhante em que a alma popular dos 'pagos' se impõe e resiste á invasão de hostes extranhas; que a chronica e a historia têm desentranhado as paginas que formaram este povo; e que a oratoria rio-grandense, na tribuna politica e na judicaria é a propria alma original do pampa, ora ardente e impetuosa como os vendavais da coxilha, capaz de empolgar as massas e de quebrar algemas, ora grande na evangelização heroica de uma idéa, formidavel na libertação de uma raça escrava ou na defesa dos foragidos do bem, porque, no sentir de Pinto da Rocha, ella tem monumentos que Mirabeau e Castellar assignariam com orgulho e que Lacordaire e Ballot Beaupré repetiriam no 'barreau' do 'Palais de Justice', e no pulpito da Notre Dame, abrindo as portas da prisão e as portas da beatitude celeste aos condemnados da justiça humana.

Encaminhando o encerramento do seu discurso, Fernando Luiz Osorio enaltece, uma vez mais, a terra gaúcha:

O coração confiante de um filho adoptivo dos pampas, o maior dos jornalistas farroupilhas, Domingos de Almeida, dictou-lhe, em 59, o apaixonado voto destas fulgidas palavras: – ‘É preciso dar a conhecer o Rio Grande; sua gente, sua phisionomia physica e suas condições me encantaram, adoptei-o e meus ossos lhe serão entregues, quando extincta a existencia que lhe consagrei’. E se não bastasse esse testemunho, eu traria a pretorio o que do Barão Homem de Mello, politico forrado de historiador, se conta como de um grande amigo dos rio-grandenses, ao retirar-se para o Rio de Janeiro, depois de presidir a provincia e de praticar actos de energia e de patriotismo, abraçando, em despedida, ao dr. Timotheo Pereira da Rosa, vulto de destaque da época: – ‘Tua terra é prodigiosa! Tem tudo,— riqueza, filhos laboriosos e valentes, um sólo abençoado, um clima de rosas. Ha de engrandecer-se; mas falta-lhe uma cousa – o grande livro de um grande escriptor, que fique, que seja a synthese desta natureza robusta e desta vida de heroismo. Deves contribuir para que o escrevam’.

Porém, em abril desse mesmo ano de 1936, Fernando Luis Osorio renunciou à Cadeira para a qual fora eleito, saudando o Presidente Félix Contreiras Rodrigues, da Rio-Grandense, afirmando sua solidariedade ao ressurgimento da Academia de Letras.

A debandada teve prosseguimento. No mesmo ano renunciaram às suas Cadeiras da Rio-Grandense Alvaro José Gomes Porto Alegre, João Maia, João Crisostomo de Freitas, Zeferino Brazil, Jorge Bahlis, Manoel Faria Correa, Januario Coelho da Costa, Dario de Bittencourt, Leopoldo Bettiol, Barcelos Ferreira

Em que pese as promessas de sobrelevar os interesses literários aos pessoais, duas gestões mais tarde, em 1940, surgiu série crise no setor administrativo da entidade. O Secretário-geral Narciso Berlese renunciou no mês de junho de 1941 e ausentou-se por completo das atividades acadêmicas, sendo substituído, no mês seguinte, dia 5 de julho, por Álvaro José Gomes Porto Alegre que solicitou constasse em ata a seguinte declaração:

OBSERVAÇÃO. Ao receber o livro de atas da Academia de Letras do Rio Grande do Sul, pela renúncia do sr. secretário Narciso Berlese, notei imediatamente uma falta gravíssima. O

secretário renunciante, no ano que flui, o de 1941, não fez uma ata sequer. Daí, explicado fica o motivo por que deixou de comparecer às sessões. Não elaborou uma ata, nem tampouco deixou dados para que pudesse ser feita uma reconstituição das sessões realizadas.

As atividades acadêmicas começaram a definhar. Em novembro de 41 a entidade promoveu uma série de palestras pela Rádio Gaúcha, de caráter biográficas, duas vezes por semana, falando Marieta Mena Barreto, Faria Correa, Salvador Garcia Carraveta, Alcides Lopes Miller, Fortunato Pimentel, Alvaro Porto Alegre e Jorge Bahlis e focalizando Agueda Vieira Pires, Ulysses José Cabral, Henrique Emilio Meyer, André Leão Puente, Otávio Augusto de Faria, Achylles Porto Alegre e Apollinario Porto Alegre.

As revistas continuaram sendo editadas. A de 1939, por exemplo, número 1, volume 3, nada enumera como atividade a não ser aprovação de novos sócios correspondentes e construção de uma herma (busto), em Pelotas, em homenagem ao falecido acadêmico Fernando Osório, o que foi inaugurado no dia 7 de julho do ano seguinte.

A intenção de reanimar as atividades acadêmicas era uma constante.

Em 01 de agosto de 1939, Ari Martins escreveu:

Meu caro Moraes:

Estou disposto – mas disposto de verdade, a reanimar a nossa Academia, com a colaboração de todos os companheiros. Mas, para isso, preciso o esforço de TODOS, sem exceção de nenhum. Seria doloroso que deixássemos perecer, por falta de boa vontade, a obra com tanto carinho construída. Reunir-nos-emos sexta-feira, dia 4, às 20 hs. em importante sessão, no laboratório do dr. Bernd, á rua dos Andradas, 1305. Necessito de ti, meu estimado Carlos (de Souza Moraes), o sacrifício de compareceres. E espero que não nos negarás êsse obséquio, pelo que de antemão te agradeço imenso.

Em novembro de 39, Ari Martins escreveu ao mesmo Carlos de Souza Moraes. Eis um trecho:

A nossa Academia voltou à atividade e, graças a Deus, com o mesmo entusiasmo de outrora. Segunda-feira vindoura, 6, teremos

sessão, na séde social, rua Dr. Flores, 317, 1º andar, ás 20 horas. Comemoraremos aí o “Dia da Cultura”, instituido em homenagem ao aniversário natalício de Rui Barbosa, que passa a 5. Falará o Mário Ferreira de Medeiros.

Como ainda não compareceste, penso, a nenhuma reunião acadêmica dêste ano, insisto que faças um sacrifíciozinho e nos des o prazer de tua presença segunda-feira. Traze-nos notícias do Grêmio Leopoldense, que nos deve até agora o prometido relatório de suas atividades no primeiro ano de existência.

Os anos que antecederam a fusão das duas academias foram efervescentes. Além dos fatos já citados, pode-se acrescentar que em 15 de outubro de 1939, João Crisostomo de Freitas escreveu a Jorge Bahlis renunciando como presidente:

Havendo “falhado” os demais membros desta atual diretoria, ao ilustre Confrade e digno Amigo cabe, como tesoureiro efetivo e prestimoso, receber a renúncia, que ora ofereço, do cargo de presidente dêste Sodalício.

Não me queixo nem me demorarei a lamuriar a proposito de penoso isolamento em que me deixaram os Confrades que aceitaram a incumbência de suas investiduras nos cargos para os quais foram eleitos, por isto que ninguém póde ser imputado da culpa da própria incapacidade de trabalho e de espirito associativo.

Leva-me a esta renúncia o facto de me encontrar eu em atividade completamente estranha ao campo das belas letras e que me toma inteiramente o tempo, de maneira a me tolher para qualquer ato que não seja atinente à função que desempenho na judicatura de nossa terra.

Lembro ao nobre Amigo que o candidato à presidência, na próxima gestão, deve ser o nosso velho e bom Amigo dr. João Maia, e que, enquanto não se fizer a eleição da futura diretoria, deve a Academia ser regida por um triumvirato a que V. não negará o brilho de seu talento e a força do seu dinâmico feitio de bem servir as coletividades que têm a ventura de o contar nos seus quadros sociais.

Em data de 6 de abril de 1940, Olynto Sanmartin, como presidente da Rio-Grandense, escreve ao mesmo Carlos de Souza Moraes.

Reiniciados que estão os trabalhos da Academia, vimos, pela presente, dirigir veemente apêlo ao distinto confrade, – que sempre se mostrou um dos mais sinceros trabalhadores pela causa esposada pelo sodalício, – no sentido de que não nos deixe de prestar, neste ano, o seu valioso concurso, permitindo-nos assim que, com a indispensável cooperação de todos os companheiros, possamos levar a efeito o programa de ação que temos traçado e desejamos firmemente ver cumprido.

Êsse apóio que lbe solicitamos, V.S. no-lo dará com o seu comparecimento a todas as reuniões acadêmicas, de vez que, do número de confrades a elas presentes, depende a resolução de assuntos e a própria colaboração coletiva que se constituem motivo básico e essencial do progresso da Academia.

Para maior facilidade de grande parte dos snrs. Acadêmicos, decidimos, – pelo menos em caráter de experiência, – realizar nossas reuniões quinzenais ÀS TARDES. E assim faremos com a de quarta-feira próxima, dia 10 de abril, para a qual convidamos o distinto confrade, certo de que, tendo em vista a própria conveniência da hora – 5,30 da tarde, – cômodo e fácil será a V.S. dar-nos o prazer de sua comparência, pela qual nos antecipamos sumamente gratos.

Em carta datada em 15 de julho de 1942, Alvaro José Gomes Porto Alegre renunciou ao cargo de Secretário-geral, sem dizer as razões. Em 5 de setembro do mesmo ano Alcides Lopes Miller, como Secretário-geral interino, certificou que a Diretoria, por proposta do Presidente Honorário João Candido Maia, rejeitou o pedido de renúncia de Alvaro Porto Alegre porque vinha exercendo a contento e com inexcusável proficiência as suas funções. No verso dessa ata, Alvaro Porto Alegre fez consignar:

O sr Alcides Miller, enquanto esteve na interinidade da secretaria-geral só me entregou este documento. Todos os outros em seu poder não me foram entregues, apesar dos meus instantes pedidos. Pelo que presumo, estão extraviados.

Em 20 de outubro, foi a vez de Othelo Rodrigues Rosa renunciar ao encargo de vice-presidente, alegando absoluta carência de tempo.

Em nota manuscrita nessa carta, consta: “Fora eleito vice-presidente para 1942 e entrara em setembro no exercício de suas funções, num momento difícil para a vida da entidade, que ele ficou devendo, então, um inestimável serviço.”

Ainda para o mesmo Moraes, em 13 de julho de 1943, novo pedido de presença e um breve relatório da situação da entidade:

Tendo retornado às minhas funções na Secretaria da nossa Academia, iniciei lá dentro uma verdadeira “blitzkrieg”, para despertar aquela gente da modorra em que estava estiolando. E, para começar, já convenci os companheiros a um trabalho intenso, entusiástico e bem orientado, no sentido de que retornemos aos nossos áureos tempos de outrora. Parece que logrei mexer com a fibra da “turma”. Pelo menos, fui acolhido com simpatia. Temos agora em Pôrto Alegre o Félix Contreiras, que já andamos “namorando” para presidir a entidade no vindouro 43. A 21 do corrente, vamos eleger um novo e valioso companheiro, o Propício da Silveira Machado, filólogo, autor de várias obras sobre assuntos linguísticos e colaborador da imprensa diária. Nesse mesmo dia, retornará à Academia um dos que, em 36, a haviam abandonado pela outra, o Cel. Coelho da Costa.

É oportuna, agora, a candidatura do nosso amigo Krischke. Para isso, deverá êle dirigir ao Vice-Presidente em exercício, Capitão Dr. Ernani Alberto de Cunto, um ofício, solicitando sua inscrição como candidato a uma das cadeiras vagas. [...]

As cadeiras ainda sem pretendentes são as que têm por Patronos a Artur de Oliveira e a Carlos Ferreira, duas figuras muito interessantes das nossas letras, embora um tanto esquecidas. Sobre qualquer deles, tenho, em meu arquivo, dados suficientes para que, à vista dos mesmos, o Ver. Krischke possa escrever [...]

Gostaria, si não ficasse difícil, que nos dêsse o prazer de comparecer à sessão de 21 de julho, quarta-feira próxima. Nela apresentarei ao estudo da casa algumas interessantes sugestões para serem postas em prática quanto antes e gostaria que as conhecesse.

Mas as duas academias sobreviveram, assim beligerantes, até 1944, quando ocorreria a fusão das entidades, surgindo uma outra, que serviria como denominador comum, já que alguns acadêmicos

faziam parte de ambas. Nesse interregno surgiu o Instituto Rio-Grandense de Letras, uma experiência que não deu certo e apenas confirmou a sina acadêmica de tentar resolver as diferenças pessoais com a criação de nova entidade.

4

**INSTITUTO RIO-GRANDENSE
DE LETRAS**

O Presidente João Maia, ao solicitar auxílio financeiro federal ao Chefe do Governo Provisório da República, Getúlio Dornelles Vargas, mostrou, pelo teor da carta, as causas e fundamentos da criação do Instituto Rio-Grandense de Letras, em novembro de 1933¹.

Fundado a 20 de outubro de 1932, nesta Capital, o Instituto Rio-Grandense de Letras tem por finalidades o desenvolvimento e a propagação das letras gaúchas e a incrementação do intercâmbio cultural deste Estado com as demais unidades da Federação Brasileira. Em pouco mais de um anno de existencia, embora lutando contra toda a sorte de entraves, entre as quaes sobreleva, sem duvida, a indiferença, sinão a hostilidade, do meio ambiente, o nosso cenaculo tem já cumprido bôa parte do programma a que se propôz, notando-se que, nos ultimos tempos, pouco a pouco vão desapparecendo os óbices que antolhavam os primeiros passos da nossa jornada e que, pela convicção e bôa vontade com que todos os companheiros se vêm dedicando, não está longe a victoria final.

Nos nossos primeiros doze mezes de vida, preiteando a memoria de diversos finados escriptores riograndenses, escolhidos para patrocinar cadeiras deste sodalicio, fizeram socios nossos, em sessão publica, os elogios de Cezar de Castro, Carlos von Koseritz, Amalia Figuerôa, Pinto da Rocha, Simões Lopes Neto, Arthur de Oliveira, Barboza Netto e Araujo Porto Alegre, devendo prosseguir a serie no inicio do anno proximo. Por outra parte, realisamos tambem, em character publico, animadas tertulias, nas quaes se fizeram ouvir varios membros desta Casa, bem como pessoas extranhas que nos quizeram honrar com a sua coparticipação em nossos trabalhos.

Constituido o quadro effectivo, composto de 40 cadeiras, das quaes se acham occupadas 31, pelos escriptores senhorinhas Alzira Freitas, Aracy Fróes, Edith Hervé e Raquel de Castro Brazil e senhores Cel. João Maia, Dr. Carlos Alberto Ribeiro Tacques,

¹ Os textos constam nos documentos arquivados na Academia Rio-grandense de Letras, como documentos esparsos.

Avaro José Gomes Porto Alegre, Prof. Jorge Bablis, Ary Martins, Sylvio Mottola, Henrique Gonzales, F. Milanez Filho, Net Messias, Nilo Ruschel, Dr. Ariosto Vieira Rodrigues, Dr. Leopoldo Bettiol, Dr. Dario de Bittencourt, Cel. Manoel Joaquim de Faria Correa, Agnello Cavalcanti, Dr. Antonio Henrique de Casaes, Xenofonte de Freitas Lopes, Sylvio Mognone, Dr. João Henrique, Dr. João C. de Freitas, Zeferino Brazil, Dr. Attila Casses, Major Irineu Trajano, Dr. Manoel Marques da Silva Acanan, Pe. Ponciano dos Santos Stenzel, Victor Corrêa Rodrigues e Dr. Othelo Rosa, tratou-se logo de arrigementar elementos para a effectivação da segunda parte do nosso programma, a que respeita ao intercambio intellectual com os demais Estados, para o que foram eleitos já destacados membros correspondentes nas capitaes de Santa Catharina, Paraná, Espirito Santo, Mato Grosso, Sergipe, Alagôas e Pernambuco e nessa, encontrando-se já em vias de proposta outros diversos nomes das restantes circumscripções da União.

Todos esses factos, de alta eloquencia, provam á saciedade que o nosso esforço não há sido baldo, e a cada vez mais crescente concurrencia que expontaneamente ocorre ás nossas sessões constitúe poderoso estímulo que nos obriga a empregar sempre o mesmo empenho para que não fiquemos em meio caminho, quando já logramos quebrar a muralha do indifferentismo que nos ameaçava terrivelmente, nos inicios.

Nos elevados páramos da Intelligencia, que as mesquinharías da terra não conseguem tocar, por serem de purezas intocadas as suas alturas, nós, do Instituto Riograndense de Letras, velamos e velaremos, como sentinelas vigilantes, como atalaías dispostos, como guardiões escrupulosos, pelo bom nome e grandeza intellectual do Rio Grande do Sul, no firme proposito de vencermos com dignidade, collocando sempre sempre o nosso Estado em pinaros de resplandescencias deslumbradoras, haja o que houver, custe o que custar, aconteça o que acontecer.

Si, por qualquer circumstancia, formos mal succedidos e baquearmos derrotados na arena, o nome do Rio Grande não se empanará, porque saberemos perecer com honra, envolvidos no estandarte symbolo dos nossos ideaes de Arte.

Mas, para que possamos proseguir desafogadamente, espalhando uma esteira de luz sobre a trajetoria da nossa estrada e impondo-

nos victoriosamente, e cooperar para o brilhantismo do Rio Grande nos estádios da Intelligencia, urge e se torna mistér, sem delongas, um auxilio dos publicos poderes.

Sob uma perspectiva mais ampla, Ari Peixoto Martins, no texto citado de 1951, sintetizou a vida efêmera desse instituto que sequer pleiteou registro no Cartório de Pessoas Jurídicas:

De 1924 a 1932. há um hiato na vida acadêmica sul-riograndense. Sòmente nesse último ano, verifica-se nova revivescência. Com a fundação do Instituto Riograndense de Letras, que, embora sem a designação titular de academia, estava organizado sob rígidos moldes acadêmicos, com um efetivo de 40 cadeiras, cada qual sob a tutela de um finado escritor gaúcho ou ligado às lides intelectuais do Estado.

A criação do Instituto Riograndense de Letras teve lugar no prédio nº 42 da Praça Parobé, onde mantinha um educandário o professor Jorge Bablís, tendo sido este, ao lado de Sílvio Mottola e Ari Martins, o idealizador do novo grêmio. Ele nasceu a 20 de outubro de 1932.

A instalação verificou-se a 1º de dezembro do mesmo ano, no extinto salão de conferências da Biblioteca Pública do Estado, sendo proferido o discurso oficial por Ribeiro Tacques. Na presidência, estava João Maia. Como se pode notar, um e outro sobreviventes da última academia, como de quadros acadêmicos haviam vindo outros elementos que formavam no rol dos fundadores do Instituto: Vieira Pires, Manuel de Faria Correa, Irineu Trajano, Zeférino Brazzil.

[...]

O Instituto funcionou regularmente até fevereiro de 1934, realizando sessões públicas e ordinárias, aquelas sempre assistidas por numeroso público, pois a criação desse grêmio – animado pelo idealismo e pela energia de muita gente moça e que recém despontava para as letras – teve o condão de animar, sem nenhum exagero, a vida intelectual da cidade. Houve recepções a escritores de fora em visita a Pôrto Alegre, tendo sido proferidos elogios de 11 patronos.

A sede dessa agremiação foi, durante certo tempo, a Sociedade Espanhola, à rua Andrade Neves, nº 81, e, depois, até seu desaparecimento, no prédio nº 1383 – demolido para a construção

da Avenida Borges de Medeiros – da rua dos Andradas, onde funcionava a Associação Comercial dos Varejistas.

Sua extinção foi concretada em decisão harmônica dos sócios que compareceram à assembléia para tal fim especialmente convocada, havendo surgido da conveniência de se pôr fim a graves dissidências que no seio do Instituto se haviam levantado. Essa mesma assembléia assentou a entrega do patrimônio social, como realmente sucedeu, à Academia Riograndense de Letras que, prestigiada por grande parte de elementos do grêmio em dissolução, se preparava para renascer.

Realmente chegara-se à conclusão, dentro próprio Instituto Riograndense de Letras – tal o surto de desenvolvimento por êste tomado – que era chegada a hora de legitimar-se como a academia uma instituição que, de fato, vinha preenchendo cabalmente essa função no cenário intelectual dos pampas. João Maia, na dupla qualidade de presidente do Instituto Riograndense de Letras e de membro fundador remanescente da Academia Riograndense de Letras, tomou a si o empreendimento. Dirigiu para isso convites aos demais sobreviventes da entidade que se fundara em 1901 e que eram na época: Mário d’Artação, José Carlos de Souza Lôbo, Alfredo Lisboa, Mário Totta, Olinto de Oliveira, Zeferino Brazil, Alcides Lima, Alcides Maya e Alfredo Ferreira Rodrigues. Dois recusaram cooperar e dois outros deixaram sem resposta o apêlo que lhes fôra endereçado. Aliado aos restantes, João Maia convocou outros intelectuais gaúchos – alguns que vinham dos quadros do Instituto Riograndense de Letras, outros que tinham pertencido à Academia de Letras do Rio Grande do Sul – e, a 15 de agosto de 1934, declarava oficialmente reerguida a Academia Riograndense de Letras, em sessão realizada à Praça Parobé, n° 42, na residência do Professor Jorge Bahlis.

Uma diretoria provisória, com o idealizar do renascimento à testa, era, logo após, a 8 de novembro, substituída pela primeira de caráter definitivo, ainda com João Maia na presidência. Pouco antes, ou seja, a 6 de setembro, tinham sido aprovados os estatutos e, assim, a 1° de dezembro, pôde a instituição instalar-se solenemente, em sessão realizada na Biblioteca Pública e da qual foi orador oficial João C. de Freitas.

Em sessão solene, realizada a 18 de dezembro de 1961, a Academia Rio-Grandense de Letras, agora fruto da fusão de 1944, comemorou diversas efemérides altamente significativas na vida literária do Estado, ocasião em que proferiu o discurso oficial o acadêmico Ramiro Frota de Barcelos mapeando a vida acadêmica, desde o Parthenon Litterario. Sobre o Instituto, especificamente, disse o orador:

Após nove anos de inatividade das academias, nasce o Instituto Rio-Grandense de Letras. A corajosa iniciativa é de Ari Martins, Silvio Mottola e Jorge Bablis, Instalam-no à Praça Parobé, 42. Ali acordam velhas tradições acadêmicas, cujas vozes jamais tornaram a adormecer. Vários remanescentes das academias formam ao lado destes três mosqueteiros das letras gaúchas, como João Maya, Faria Correa, Vieira Pires, Irineu Trajano, Zeferino Brazzil, Ribeiro Taques e outros. A instalação tem como orador oficial este último. A noite de 1º de dezembro de 1932, no recinto nobre da Biblioteca Pública do Estado, é de gala e de júbilo. João Maya fica na presidência e é o orador da noite. Mais tarde outros valores de ambas as academias vêm juntar-se aos primeiros do Instituto para preenchimento total do quadro da nova entidade literária. Álvaro Porto Alegre, Leopoldo Bettiol, Dario de Bittencourt, Nilo Ruschel, João Henrique, Alzira Freitas, Araci Fróes, Edite Hervé (a mulher participa, pela primeira vez, da vida acadêmica sul-riograndense)².

Afanosa e brilhante é a fase do Instituto Rio-Grandense de Letras. Sucessão de elogios patronímicos; recepções a notáveis homens de letras; organização de quartos-de-hora literários, em cujas reuniões confraternizam velhos e moços em perfeita consonância de pensamento. A tal ponto é elevado o entusiasmo pelas cousas do espírito, que, por iniciativa de João Maya, pratica-se uma reversão à clássica modalidade de academia, de feitio parisiense, paradigma do oficialismo literário universal. Isso acontece em 15 de agosto de 1934. O Instituto têm a duração de apenas dois anos, mas dois anos de esplêndidas realizações.

2 O orador esqueceu Luciana Abreu e outras mulheres que participaram das entidades anteriores.

Em 17 de abril de 1933, o Secretário-geral Álvaro José Gomes Porto Alegre, enviou carta à Sociedade Espanhola de Socorros Mútuos a respeito do aluguel do salão de festas:

Levamos ao conhecimento de VV.SS. que, de accordo com o que já foi antes combinado verbalmente com um dos membros da sua directoria pelo nosso consocio snr. Prof. Jorge Bablis, este Instituto aluga, mediante o pagamento de Rs. 70\$000 mensaes, o salão de festas dessa Sociedade para nelle realizar um maximo de tres sessões por mez.

Normalmente, occuparemos o referido salão em todas as primeiras e terceiras quartas-feiras de cada mez, das 19 ás 23 horas, o mais tardar. Em casos especiaes, daremos uma terceira sessão, avisando então previamente o dia e a hora, para os devidos fins.

O Instituto levou ao ar, pela Rádio Gaúcha, diversos programas:

Porto Alegre, 29 de setembro de 1933.

Exmo^o Sr. Dr. Paulo Franco dos Reis

DD. Presidente da Rádio Sociedade Gaúcha.

De ordem do sr. Presidente do Instituto Rio Grandense de Letras, levamos ao conhecimento de V.S. que estamos de posse de sua delicada comunicação de 23 do corrente.

Nada tem de agradecer ao nosso concurso intellectual essa adeantada Sociedade, que tantos e tão relevantes serviços está prestando ao Rio Grande do Sul, accordando o gosto pelo Bello e pela Arte por todos os quadrantes do Estado, refletindo-se tambem no estrangeiro a sua actuação civilizadora, fazendo sentir o gráo de adiantamento da nossa terra nativa. Bem pelo contrario, o nosso Instituto é que se orgulha pela alta distincção e nimia gentileza dessa benemerita Sociedade. E, destarte, faremos tudo quanto estiver ao nosso alcance para que possamos corresponder ao gesto tão distincto e nobre de tão conhecida e util Sociedade sob sua propecta direcção, o que, sobremodo, nos sensibiliza e nos encoraja para levarmos, sem desanimo nem desfallecimentos, a nossa ardua e patriotica missão á meta tão ardentemente desejada.

As academias, especialmente o Instituto e a Sul-Rio-Grandense destinaram parte considerável dos seus esforços para avolumar o quadro de sócios correspondentes, conferindo ao mesmo grandeza e destaque, observando procedimento de ingresso semelhante aos Efetivos. Tanto no interior do Estado, como em outras unidades da Federação, Uruguai e Argentina, encontraram esses sócios e com eles mantiveram correspondência.

Apenas para registrar um instante da época, incluo, no site, cópia de fonograma de felicitações, como usava a Cia. Telephonica Rio Grandense, que Dario Bittecnourt enviou ao Instituto quando da sua instalação:

Instante Instituto solenemente instala seus trabalhos congratulome com mesmo representado batalhadores João Maria Bablis Ary Martins augurando duradoura existencia para maior gloria letras nosso Pago.

Com o mesmo propósito, registro, ainda no site, uma convocação da Liga Anticlericalista, presidida pelo coronel Frederico Gomes. Até então, o Rio Grande do Sul contava com três academias: a Rio-Grandense, de 1901; a de Letras (de 1910, reorganizada em 1936); e o Instituto (criado em 1932).

5

A FUSÃO (1944): ACADEMIA SUL-RIOGRANDENSE DE LETRAS

Enquanto isso, durante o ano de 1935, a Academia Rio-Grandense de Letras (com o acréscimo do Instituto) realizou diversos eventos. Mas em 1936 começaram as divergências internas, resultando na renúncia coletiva da diretoria. Eleitos os novos dirigentes, as realizações culturais continuaram. Todavia, no final desse ano ressurgiu (reorganizada) a Academia de Letras do RGS, capitaneada pelos renunciantes João Maia, João Crisóstomo de Freitas, Álvaro Porto Alegre, Manuel Acauã, Fernando Luiz Osório, Manuel Joaquim de Faria Correia, Jorge Bahlis, Fanfa Ribas, Barcelos Ferreira e Vieira Pires.

Em 1935, a Rio-Grandense solicitou ao Tesouro Nacional a liberação de 2;000\$000 (dois mil réis) que fora destinado pelo Ministério da Educação. Fundados diversos grêmios literários em cidades do interior; curso sobre História Literária Gaúcha (Poetas da última geração romântica, O parnasianismo no RS, Literatura regional gaúcha, A prosa de ficção nas letras rio-grandenses).

Em 1937 a Academia Rio-Grandense de Letras assumiu a liderança acadêmica no Estado porque foi convidada, com exclusividade, para participar do congresso das Academias de Letras do Brasil, no Rio de Janeiro, por iniciativa da Academia Carioca de Letras, e passou a ser considerada fundadora da novel Federação das Academias de Letras do Brasil. Como os estatutos dessa Federação só admitia filiar uma agremiação em cada Estado, a Academia Rio-Grandense foi a escolhida. A partir de então tomou ares de titular e iniciou campanha de parceria com entidades do interior gaúcho e, sob seu patrocínio, promoveu a criação de inúmeros grêmios literários municipais.

Em abril de 1940, o Presidente Olynto Sanmartin, encarece ao mesmo Carlos de Souza Moraes, a sua presença nas reuniões e, para facilitar a presença dos associados, altera o horário para as tardes de quartas-feira.

Até 1939 as duas academias dividiram o espaço cultural rio-grandense com grande rivalidade. Ocorreram trocas de acadêmicos, os sócios de uma passando para as hostes da outra.

Zeferino de Souza Brazil tinha muito prestígio e estava filiado às duas academias – Rio-Grandense de Letras e a de Letras do RGS. Conforme Ari Martins, “ todos quantos nessa época conviveram com

o Mestre, podem testemunhar que seu maior empenho era que de novo os intelectuais gaúchos se unissem numa só entidade”.

Faleceu sem conseguir esse intento.

Contudo, em outubro de 1942, a sua homenagem póstuma contou com a presença das duas academias, a semente para a futura e próxima união. Ainda nas palavras de Ari Martins, “uma academia tomava conhecimento oficial da existência da outra. Comissões mistas, devidamente credenciadas, se haviam reunido e promovido a solenidade *in memoriam* do poeta da *Vovó Musa*.”

Então, a 20 de novembro de 1942, no veterano Teatro São Pedro, ao mesmo tempo em que oradores das duas academias exaltavam a obra de Zeferino de Souza Brazil, não ocultavam o significado daquela sessão conjunta e do que ela representava como suprema homenagem à memória de quem tanto se empenhara pela união dos acadêmicos gaúchos.

Parece que nossos intelectuais finalmente haviam aprendido a lição. Todavia, a Academia continuava com suas dificuldades.

Em 1944, ocorreu a fusão.

Mas, já em 1942, o assunto estava na pauta dos acadêmicos. Alvaro José Gomes Porto Alegre, Secretário-geral da Academia de Letras do Rio Grande do Sul, em data de 31 de outubro, escreveu longa missiva ao presidente da Academia Rio-Grandense de Letras:

Sinto intenso jubilo em levar ao vosso conhecimento que a Academia de Letras do Rio Grande do Sul, em sessão realizada hoje, inteirada do convite que esse sodalício, por intermédio do sr Manoel Faria Correia, faz ao nosso, a respeito das homenagens que devem ser prestadas ao saudoso poeta Zeferino Brazil, em sessão especial, aceitou de bom grado e com satisfação sincera tão gentil demonstração de cordialidade e apreço.

Em virtude deste acontecimento, auspicioso por aproximar as duas entidades literárias até então distanciadas, cumpre-me comunicar-vos, com presteza, que foram tomadas medidas a proposito, sendo escolhido para falar em nome da nossa Academia o sr Augusto Carvalho.

Foi igualmente organizada uma comissão composta dos srs. Evandro Ribeiro, Alcides Miller, Jaci Tupi Caldas e Alvaro

José Gomes Porto Alegre para, de acordo com a comissão dessa respeitável associação, tomar as medidas oportunas para o bom termo do que se tem em mira.

Pondo-vos ciência do que ocorreu entre nós, sem uma discrepância, sequer, fica nossa Academia aguardando um entendimento com a comissão dessa.

Entusiásticas saudações.

Alvaro José Gomes Porto Alegre – O secretário-geral.

O ano de 1944 foi pródigo em consultas aos acadêmicos sobre a ideia de fusão.

Aurelio Porto responde a Ari Martins, em 31 de maio, concordando porque “*só pode influir no engrandecimento de nosso meio literário e, por conseguinte, na expansão das nossas letras*”.

Castilhos Goycochea afirma que:

é no sentido de ser dada realidade a essa necessidade, in-continenti. Era demais a existencia de duas entidades do genero numa só Provincia, dando como resultado a dispersão dos esforços. Essa também a opinião de Souza Docca e do Aurelio Porto, com os quais, por sorte, pude me comunicar em seguida ao recebimento de tua predita carta. É excusado dizer-te que meu nome e minha posição na nossa Academia não servirá, em hipotese alguma, de impecilho á organização da nova entidade literaria. Isso quer dizer que ficas autorizado a sacrifica-lo, se se fizer preciso. Sem vaidades de qualquer genero, não disputo coisa alguma, sem todavia deixar de continuar a trabalhar para a maior gloria da nossa terra e da nossa gente sem eguais no Brasil e no mundo.

Ary Peixoto Martins, ainda outra vez, suplica ao *caro Moraes* e explica a fusão:

É com júbilo que te comunico ter sido encontrado a formula definitiva a que obedecerá a fusão das duas academias. Desaparecerão ambas e surgirá em seu lugar a Academia Gaúcha de Letras, com 40 Efetivos-Residentes e 40 Efetivos-Ausentes. Tu pertencerás ao quadro dos primeiros, mantendo nele o teu Patrono, Félix da Cunha.

Quarta-feira teremos uma sessão para resolver em definitivo sobre o título, pois há elementos que pretendem denominar a nova entidade de Partenão Literário. Isso — cá para nós — é querer subverter a tradição acadêmica. A maioria está favorável à designação acima: Academia Gaúcha de Letras. Se não pudeses estar presente à reunião de quarta, manda-nos a tua solidariedade por escrito à nova entidade e — o que é importante — o teu voto pelo nome atrás referido.

Não dispensarei tua presença, porém, à grande sessão conjunta de domingo, 18, pela manhã, quando se procederá efetivamente à fusão. Será uma solenidade histórica, para a qual precisamos contar com o comparecimento de todos os nossos companheiros. Até do interior virão confrades, um de Santa Cruz e outro de Flores da Cunha. Conto contigo, Carlos.

Se tiveres interêsse em conhecer com detalhes o plano de fusão, tenho cópia na “Sul América”, à tua disposição.

Em 12 de junho, Oscar de Macedo Holanda Cavalcanti concordou com a ideia e acrescentou que quanto à nova denominação da Academia, julgava mais conveniente conservar-se o nome de uma das duas academias envolvidas na fusão. Dario de Bittencourt expressou o desejo de manter-se a denominação rio-grandense.

Em 15 de junho, Walkyria Neves Salis Goulart escreveu:

Alegra-me ao extremo a notícia da próxima fusão da “Academia Rio-Grandense de Letras” com a “Academia de Letras do Rio Grande do Sul”.

Os homens de pensamento, hoje mais do que nunca, precisam reunir-se em um só bloco de idéias e ideais, rumando juntos para esse horizonte claro que a humanidade de amanhã terá a iluminar-lhe esplendidamente os anseios de cultura mais e mais crescentes.

Na próxima assembléia de unificação das duas academias, os prezados confrades dirão da minha solidariedade integral à nova entidade que vai surgir como legítima continuadora das atuais.

Coelho da Costa abriu mão do seu direito a uma poltrona a fim de possibilitar a referida e impositiva fusão. E Joaquim Luiz Osorio seguiu no mesmo diapasão.

Ary Peixoto Martins (secretário-geral), João César Santos e Olinto Sanmartim – pela Academia Rio-Grandense de Letras; Tasso Vieira de Faria (secretário-geral), João Henrique e Manuel Faria Correia, pela Academia de Letras do RGS, formaram a comissão final para elaborar o Estatuto e os procedimentos formais para a fusão das duas entidades.

Ninguém melhor que a testemunha participante, Ari Peixoto Martins¹, para narrar os fatos:

Nos primeiros dias de junho, estavam ventiladas e aprovadas no plenário de cada uma das entidades em vias de congraçamento definitivo as normas a que deveria obedecer a unificação. Eram estas em síntese: A Academia Riograndense de Letras e a Academia de Letras do RGS deveriam ser oficialmente extintas em sessões que realizariam, cada qual em local próprio, no mesmo dia e hora, surgindo, com a designação oficialmente expressa em artigo inicial dos respectivos estatutos, de entidade única sucessora e continuadora de ambas uma nova entidade: a Academia Sul-Riograndense de Letras. Como nos quadros de cada uma e outra existissem, na categoria de efetivos, acadêmicos residentes na Capital do Estado ao par de acadêmicos residentes fora de Pôrto Alegre, a nova Academia faria sua separação englobando-os em duas grandes categorias, cada qual com 40 cadeiras: os membros efetivos-residentes e os membros efetivos-ausentes, reservando-se o título, já existente, de membros correspondentes apenas para os intelectuais não riograndenses. Haveria patronos para os efetivos-residentes e patronos para os efetivos-ausentes. Cada acadêmico teria o direito de conservar o patrono da cadeira que já ocupava no sodalício de que provinha. Na hipótese de identidade de patrono, caberia êste ao acadêmico que, em sua Academia, já tivesse feito o respectivo elogio crítico-biográfico. Se ambos já houvessem se desincumbido de tal preceito, o patrono seria do acadêmico com investidura mais antiga.

Tudo se resolveu na mais perfeita das harmonias. Mesmo na questão de escolha dos patronos, onde o assunto parecia a primeira vista um pouco complexo, não houve dificuldades. Únicamente cinco elementos deixaram de pertencer à nova Academia, preferindo aproveitar-se da extinção dos sodalícios a que respectivamente

1 Martins Ari. Obra citada, p. 53, 54.

pertenciam para se eximirem de suas qualidades de acadêmicos: Walter Spalding, Adroaldo Mesquita da Costa e Martim Gomes, da Academia Rio-Grandense de Letras; e Jorge Bablis e Evandro Ribeiro, da Academia de Letras do Rio Grande do Sul.

Assim, a 18 de junho de 1944 – data prévia e deliberadamente escolhida, pois nela se comemorava o 76º aniversário de fundação do Partenão Riograndense – processava-se oficialmente o grande feito da fusão. Era um belo domingo de inverno. Às 9 horas da manhã, em sua sede, a Academia Riograndense de Letras, então presidida por Walter Spalding, realizava sua sessão de extinção, enquanto que, à mesma hora, em local próximo, a Academia de Letras do RGS, presidida por seu Secretário-Geral, Tasso Vieira de Faria, levava a efeito ato idêntico. Foram duas reuniões inesquecíveis, remarcadas por profundo toque de emoção, em que se repassaram, com natural saudade, os momentos culminantes da vida das entidades que iam desaparecer daí a poucos minutos, mas que o fariam em benefício da própria cultura acadêmica riograndense, para darem lugar à Academia única. Lavraram-se as atas de extinção, assinadas por todos os acadêmicos presentes, e, às 10 horas, na sede neutra do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, realizava-se, sob a chefia suprema do presidente desse órgão, a sessão oficial de fundação e instalação da Academia Sul-Riograndense de Letras.

Como registrou Hélio Moro Mariante, no texto citado, p. 26:

Se a euforia por este acontecimento foi grande no seio dos acadêmicos das entidades unificadas, a medida gerou tímidos protestos, através da imprensa da capital gaúcha, de duas entidades ligadas às letras: a Academia Literária Sul-Riograndense e a Academia Feminina de Letras.

Da primeira, seu presidente Walter Rosa protestou dizendo que a fusão nada mais era do que “um libelo contra as demais corporações culturais gaúchas” e do grêmio feminino, por intermédio do seu porta-voz Araci Fróes que, entre outras considerações, afirmou que “os imortais eram contra as mulheres, mas agora querem flirt...”.

Retomando a fusão: os quadros acadêmicos ficaram assim constituídos:

Efetivos-residentes	
Acadêmico	Patrono
01. Olintho Sanmartim	Manoel Araujo Porto Alegre
02. Leopoldo Bettiol	Carlos von Koseritz
03. Carlos de Sousa Moraes	Felix Xavier da Cunha
04. Salvador Garcia Carravetta	Gaspar Silveira Martins
05. César Santos	Bernardo Taveira Junior
06. Mário Bernd	Apollinario José Gomes Porto Alegre
07. João Henrique	Carlos Augusto Ferreira
08. Radagásio Taborda	José Theodoro de Souza Lobo
09. Marieta Mena Barreto Costa	Benjamin Franklin Ramiz Galvão
10. Alvaro Porto Alegre	Achylles Porto Alegre
11. Thiago Mathieu Wurth	Carlos Teschauer
12. Raul Totta	Francisco Lobo da Costa
13. Alcides Miller	Carlos Alberto Miller
14. Othelo Rosa	Antonio da Fontoura Xavier
15. Carlos de Azevedo Légori	Múcio Scevola Teixeira
16. Propício da Silveira Machado	Arthur Pinto da Rocha
17. Manuel Faria Correia	Timóteo Faria Correia
18. Manuel Duarte	Alfredo Varela
19. Luiz Carlos de Morais	João Cezimbra Jacques
20. Darci Azambuja	João Simões Lopes Neto
21. Edgar Braga Fontoura	Alfredo Ferreira Rodrigues
22. Oscar de Oliveira Ramos	Juvenal Octaviano Miller
23. Edgar Luis Schneider	Francisco Antonio Vieira Caldas Junior
24. Emilio Kemp	Zeferino de Souza Brazil

25. Fortunato Pimentel	Alberto Correia Leite
26. Mário Teixeira de Carvalho	João Borges Fortes
27. Bento Fernandes	Anibal Theofilo
28. Ari Martins	João da Silva Belém
29. Ribeiro Taques	José Carlos de Sousa Lobo
30. Tasso Vieira de Faria	Gregório Porto da Fonseca
31. Alcides Gonzaga	José Paulino de Azurenha
32. Augusto de Carvalho	Pedro de Castro Velho
33. Narciso Berlese	João Cesar de Castro
34. Antonio Dias de Oliveira	Fernando Luiz Osorio Filho
35. João Mozart de Mello	Roque Callage
36. Waldemar do Couto e Silva	Lindolfo Boeckel Collor
37. José Antunes de Mattos	Felipe Alves de Oliveira
38. Gevaldino Ferreira	Eduardo Guimaraens
39. Dario de Bittencourt	Francisco Ricardo
40. Paulo Afonso Acioli de Gouveia	Alcy de Freitas Wamosy.

Efetivos-ausentes (moradores em outras cidades):	
Acadêmico	Patrono
01. Félix Contreiras Rodrigues	Araujo Ribeiro
02. Aurélio Porto	Antonio Coruja
03. José de Assis Brasil	Joaquim Caetano da Silva
04. George U. Krischke	José Antonio do Valle Caldre Fião
05. Waldemar de Vasconcelos	Antonio Ferreira Viana
06. Jaci Antonio Tupi Caldas	Bibiano de Almeida
07. vaga	Eudoro Brasileiro Berlinck
08. João Pereira de Oliveira	José Bernardino Bormann
09. Arnaldo Damasceno Vieira	Bernardino dos Santos

10. Camila Furtado Alves	Amália dos Passos Figueroa
11. Souza Docca	Hilário Ribeiro
12. Joaquim Luiz Osório	Fernando Osório (pai)
13. Carlos Maximiliano	Apelles Porto Alegre
14. Augusto Frederico Correia Lima	Artur de Oliveira
15. Valentim da Silva Benicio	Damasceno Vieira
16. vaga	Joaquim Alves Torres
17. Castilhos Goycochea	Assis Brasil
18. vaga	Andrade Neves Neto
19. Abadie Faria Rosa	Arthur Rocha
20. Raul de Bittencourt	Júlio Prates de Castilhos
21. Mateus da Fontoura	Oscar Pederneiras
22. vaga	Pardal Mallet
23. Sante Uberto Barbieri	Renato da Cunha
24. Oscar de Holanda Cavalcanti	Vitor Silva
25. Fernando Oliveira Callage	Leopoldo de Freitas
26. Manuel do Carmo	Canto e Mello
27. Rúbio Brasileiro Ferreira	Mário de Artagaão
28. vaga	Sebastião Afonso de Leão
29. Alfredo de Assunção	João Candido Maia
30. Alvaro de Alencastro	Rêgo Monteiro
31. Ernani Alberto de Cunto	Alarico Ribeiro
32. vaga	Alberto Ramos
33. Deoclécio de Paranhos Antunes	Marcello Gama
34. Coelho da Costa	Irineu Trajano
35. Florêncio Carlos de Abreu e Silva Filho	Otávio de Faria
36. Átila Guterres Casses	Barboza Neto

37. Ernani Lopes	Jorge Jobim
38. Olmiro Palmeiro de Azevedo	Garcia Margiocco
39. vaga	Peri de Oliveira Mello
40. Walquiria Neves de Salis Goulart	Jorge Salis Goulart

Membros de Honra: João Neves da Fontoura, Olintho de Oliveira, José Carlos de Macedo Soares, Fanfa Ribas, Alcides Maia e Mário Totta

Primeiros presidentes: Manuel Faria Correia, João Mozart de Mello e Mário Bernd

No artigo *Vida Acadêmica*²:

Desde a fusão das duas academias de letras, até então existentes nesta capital, de que proveio a atual Academia Sul-Riograndense de Letras, realizaram-se várias e importantes sessões num constante desdobramento em prol das nossas letras e de intercâmbio cultural.

Resumindo as atividades: *Ciclo Apollinario Porto Alegre*, em homenagem ao centenário do seu nascimento, sendo presidente Walter Spalding e depois Olinto Sanmartim e conferencistas Alcides Lopes Miller, Ari Peixoto Martins, Carlos de Azevedo Légori e Álvaro José Gomes Porto Alegre. *A Questão Homérica*, por Mário Piagetti Bernd; Leitura do texto de dramaturgia *Praias do Brasil*, por Manuel Faria Corrêa. *Teatro e Cinema e Vida e Obra de Castro Alves*, por Ari Peixoto Martins. *A Concepção Unitária do Universo e A Ciência da Natureza Humana*, por Tasso Vieira de Faria. *Era no Tempo do Rei e A Casa e o Homem*, por Carlos de Azevedo Légori. Outras séries de conferências foram realizadas focalizando temas como *Camões, Elogio da Língua Portuguesa; Cristianismo e Instrução Pública; Espírito Francês; A Filantropia na Antiguidade; Origem da Palavra Gaúcho: étimo – hipóteses apresentadas – tipo primitivo; Alcides de Castilhos Maia; A Obra de Zeferino Brazil*.

Nas sessões acadêmicas, o espaço reservado do Quarto de Hora Literária, quando acadêmicos dissertavam sobre um tema cultural.

² Revista da Academia Sul-Riograndense de Letras, nº 1, junho de 1948, p. 138-143.

Semana de Camões foi outra realização importante, esta em parceria com a Casa de Portugal.

Quando um autor, autoridade importante ou acadêmico de outro Estado visitava a cidade era solenemente recebido. Os acadêmicos falecidos eram lembrados em atos solenes, quando suas vidas e obras eram analisadas.

Em dezembro de 1949 foi publicado o segundo número da revista da Academia Sul-Riograndense de Letras.

Ao final da edição de 51/52, da *Revista da Academia Sul-Riograndense de Letras*, consta as seguintes alterações no quadro de Efetivos-residentes, com acréscimo de anotações manuscritas:

Cadeira 05 – no lugar de César Santos, Athalício Pithan

Cadeira 07 – no lugar de João Henrique, Ramiro Frota Barcelos

Cadeira 21 – no lugar de Edgar Braga da Fontoura, Antonio Carlos Machado; depois, Clio Fiori Druck

Cadeira 26 – no lugar de Mário Teixeira de Carvalho, Arthur Ferreira Filho

Cadeira 29 – no lugar de Ribeiro Taques, Rui Cardoso Nunes.

Na data de 18 de agosto de 1944, Olinto Sanmartim registrou no atual Cartório de Registro das Pessoas Jurídicas, o Estatuto da Academia Sul-Riograndense, cujo artigo primeiro diz³:

Art, 1º – A Academia Sul-Riograndense de Letras, fundada como resultante da unificação da Academia Riograndense de Letras e da Academia de Letras do Rio Grande do Sul, das quais se propõe a perpetuar as tradições e se constitui única e legítima sucessora, é uma sociedade civil, com sede em Pôrto Alegre, Capital do Estado do Rio Grande do Sul.

Consta que nos anos de 1954/55 a Sul-Rio-Grandense recebeu vinte mil cruzeiros do Ministério da Educação, assim como, em 35, a Rio-Grandense também recebera, o que significa que as duas academias estavam operosas e perfeitamente registradas.

³ Texto integral no site do Autor.

6

**DE NOVO ACADEMIA
RIO-GRANDENSE DE LETRAS**

No dia 6 de maio de 1963, por proposta do presidente Gevaldino Ferreira, aprovada por unanimidade, em homenagem à instituição pioneira no Rio Grande do Sul, a Academia Sul-Riograndense de Letras¹ assumiu a denominação original: Academia Rio-Grandense de Letras.

Essa denominação – Sul-Riograndense de letras – fora proposta pelo acadêmico Waldemar de Vasconcelos alegando existir a Norte-Rio-Grandense ou Rio-Grandense do Norte, como preceituava a Federação das Academias de Letras.

Propício da Silveira Machado sugeriu, quando as circunstâncias permitiram, que a entidade devia assumir o nome de origem – Rio-Grandense de Letras – por razões históricas e de tradição, logrando apoio da Federação das Academias.

Em 1973 foi aprovada o novo Estatuto que, em seu artigo terceiro, estabeleceu: “Compõem-se a Academia de 40 membros Efetivos, que constituem seu Quadro Ordinário, e de um número indeterminado de Correspondentes, Beneméritos e Honorários”.

No artigo quarto nominou os patronos e assim permanece: Manuel de Araujo Porto Alegre, Carlos von Koseritz (Carl Julius Christian Adalbert Heinrich Fernand von Koseritz), Félix Xavier da Cunha, Gaspar Silveira Martins, Bernardo Taveira Junior, Apollinário José Gomes Porto Alegre, Carlos Augusto Ferreira, José Theodoro de Souza Lobo, Benjamin Franklin Ramiz Galvão, Achylles Porto Alegre, Carlos Teschauer, Francisco Lobo da Costa, Carlos Alberto Miller, Antonio da Fontoura Xavier, Múcio Scevola Teixeira, Artur Pinto da Rocha, Timóteo Faria Correia, Alfredo Varela, João Cezimbra Jacques, João Simões Lopes Neto, Alfredo Ferreira Rodrigues, Juvenal Octaviano Miller, Francisco Antonio Vieira Caldas Junior, Zeferino de Souza Brazil, Alberto Correia Leite, João Borges Fortes, Aníbal Teophilo, João da Silva Belém, José Carlos de Souza Lobo, Gregório Porto da Fonseca, José Paulino de Azurenha, Pedro de Castro Velho, João César de Castro, Fernando Luiz Osório Filho, Roque Callage, Lindolpho

¹ Os textos, como documentos esparsos encontram-se arquivados na Academia Rio-grandense de Letras.

Boeckel Collor, Felipe Alves de Oliveira, Eduardo Guimarães, Francisco Ricardo, Alceu de Freitas Wamosy.

Os acadêmicos

Face às modificações de nomes, academias e cadeiras, além das pessoas citadas, é possível resgatar a história e continuidade das cadeiras a partir da fusão de academias ocorrida em 1944.

Cadeira 1 – Manuel de Araújo Porto Alegre (patrono), Olinto Sanmartín, Lenine Nequete, José Eduardo Degrazia.

Cadeira 2 – Carlos Von Koseritz (patrono), Leopoldo Bettiol, João Palma da Silva, Moacyr Flores.

Cadeira 3 – Félix da Cunha (patrono), Carlos de Souza Moraes, José Édil de Lima Alves.

Cadeira 4 – Gaspar Silveira Martins (patrono), Salvador Garcia Carravetta, Naziazeno de Almeida, Mila Cauduro, Paulo Brossard de Souza Pinto, Caio Riter.

Cadeira 5 – Bernardo Taveira Júnior (patrono), Cesar Santos, Atalício Pithan, Luis Carlos Barbosa Lessa, Rossir Berny, Amir Feijó Pereira, Maria da Glória Jesus de Oliveira.

Cadeira 6 – Apolinário Porto Alegre (patrono), Mario Bernd, Elvo Clemente, Elvino Vargas.

Cadeira 7 – Carlos Augusto Ferreira (patrono), João Henrique, Ramiro Frota Barcelos, Carlos Reverbel, Flávio Loureiro Chaves, Percival Oliveira Puggina.

Cadeira 8 – José Teodoro de Souza Lobo (patrono), Radagásio Vieira Taborda, Mozart Pereira Soares, Voltaire Schilling, Raul Moreau Neto.

Cadeira 9 – Ramiç Galvão (patrono), Marieta Mena Barreto Costa, Antonio da Rocha Almeida, Amadeu F. de Oliveira Freitas, Rovilio Costa, Franklin João Marcantonio da Cunha.

Cadeira 10 – Aquiles Porto Alegre (patrono), Alvaro Porto Alegre, Nilo Ruschel, Leandro da Silva Telles, Nilson Luiz May.

Cadeira 11 – Padre Carlos Teschauer (patrono), Thiago Mathieu Wurth, Antonio Carlos Machado, Luis Alberto Cibils.

Cadeira 12 – Francisco Lobo da Costa (patrono), Raul

Totta, Dionisio Fuertez Alvarez, Cesar Alexandre Pereira.

Cadeira 13 – Carlos Alberto Miller (patrono), Alcides Lopes Miller, Osvaldo Muller Barlem, Jaime Piterman.

Cadeira 14 – Fontoura Xavier (patrono), Othelo Rosa, Guilherme Schultz Filho, Justino Albuquerque de Vasconcelos, Airton Ortiz.

Cadeira 15 – Múcio Teixeira (patrono), Carlos de Azevedo Légori, Moacir Santana, Anselmo do Amaral, Maria Eunice Garrido Barbieri.

Cadeira 16 – Artur Pinto da Rocha (patrono) Propício da Silveira Machado, Betty Yeda Brognoli Borges Fortes, Kathrin Holzermayr Lerrer Rosenfield.

Cadeira 17 – Timóteo Faria Corrêa (patrono), Manoel Joaquim de Faria Correa, Germano Junges, Heino Willy Kude.

Cadeira 18 – Alfredo Varela (patrono), Manoel Duarte, Walter Só Jobim, Tarcisio Antonio da Costa Taborda, Laury Maciel, Marília Beatriz Cibils Becker.

Cadeira 19 – João Cezimbra Jacques (patrono), Luis Carlos de Moraes, Poty Cachapuz Irineu de Medeiros, Dante de Laytano, José Francelino de Araujo, Joaquim Moncks.

Cadeira 20 – João Simões Lopes Neto (patrono), Darci Azambuja, Mozart Vitor Russomano, Hilda Agnes Hubner Flores.

Cadeira 21 – Alfredo Ferreira Rodrigues (patrono), Edgar Fontoura, Antonio Carlos Machado, Clio Fiori Druck, Helio Moro Mariante, Avelino Alexandre Collet.

Cadeira 22 – Juvenal Octaviano Miller (patrono), Oscar Oliveira Ramos, Mario Calvet Fagundes, Albino de Bem Veiga, Sergio Augusto Pereira de Borja.

Cadeira 23 – Caldas Júnior (patrono), Edgar Luiz Schneider, José Conceição Pereira Coelho de Souza, Luiz de Miranda, Zélia Helena Dendena Arnaud Sampaio.

Cadeira 24 – Zeferino Brasil (patrono), Emilio Kemp, Olmiro Palmeiro de Azevedo, Heitor Saldanha, Altino Berthier Brasil, Jaime Vaz Brasil.

Cadeira 25 – Alberto da Costa Correia Leite (patrono), Rubio Brasileiro, Fortunato Pimentel, Raul Cauduro, Walter Galvani Silveira.

Cadeira 26 – João Borges Fortes (patrono), Mario Teixeira de Carvalho, Gaston Haslocher Mazeron, Artur Ferreira Filho, Luiz de Martino Coronel.

Cadeira 27 – Aníbal Teófilo (patrono), Manoel Bento Bernandes, Zeno Cardoso Nunes, José Carlos Rolbano Laitano.

Cadeira 28 – João Belém (patrono), Ari Peixoto Martins, Edmundo Cardoso, Antonio Augusto Ferreira, Lauro Trevisan.

Cadeira 29 – José Carlos de Souza Lobo (patrono), Carlos Alberto Ribeiro Tacques, Ruy Cardodo Nunes, Rafael Ban Jacobsen.

Cadeira 30 – Gregório da Fonseca (patrono), Tasso Vieira de Faria, Manoel de Vargas Neto, Aparicio da Silva Rilo, Caio Flavio Prates da Silveira, Waldomiro Carlos Manfro.

Cadeira 31 – Paulino Azeurenha (patrono), Alcides Gonzaga, Italico Marcon, Ruben Daniel Mendez Castiglioni.

Cadeira 32 – Pedro Velho (patrono), Augusto Meireles de Carvalho, Luiz Antonio Assis Brasil, Cláudio Moreno.

Cadeira 33 – César de Castro (patrono), Narciso Berlese, Clovis Assunção, Luiz Osvaldo Leite.

Cadeira 34 – Fernando Osório Filho (patrono), Antonio Dias de Oliveira, Alcides de Mendonça Lima, José Clemente Pozenato VAGA.

Cadeira 35 – Roque Callage (patrono), João Mozart de Melo, Hugo Rodrigues Ramirez, Jane Tutikian.

Cadeira 36 – Lindolfo Collor (patrono), Valdemar do Couto e Silva, Lothar Francisco Hessel, José Moreira da Silva.

Cadeira 37 – Felipe de Oliveira (patrono), José Antunes de Matos, Alci Jose de Vargas Cheuiche.

Cadeira 38 – Eduardo Guimarães (patrono), Gevaldino Ferreira, Dionelio Tubino Machado, Fernando O M O'Donnell, Antonio Filipe Sampaio Neiva Soares.

Cadeira 39 – Francisco Ricardo (patrono), Dario de Bittencourt, Francisco Pereira Rodrigues.

Cadeira 40 – Alceu Wamosy (patrono), Paulo de Gouveia, José Hilario Retamoço, Carlos Marino Silva Urbim, Colmar Pereira Duarte.

Os ânimos esquentaram mais uma vez e alguns acadêmicos

afastaram-se. Em junho de 1969, o Presidente Arthur Ferreira Filho encareceu a presença de membros do Sodalício para resolver diversos assuntos, entre eles o concurso literário já anunciado na imprensa. A Academia precisa viver, escreveu, e para tanto é necessário a reunião de seus componentes para conviver, trocar impressões e oferecer ideias para o progresso da agremiação.

Em outubro de 1975 surgiu confronto entre o acadêmico Clio Fiori Druck e o Presidente.

Acontece que Edmundo Cardoso foi eleito para a Cadeira nº 28 da Academia e recebeu do Presidente Hugo Ramirez, uma carta informando a data da posse e estabelecendo normas para o evento, como o prazo máximo para a sessão de setenta minutos, no seu total. O teor da correspondência é imperial, conceitual e terminativo. A certa altura consta:

Afinal, convém lembrar que o discurso de posse é um sumário que abrange referências biobibliográficas sintéticas sobre o Patrono, destacando, em rápidas pinceladas, sua posição no cenário cultural do Estado; e mesmo, se diz do último ocupante, mas em menor espaço. Mais interesse contém as confissões do candidato que se empossa, no que concerne à sua visão estética e filosófica do mundo e, de maneira especial, da literatura. Um máximo de 10 a 12 páginas datilografadas e o texto sai objetivo e belo.

Clio Fiori Druck expediu uma carta-circular para os demais componentes da Academia Rio-Grandense de Letras:

Bastante constrangido, faço chegar ao seu conhecimento, em caráter estritamente confidencial, uma cópia xerografada da comunicação oficial recebida pelo jornalista, historiador e teatrólogo Edmundo Cardoso, de sua eleição para membro efetivo da Academia Rio-Grandense de Letras, a qual, como se sabe, ocorreu no sábado, 20 de setembro. Mereceu ele 25 dos 26 votos apurados.

Aquilo que se pensara dever constituir um documento a ser emoldurado como título preliminar do futuro diploma consagrador de toda uma vida dedicada à cultura, viera-lhe sob a forma de uma advertência, seguida de instruções de como conduzir-se na elaboração do seu pensamento e do conteúdo da sua mensagem

vestibular de ingresso na Casa de Olinto de Oliveira. Evidente que tal comunicação causou estranheza ao seu destinatário, que me procurou para aconselhar-se.

De pronto conviemos que o documento se afasta de toda a ética acadêmica, e que não expressa, na forma como no conteúdo, a posição da Academia diante de um novo Confrade por ela eleito. Seu signatário esteve muito mal inspirado ao redigi-lo em nome do Sodalício. Deveria ficar restrito ao exclusivo conhecimento dos membros da Academia, para que seus foros não fossem comprometidos.

Estive pessoalmente com o presidente, de quem procurei obter fosse ele (documento) substituído. Disse-me que não retirava nenhuma palavra, e que era assim que costumava fazer as comunicações aos novos acadêmicos. Fiquei deveras preocupado, e, como não temos acesso aos arquivos – guardados no domicílio familiar do presidente, – achei conveniente dar conhecimento deste documento ao ilustre Confrade, porque ele acrescenta mais uma, às preocupações de muitos, sobre a forma por que vêm sendo conduzidos os assuntos administrativos da nossa Academia.

Na data de 01 de junho de 1977, Mário Calvet Fagundes mimeografou uma carta expondo as razões da sua renúncia ao cargo de Presidente da Academia Rio-Grandense de Letras, no que foi seguido por outros integrantes da diretoria.

Decorrido o período normal de recesso anual da Academia, a Direção entendia necessária a convocação de Assembléia Geral de caráter ordinário, na forma estatutária, para retomada dos trabalhos do Órgão e prestação de contas da gestão, durante seu primeiro ano de atividade.

Entretanto, por impossibilidade de compatibilização dos interesses e compromissos, inerentes a integrantes da Diretoria, foi sendo adiada a consecução do encontro imprescindível que desejávamos realizar, para, de forma ampla e cabal, levarmos ao conhecimento a apreciação dos confrades, circunstâncias restritivas da normalidade da Administração da Academia.

O que entendíamos como irreversível desnível de temperamentos e propósitos presente no conjunto direcional, levou-nos à decisão de

convocar, para dia 20 de maio último, reunião, realizada às 15,30 h. no Gabinete do Diretor do IEL, da Diretoria, objetivando exame prévio dos fatos que deveriam ser, se possível contornados, se não, enfrentados por resoluções compatíveis e imperiosas, na busca de regularização na condução dos interesses da entidade.

Presentes a essa reunião, o Vice-Presidente, o Tesoureiro-Geral, os 1º e 2º Secretários, expusemos os motivos que entendíamos incompatíveis com nossa permanência na Presidência da Academia Rio-Grandense de Letras, pelo que estávamos tomando a decisão de renunciar ao mandato, e, na forma estatutária, transferir o encargo ao Vice-Presidente.

Na oportunidade todos os participantes da reunião usaram a palavra, para, em princípio, acordarem com a realidade dos eventos por nós alinhados nas causas da incompatibilidade conjuntural evidenciada.

Buscando sempre as melhores soluções, o Vice-Presidente propôs, como medida mais consetânea na emergência, que os integrantes da Diretoria, então presentes, acompanhassem a Presidência, adotando idêntico procedimento de renúncia, resolvendo-se, em consequência, a convocação da Assembléia Geral ordinária da entidade para que fosse formalizada a decisão coletiva de renúncia dos integrantes da Diretoria que adotavam tal procedimento.

Em observância à convocação realizada pelo “Correio do Povo” de 27.05.77, reuniu-se a Academia em Assembléia Geral ordinária, na sede do Instituto Histórico e Geográfico do RGS, à rua Riachuelo nº 1317, nesta Capital, cujos trabalhos foram iniciados, em segunda chamada, às 16 horas do dia 31 de maio último, com a presença dos seguintes acadêmicos: Mário Calvet Fagundes, Clio Fiori Druck, representado, Itálico Marcon, Rui Cardoso Nunes, Leandro da Silva Teles, Arthur Ferreira Filho, Tarcisio Antonio da Costa Taborda e Carlos de Souza Moraes.

No desenvolvimento da pauta estabelecida, na condição de Presidente da Assembléia Geral, analisamos o primeiro ano findo de nosso mandato, realçando a incompatibilidade flagrante que, durante o período, predominou entre a pessoa do Presidente e a do Secretário Geral, no trato das atribuições que cada um, como membro da Diretoria, incumbia exercer, estabelecendo-se na oportunidade, franco diálogo entre ambos frizando conceituações

próprias, o que patenteou, de forma inquestionável, irreversível antagonismo de princípios incompatíveis com a unidade necessária ao conjunto diretor.

Prosseguindo com a palavra, tivemos a oportunidade de expressar nosso entendimento quanto à necessidade de reformulação de tradicionais conceitos embaixadores das prerrogativas estatutariamente atribuídas aos integrantes da entidade, como a irrenunciabilidade do título de acadêmico, o que se pode considerar inibidor da liberdade inerente à pessoa, privada que fica de impor o reconhecimento de uma vontade amparada nos direitos constitucionais e humanos.

Afora o aspecto legal enunciado, ainda salientamos o risco que se atribui à Academia, pela possibilidade, remota talvez, de inexistência de quórum para decisões afetas à soberania da Assembléia Geral.

Colhendo os reflexos que a experiência nos oferece, lembramos a mudança do sistema eletivo da Diretoria, de molde a enquadrá-lo na possibilidade de constituição em harmonia planejada pelos titulares da Presidência e Vice-Presidência, que seriam eleitos pela Assembléia Geral e aos quais a escolha dos demais integrantes da Direção. Lembramos, ainda, a oportunidade da substituição do título de Bibliotecário, constante do elenco diretivo, em razão da privatividade do encargo a possuidores do nível universitário específico.

Concluindo nossa intervenção, formalizamos, com as justificativas da nossa explanação, a renúncia da Presidência que ocupávamos até aquele momento, deixando de transmiti-la ao Vice-Presidente, por não se achar presente o seu titular, e nem os demais diretores previstos na ordem sucessória estatutária por terem os mesmos tomado idêntica atitude de renúncia na oportunidade.

Na emergência convidamos a assumir a Presidência da Assembléia Geral, o Acadêmico Arthur Ferreira Filho, a quem transmitimos o encargo de conduzir os trabalhos da reunião e a missão de ligar-se com o Vice-Presidente, cientificando-o do ocorrido.

Com este relato damos por concluída nossa participação na direção da Academia Rio-Grandense de Letras, desejando que os nobres confrades reencontrem a normalidade da direção acadêmica, de molde a assegurar continuidade à realização dos nossos objetivos.

Em 28 de junho de 1977, Leandro da Silva Telles, ao renunciar como Secretário-geral, elaborou relatório de suas atividades:

No momento em que renuncio à função eletiva de Secretário Geral da Academia Rio-Grandense de Letras, a que fui conduzido pelo voto unânime dos senhores acadêmicos, julgo-me no dever de fazer um pequeno relatório de minhas atividades à testa da Secretaria Geral.

Após uma reunião de Diretoria, realizada em janeiro do corrente ano, a que compareceram os Acadêmicos Presidente, Secretário Geral e Tesoureiro, comuniquei ao Presidente que iria pedir licença (se houvesse dispositivo estatutário) ou renunciar ao mandato de Secretário Geral. E aguardei a convocação de parte do Presidente, da primeira assembléia realizada, para realmente concretizar o meu pedido de demissão. Como afirmou o Presidente, o motivo é incompatibilidade de métodos de trabalho, o que ficou evidente nessa reunião de diretoria realizada no mês de janeiro.

[...]

Arquivo. Encontrei a Academia sem um arquivo organizado. Diversos documentos, inclusive discursos de antigos acadêmicos, se encontravam embrulhados em papel jornal. Procurei reunir em arquivos os artigos de antigos e atuais acadêmicos, bem como a correspondência passiva e ativa, de 1934 até a presente data. Isso resultou no uso de mais de dez classificadores que se encontram no recinto da Academia.

Pinacoteca. Por doações de artistas e de particulares (Justino Vasconcelos doou a obra intitulada 'Retrato de Renato Costa') em compensação fui obrigado a doar para a Ordem dos Advogados um desenho de Carlos Scliar, de meu acervo particular, no valor de oito mil cruzeiros. Consegui reunir uma Pinacoteca para a Academia com um total de 27 doações, cujo valor monetário atinge cerca de cem mil cruzeiros.

Livros para a biblioteca. Cerca de 200 livros novos foram acrescentados à Biblioteca da Academia, por meu intermédio. Grande parte deles foram retirados de minha residência por gentileza do então bibliotecário Rui Cardoso Nunes, em companhia do seu irmão Zeno, que os transportaram no carro do último, em minha companhia e foram colocados no recinto da Academia.

[...]

Fototeca. Junto à Livraria Porto Alegre consegui a doação de álbum de fotos para a organização de uma fototeca para a Academia. Esse álbum se encontra no interior de nosso arquivo de aço.

[...]

Fechamento da porta da Academia. Sempre insistimos em manter fechada a porta que nos separa da primeira sala do apartamento 49D, a fim de que os arquivos e biblioteca da Academia permanecessem indevassáveis. A correção dessa atitude ficou comprovada, quando, após a Estância da Poesia Crioula ter mandado confeccionar uma chave para a porta das dependências onde se encontrava nosso arquivo e biblioteca, houve princípio de incêndio nas mesmas, sendo queimado o sofá de propriedade da Academia pelo fato de elemento da Estância ter esquecido um cigarro aceso, num sábado pela parte da noite. Segundo me relatou o zelador, a porta foi arrombada e gastos sete extintores para apagar o fogo, com perda total do sofá, sendo atingidos alguns livros e quadros pelo jato dos extintores. Compareceram o Corpo de Bombeiros e a Brigada Militar. Somente tomamos conhecimento do fato numa quinta-feira, quando a síndica do edifício telefonou para nossa residência. Tão logo comunicamos ao senhor Presidente para que ele tomasse as medidas cabíveis no caso.

[...]

Não fosse o gigantesco trabalho que nos propuzemos a frente do Movimento de Defesa do Acervo Cultural Gaúcho, ou seja, defender a herança cultural de nossos avós, continuaríamos de bom grado a prestar nossos serviços a Academia, que, inclusive, continuamente figurou na imprensa, graças às notícias que distribuímos, notadamente no Correio do Povo.

Em setembro de 1994, o Presidente Francisco Pereira Rodrigues expediu correspondência a vários acadêmicos com apêlo idêntico aos anteriores, em outras diretorias, argumentando:

A nova sede em ponto nobre desta Capital; a Revista, cujas páginas aguardam a sua colaboração; os ciclos de palestra, que inauguramos em junho de 1990 e que vão, já vitoriosos, para a 6ª etapa; a fraternidade reinante entre os que pontualmente comparecem

às sessões, são atrativos de uma convivência proveitosa.

Venha, Confrade, a Academia precisa da sua presença! Venha ou nos conforte com alguma sugestão que possa minorar os efeitos da sua lamentada ausência!

No mesmo mês, o Presidente Francisco Pereira Rodrigues enviou correspondência aos acadêmicos, nestes termos:

Preocupa-me seriamente o futuro da Academia diante da ausência constante de mais de 70% dos Senhores Acadêmicos.

Se há idosos, se há doentes, se há residentes fora de Porto Alegre, também existem aqueles que, aqui residentes, não se dignam nem ao menos de justificar prolongadas ausências. Alguns dão-nos, até, a entender que não gostam mais da Academia.

Lamentavelmente, a Academia não dispõe de instrumento estatutário algum com que possa resolver o caso.

Alega-se, a respeito, o caráter perpétuo e irrenunciável da investidura acadêmica (Art. 5º do Estatuto). Mas, ninguém poderá deixar de reconhecer que esta prerrogativa é uma arma contra a própria associação, já que para preservar a inviolabilidade do Acadêmico, põe em risco a vida da Academia, o que é um absurdo.

A seguir, o Presidente examina questões doutrinárias do Direito e conclui que o mencionado artigo quinto do Estatuto foi fulminado pela Constituição Federal, sendo letra morta; assim, “o acadêmico que quiser deixar a Academia, poderá fazê-lo quando bem entender. E que a Academia é competente para disciplinar as suas relações com os seus membros, direitos e deveres recíprocos, *interna corporis*”. E finalmente entendeu conveniente assinar uma Resolução regulamentando os direitos e os deveres constantes nos artigos 16 e 17 do Estatuto.

Em 22 de abril de 2010, constou em Ata, com relação ao mesmo assunto:

O Confrade Elvio Vargas formulou pedido de informações a respeito de acadêmicos que nunca comparecem e não pagam anuidades. O Confrade Presidente explicou que não existe a investidura vitalícia e irrenunciável de Acadêmicos, por contrariar a Constituição Federal. Em complemento o Acadêmico Moacyr

Flores leu os artigos 18º e 19º do nosso estatuto que permitem sejam excluídos acadêmicos faltosos. Ficou estabelecido elaborar uma mensagem em termos respeitosos e acadêmicos aos que não cumprem com suas obrigações, aventando a viabilidade de sua exclusão.

Em 2005, surgiu o *affair* Rossyr Berny. Na Ata de 28 de julho de 2005, constou:

Determinou o Sr. Presidente que fosse remetida cópia da carta enviada por Rossyr Berny, após sua exclusão dos quadros da Academia, para o então Presidente Hugo Ramirez, na qual pede desculpas pelo ato pífio e inconsequente que praticou.

Com efeito, apenas para recordar: o referido senhor, após ter sido eleito e empossado, estando em pleno gozo dos seus direitos e deveres associativos, sem qualquer razão plausível, enviou carta ao Presidente Hugo Ramirez, em 27 de novembro de 2003, com ofensas à Academia e aos seus Membros efetivos.

Acusou a Academia de ter feito eleição atropelada, e ilícita, sufragando candidatos apenas com a maioria simples dos presentes.

Disse, outrossim, que estava indignado com o procedimento errado, e que os eleitos anteriores a eles, o foram mediante um processo eleitoral viciado e discriminador; que o Presidente fora alertado várias vezes por colegas, de que não havia lisura no proceder eleitoral, afrontando autoritariamente o Estatuto da Entidade.

Disse, ainda o furioso senhor: que nossa academia precisa que seus eleitos ingressem pela porta da frente e não pela porta dos fundos, ardilosa e ilegítimamente, informou que tinha assinatura de vários confrades, concordando com ele. Patranha que não se confirmou, nem na Assembléia para sua defesa. Afirmou que estava em jogo a honra e a retidão da Academia que não pode receber esta mácula mal cheirosa. Disse que era o principal prejudicado com esta atitude discriminatória, e encarecia o cancelamento das posses dos eleitos. Fez ameaças de tornar pública a carta; disse para não temerem de suas idéias engajadas, combativas e pela postura social do poeta e escritor Rossyr Berny, etc.etc.

De fato, o que ocorreu nesse último acontecimento doloroso da Academia Rio-Grandense de Letras, nos idos de 2003?

Estava sendo costume aprovar pedidos de ingresso em sessão de Diretoria, e a exigência estatutária é que estejam presentes ao menos cinco integrantes. E assim sucedeu até mesmo para excluir acadêmicos do Quadro Efetivo. Ilegal? Reza o Estatuto que o candidato deve enviar ofício com o pedido, acompanhado de um resumo de suas atividades literárias, dos dados biográficos e de um exemplar de cada trabalho publicado (artigo 7). Recebida a proposta, ela é submetida à Comissão de Sindicância e Crítica, que emitirá Parecer. Sendo favorável, o candidato será entrevistado pela Diretoria, em sessão previamente designada para esse fim. O parágrafo segundo do artigo oitavo diz que, na falta de unanimidade de opiniões favoráveis dos membros da Diretoria ao ingresso do candidato, extingue-se o processo.

Na prática, alguns acadêmicos foram aceitos, apesar de um ou mais votos contrários.

O que reclamou Rossyr Berny? Que propôs seu ingresso em 2001 e foi recusado por não obter maioria absoluta dos votos. Sofreu constrangimento pessoal durante dois anos, quando tornou a candidatar-se, oportunidade na qual recebeu votos favoráveis, sem nenhum contrário. Todavia,

houve a seguir a eleição ilícita de quatro candidatos, sufragados apenas com a maioria simples dos presentes. Preciso dizer que minha indignação é contra o procedimento errado do ato eleitoral, e não contrário aos eleitos, todos respeitáveis amigos. E, talvez, não tenham eles a noção de que foram eleitos mediante um processo eleitoral viciado e discriminador.

Prosseguindo, escreveu que o Presidente já havia sido alertado quanto a tal procedimento, finalizando que

uma Academia centenária, como a nossa, precisa que seus eleitos ingressem pela porta da frente e não pela porta dos fundos, ardilosos e ilegitimamente. Ainda: Está em jogo a honra e a retidão da Academia Rio-Grandense de Letras, a qual não pode receber esta mácula mal cheirosa, promovida por um ou outro acadêmico com interesses escusos. Desta forma, senhor Presidente, como principal prejudicado por esta atitude discriminadora, venho encarecer-lhe o cancelamento das posses dos referidos eleitos.

Foi convocada assembléia-geral para fins de expulsão do acadêmico. A assembleia, conforme sua ata, foi uma sucessão de discussões. O Secretário-geral José Francelino de Araújo examinou os termos da carta considerada ofensiva e foi aparteado por Francisco O'Donnel que disse: *“o senhor não ponha palavras na minha boca”*. Na sucessão de manifestações que seguiu a leitura do Parecer, Zeno Cardoso Nunes *“explicou os motivos práticos pelos quais foi abandonado o uso do quorum exigido anteriormente, em face das dificuldades de reunir os membros existentes, que não compareciam em sua totalidade, como acontece até hoje em dia”*. Quando obteve a palavra, Fernando O'Donnel tratou da questão estatutária, sem fazer defesa de Rossyr Berny, sendo admoestado pelo Presidente. Diz a Ata: *“foi avisado, inúmeras vezes, pelo Presidente, que se ativesse ao assunto da convocação. Ele continuou no exame do problema estatutário. O Presidente novamente chamou sua atenção para que ele não continuasse a desrespeitar a Ordem do Dia, que era o exame dos termos da Carta, senão ele seria obrigado a cassar-lhe a palavra”*. Ao final, foi cassada a palavra de O'Donnel. Mila Cauduro limitou-se a concordar com o exame do quorum feito pelo ilustre Fernando O'Donnel. Não fez, também, defesa expressa da carta. O Presidente, pondo-se em pé, *“para atingir a alma do poeta, não era concebível que ele, Rossyr Berny, que sempre passou uma impressão de poeta fino e gentil”*, concitou-o a retratar-se, no que foi secundado por outros acadêmicos, mas Rossyr manteve os termos usados. E foi expulso.

Em 2007, tendo falecido Elvo Clemente, surgiu a dúvida quanto à sua sucessão na cadeira presidencial, o Vice-Presidente Francisco Pereira Rodrigues declarou que seu entendimento era no sentido de convocar assembleia-geral para nova eleição, porque o vice, estatutariamente, substitui mas não sucede o presidente. O excesso de formalismo foi superado por votação e Francisco Rodrigues assumiu o cargo maior, e isto serviu para o ano de 2015, quando da renúncia do Presidente Sérgio de Borja, tendo assumido o vice Avelino Collet que, entretanto, faltando apenas três meses para o término da gestão, não providenciou na eleição de vice-presidente.

Em 2009 surgiu a questão envolvendo o acadêmico Luiz de Miranda. Inicialmente, o Presidente Francisco Rodrigues o indicou para sucedê-lo na Presidência da Academia e o candidato ficou entusiasmado com a perspectiva. Todavia, depois, o Presidente soube que Luiz de Miranda estava em débito com a Tesouraria e retirou a

indicação. Em decorrência, Luiz de Miranda renunciou à sua Cadeira e enviou cópia da carta ao jornal *Zero Hora*.

Voltando no tempo e revendo os fatos positivos.

Na gestão de Dante de Laytano começou a ser publicada a *Revista da Academia Rio-Grandense de Letras*. A nº 1 data de 14 de julho de 1980. No *Editorial*, o Presidente enunciou que a revista tinha finalidade certa:

Necessário mostrar a atividade dos acadêmicos, o que pensam e o que fazem, colocando a revista como um agente legítimo da expressão de pesquisadores, escritores e cientistas.

Em outra parte, o *Editorial* explicou que o periódico adotaria algumas normas: publicar apenas material inédito e refugar discursos e conferências, que seriam lançadas, no futuro, num Anuário – o que jamais aconteceu: nem foi publicado o anuário e nem a revista impediu, nos números subsequentes, a transcrição de trechos de conferências, e ainda constou, na íntegra, os discursos de recepção e posse dos novos acadêmicos.

Nesse primeiro número da Revista, um texto sobressaiu: *Breve Histórico das Nossas Academias de Letras*, de Propício da Silveira Machado. Vários outros escritos, nos números posteriores, buscaram o resgate da nossa memorialística e, embora de maneira assistemática, guardou-se o possível do nosso passado literário e associativo. E o Presidente Dante de Laytano, nesse primeiro número, registrou os agradecimentos ao esforço dispendido para a Comissão Editorial formada por Arthur Ferreira Filho, Mozart Pereira Soares e Moacyr Flores.

A edição do número nove foi especial: com o sub-título de *Memórias acadêmicas*, Hélio Moro Mariante, sob a supervisão de Dante de Laytano, ainda Presidente, mostrou, esquematicamente, desde o ambiente literário anterior ao *Parthenon Litterario* até 1989, ano de edição da Revista.

Neste ano de 2015 foi editada a revista de nº 25, em cuja capa aparece fotografias de acadêmicos dos primeiros tempos. Para indicar as atividades culturais da Academia, ao longo dos últimos anos, arrolou eventos registrados em documentos encontrados:

Concurso de ensaios Alcides Maya (1967), Concurso literário de poesias (julgamento de concurso da Associação de Funcionários da Justiça do Trabalho – 1987), II Ciclo de palestras A Cultura no Rio

Grande do Sul (1991), V Ciclo de palestras (sobre Alceu Wamosy, Jorge Salis Goulart, Revolução de 1923, Centenário do Correio do Povo – 1995), Encontro com a literatura do RGS (Parthenon Litterario, Figuras do Romantismo, Críticas literárias, Antonio Chimango, Romance histórico, Artur Pinto da Rocha, Simbolismo – 1995), Ciclo de conferências (Centenário de Ernani Fornari, Processo de criação literária, Desafios para o Terceiro Milênio, Arthur Pinto da Rocha, O RGS e a Universidade, Línguas e multiculturalismo, Juca Ruivo: vida e obra, Assis Brasil – poeta ou estadista?, A criança: prioridade esquecida, O coração na poesia gauchesca, Formação étnica do gaúcho brasileiro, O tempo e o vento: 50 anos), Prêmio literário olinto de Oliveira: A importância do livro na cultura, Ciclo de palestras em 2002 (Dionísio Fuertes Alvarez, Athos Damasceno Ferreira, 35 anos de poesia, O insolvente no Direito Romano, Luiz Carlos Barbosa Lessa, A justiça do lagarto, A crítica literária no RGS, Centenários literários de 2002, Flaviano de Matos Vanique: sucessor de Rondon, Jorge de Lima), Ciclo de conferências em 2003 (Santo Amaro, Manuelito de Ornellas, Laury Maciel, Vargas Neto, Santos Dumont e os Irmãos Wright, Raul Cauduro, Albino de Bem e Veiga, O mito de São Tomé, A escola de Recife no RGS), Ciclo de palestras 2005 (José Hilário Retamozo, A poesia social no RGS, Mário Quintana, Parthenon Litterario, Parnasianismo e Simbolismo, Bento Teixeira, Achylles Porto Alegre, Érico Verissimo e o jornalismo, Os 250 anos da morte de Sepé Tiaraju, Os valores da civilização contemporânea, Dante de Laytano: um homem amoroso), I Seminário de literatura: Simões Lopes Neto – contos gauchescos -2012, Ciclo de palestras: O autor e o livro (João Cândido: o almirante negro, A fabulosa viagem do Mel de Lechiguana, Jesuítas cientistas no Sul do Brasil, História da imigração alemã no RS, Porto Alegre dos gaúchos, Estações de vigília e sonho, TJRS: mais de um século de história, Narrativa a partir do fato histórico, República Rio-Grandense: realidade e utopia), Ciclo de palestras 2010 (Urna do tempo, Será que Freud explica?, Singela relação entre medicina e positivismo no RS, A criança sem perspectiva, Memórias de Adriano, de Marguerite Yourcenar), Antonio Houais proferiu conferência sobre Língua Portuguesa (1989).

Desde abril de 1935 a Academia Rio-Grandense de Letras, por seus presidentes, tem registrado atos no ofício notarial, especialmente estatutos, para obter validade jurídica. Esse Cartório de Registro das

Pessoas Jurídicas existe desde 1910; assim que, em agosto de 1935, João Maia providenciou o registro do Estatuto da Rio-Grandense e, desde logo, errou na data de fundação, anotando como sendo a 15 de agosto de 1901. Em maio de 1936 registrou a primeira alteração e, na introdução fez constar a data certa e que a entidade, reerguida, em segunda fase, contava com os Patronos ali nomeados. Era, então, presidente Felix Contreiras Rodrigues. Em 1973 nova reforma estatutária, estando Lothar Francisco Hessel, Vice-Presidente, no exercício da Presidência, cargo para o qual fora eleito Ramiro Frota Barcelos. O primeiro Estatuto possuía apenas duas folhas; este, 15 folhas e 46 artigos, bem mais completo e moderno. Em 1997, o presidente Elvo Clemente (Antonio João Silvestre Mottin) registrou o resultado da eleição para o biênio 1996/97; depois a diretoria para o biênio seguinte; em 1999, alteração pontual do Estatuto. Em dezembro de 2003, foi anotado no ofício público a exclusão do acadêmico Rossy Berny, incluindo a ata da Assembleia-geral onde consta o relato completo das desavenças entre o acadêmico e a Diretoria. Poucos dias mais tarde foi eleita, em chapa única, a nova diretoria, encabeçada por Elvo Clemente, tendo na Vice-Presidência Francisco Pereira Rodrigues. Na mesma oportunidade foi assinada nova versão do Estatuto, esta com cinquenta artigos e que vige até esta data.

Novas diretorias foram eleitas e, em dezembro de 2009, resultaram eleitos Francisco Pereira Rodrigues, como Presidente e Sérgio Augusto Pereira de Borja, como Vice. Em 2011, Francisco Pereira Rodrigues renunciou por razões de saúde e avançada idade, assumindo o Vice, Sérgio de Borja. Convocada a Assembleia, foi eleito como Vice, Avelino Alexandre Collet. Essa composição foi reeleita em 2013, para o biênio 14/15.

Em setembro de 2015, faltando cinco meses para completar seu mandato, Sérgio de Borja renunciou em razão de longa viagem a que estava obrigado a fazer e a realização, dois meses mais adiante, do I Congresso das Academias de Letras do RS, o que exigia a presença do Presidente. Assumiu Avelino Alexandre Collet para completar o período e, no mês de outubro, registrou chapa única para o biênio 16/17, que foi eleita durante o mencionado congresso, constando Avelino Alexandre Collet como Presidente; e José Carlos Rolhano Laitano, como Vice-Presidente.

A SEDE

A busca por sede própria é uma novela que se descortina ao longo dos anos. Na verdade, desde o começo dos tempos acadêmicos.

Nos áureos tempos do Parthenon Litterario, Caldre Fiação doou dois terrenos, sendo um para fins de venda e assim obtenção de recursos para a construção do edifício que devia lembrar um templo grego. Ficou na pedra fundamental.

Quando da fusão das academias, a sede, doada pelo Governo do Estado, estava localizada na rua Riachuelo, 1307, onde também funcionava (e ainda lá está) o Instituto Histórico e Geográfico do RGS.

Anos mais tarde, Lothar Hessel, pertencendo às duas instituições e afirmando o descaso dos acadêmicos que permitiam goteiras e abandono da sede, simplesmente cassou a posse da Academia deixando que lá permanecesse, como permanece, o Instituto.

A testemunha Ari Martins, confirma¹:

A êsse tempo, a Academia Riograndense de Letras já obtivera do Govêrno do Estado uma sede realmente própria, no atual edifício à rua Riachuelo onde, desde a gestão do Interventor Cordeiro de Farias à testa do Executivo gaúcho, se acha instalada, em comum com o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul.

Na apresentação da revista, em junho de 1948, o editor não identificado, que talvez seja Alcides Gonzaga, Presidente da Comissão de Publicações, informou²:

NO LIMLAR

Sempre têm sido as Letras, no Brasil, orfãs da proteção dos Governos. [...]

¹ Martins, Ari. Obra citada, p. 52, 53.

² Revista da Academia Sul-Riograndense de Letras, nº 1, junho de 1948, p. 3.

A vida da Academia Sul-Riograndense tem sido precária, em virtude da falta de recursos pecuniários com que possa atender melhor aos seus elevados objetivos. [...]

Há dois anos que a atual Diretoria vem trabalhando no sentido de obter um terreno para a construção da sua tão almejada sede. Como continuadora histórica do extinto Parthenon Literário, declarou-se a Academia, pelos seus órgãos competentes, herdeira de um terreno, sito à rua Riachuelo, e que fôra doado por uma alta dama porto-alegrense àquela entidade, no último quartel do século passado. Infelizmente, está incluído no Plano Diretor do engenheiro Gladosch. Entretanto, com a próxima remodelação do referido Plano, temos a confortadora certeza de que logo veremos solucionado favoravelmente êsse caso, o que constitui, sem dúvida, justíssima aspiração.

O aparecimento da nossa Revista se deve à subvenção dada pelo então Interventor Cilon Rosa. Somos gratos por isso.

Ainda sobre a tão sonhada sede própria. Na revista de dezembro de 1963³, os editores Propício da Silveira Machado, Leopoldo Bettiol e Ramiro Frota de Barcellos escreveram:

CONVOCAÇÃO

A Academia Rio-Grandense de Letras, entidade tradicional da cultura gaúcha [...]

Mas, por incrível que pareça, a Academia Rio-Grandense de Letras, que representa noventa anos de tradição acadêmica, porque mergulha suas raízes até ao Parthenon Literário, ainda não possui sede própria, vítima que tem sido do esquecimento oficial, representado pelos governadores do Estado, prefeitos da capital, deputados e vereadores, com raríssimas exceções.

Embora convencida de que outra teria sido a sua sorte, se em vez de tratar de cultura cuidasse de política, a Academia se faz cada vez mais firme no propósito de sempre e convoca os líderes do comércio, da indústria e do mundo banqueiro, para que a ajudem na aquisição de uma sede condigna, prestando êles, assim, uma

3 Revista da Academia Rio-Grandense de Letras, nº 3, dezembro de 1963, p. 5.

justa homenagem aos grandes nomes do nosso passado literário a ela vinculados, como Olinto de Oliveira, Irineu Trajano, Marcelo Gama, Alcides Maya, Pinto da Rocha, Zeferino Brazil, Mário Totta, Oтелo Rosa, João neves da Fontoura e tantos outros. E, no mesmo sentido, apela para os que legislam e os que administram o bem público.

Em data de 6 de outubro de 1967, foi lavrada a ata:

Sob a presidência do escritor Arthur Ferreira Filho e contando com a presença de dezoito acadêmicos, esteve reunida, em Sessão Ordinária, à noite de 6 de outubro de 1967, no salão nobre do GBOEX, a Academia Rio-Grandense de Letras.

[...]

No tocante ao tema da sede própria e da comissão especial, o assunto recebeu contribuição dos acadêmicos Naziazeno d'Almeida, Hugo Ramirez, Olinto Sanmartin e Eneidy Rodrigues Till. Ao final da troca de opiniões, por sugestão do presidente, ficou constituída a Comissão Especial para os entendimentos preliminares com o senhor Prefeito de Pôrto Alegre e integrada pelos acadêmicos Válder Jobim, Poty Medeiros, Osvaldo Miller Barlém e Alcides Gonzaga.

[...]

Em julho de 1968, a Comissão da sede própria, integrada por Tasso Vieira de Faria, Moacir Santana, Mozart Pereira Soares, Naziazeno d'Almeida, emitiu Parecer:

AQUISIÇÃO DE SEDE PRÓPRIA PARA A ACADEMLA RIO-GRANDENSE DE LETRAS. PARECER.

O confrade Dr. Tasso Vieira de Faria, em nossa última reunião, apresentou, com detalhes, interessante plano financeiro visando arrecadar fundos para a aquisição da sede da Academia.

Designada a comissão abaixo firmada, para dar parecer sôbre o mesmo, reuniu-se esta no dia 17 do corrente, no escritório do confrade Guilherme Schultz Filho e opinou o que segue.

I – Quanto ao primeiro esquema, denominado Plano

Esmeralda', bem como os congêneres dêste, que visam a coleta de recursos entre particulares, deve ser aprovado em caráter facultativo, isto é, cada confrade que aceitar a sugestão poderá trabalhar livremente pela mesma.

II – Quanto aos esquemas que visam a coleta de numerário nos estabelecimentos de crédito, na área dos poderes públicos, na indústria, no comércio, etc., devem ser atacados, imediatamente, pela Comissão, já designada para êsse fim, face à urgência que o caso requer.

III – Quanto aos demais esquemas – angariamento de fundos através de sorteios, tómbolas, festividades, visitas ao interior, etc. devem ser êles aprovados com a recomendação de que se organizem grupos específicos para levá-los avante.

IV – O esquema dos esportes e consulados, também aprovados por esta Comissão, deve ser atacado de imediato.

A Comissão adverte à Direção da Academia de que os recursos oriundos da área pública federal, deverão ser pleiteados até 15 de agosto do corrente ano, para que constem do próximo orçamento.

Porto Alegre, 19 de julho de 1968.

Na edição de 26 de outubro de 1976, o jornal *Correio do Povo* noticiou:

Academia Rio-Grandense de Letras terá sede definitiva.

Depois de setenta e quatro anos, a Academia Rio-Grandense de Letras vai, finalmente, ter sede definitiva, graças à intervenção do secretário da Educação e Cultura.

Em recente encontro do presidente da Academia, Mário Calvet Fagundes, com o titular daquela pasta, professor Airton Vargas, ficou acertado incluir a Academia Rio-Grandense de Letras dentre os órgãos privados culturais que constituirão a futura Casa da Cultura, a ser instalada no prédio do antigo Correios e Telégrafos, na Praça da Alfândega, que será dentro em breve, incorporado ao poder público do Estado.

Na edição de 01 de agosto de 1982, o mesmo *Correio do Povo* noticiou:

Academia de Letras ganha sede própria.

No ano em que comemora 80 anos de fundação, a Academia Riograndense de Letras, sob a presidência do prof. Dante de Laytano, se encontra em nova sede, graças ao empenho dos acadêmicos Luiz Carlos Barbosa Lessa, Secretário de Cultura, Desporto e Turismo e Tarcísio Taborda, Diretor do Departamento de Cultura, da SCDT, que cederam à entidade o andar superior das instalações do Instituto Estadual do Livro, na Venâncio Aires, 278. Nessas dependências a Academia já instalou a 'Pinacoteca Angelo Guido' composta de obras doadas por artistas plásticos, ou por suas famílias, figurando entre eles: Luiz Maristany de Trias, Angelo Guido, Nelson Boeira Faedrich, Gustav Epstein, Clébio Soria, J. Altair, Maurício Pacheco, Raminelli Luiz Hyarup, Romanita Martins, Aldo Peralta, Jussara Gruber, Amelia P. Maristany e outros. Em breve será organizada a biblioteca com cerca de mil volumes abrangendo as mais variadas áreas da literatura. Entre os membros fundadores da Academia se destaca a personalidade de Caldas Júnior, fundador do Correio do Povo.

Para inaugurar as atividades da nova sede a Academia e o Instituto Estadual do Livro lançaram às 18 horas de sexta-feira última o terceiro volume da obra de Pedro Vergara, 'Lembranças que lembram', perante numeroso público.

[...]

Na segunda-feira, dia 2 de agosto, às 16h30min, a Academia realizará uma reunião ordinária, como o faz em cada primeira e terceira segunda-feira do mês. Na mesma serão doadas pelo Movimento de Defesa do Acervo Cultural Gaúcho e Instituto Cultural Português duas obras à Pinacoteca Angelo Guido: Retrato de Goethe, gravura do célebre artista pop americano Andy Warhol e Trajes da época da Revolução Farroupilha, gravura do artista Luiz Hyarup, que exerce suas atividades no Instituto Gaúcho de Tradição e Folclore. Além disso serão exibidas as primeiras notícias sobre a Academia publicadas pelo Correio do Povo nos anos de 1901 e 1902.

Na sessão de 11 de outubro de 1984, constou em Ata que o Presidente Dante de Laytano comunicava que havia entrado em

contato com o General Jaguaré Teixeira, do GBOEX, e que lhe comunicara que a firma construtora do novo edifício do GBOEX, situado na rua dos Andradas esquina Caldas Júnior, iria doar uma área construída para sediar a Academia⁴.

E a notícia findou ali, para todo o sempre.

Em diversos documentos consta ter a Academia funcionado também nos endereços: Andrade Neves, 85 (Instituto); Andradas, 1383 (1932); General Vitorino, 256 (1936) e Venâncio Aires, 278 (altos do Instituto Estadual do Livro – 1982).

Publicou o jornal *Zero Hora*, em 30 de novembro de 1988:

Collares cede prédio a entidades.

A Prefeitura cedeu o prédio número 21 da Avenida André da Rocha esquina 24 de Maio para a Academia Rio-Grandense de Letras e a União de Vereadores do RGS. Cada entidade terá à sua disposição dois andares do prédio. O termo de cessão foi assinado ontem pelo prefeito Alceu Collares, junto com o projeto para a doação definitiva.

Alceu Collares entregou a chave do prédio, na avenida André da Rocha, onde funcionara a Cooperativa dos Estudantes – CEPAL – quando na presidência da Academia Dante de Laytano e, na Vice, Francisco Pereira Rodrigues. O acadêmico Moacyr Flores acompanhou os dois confrades na visita ao prédio, tendo a chave e a disposição do prefeito, e disse que deveriam tomar posse, afinal estavam até mesmo com a chave. Todavia, Francisco Pereira Rodrigues, advogado e político, instou o presidente a exigir, primeiro, um documento assinado. E devolveram as chaves. Logo em seguida, outras entidades ocuparam o local.

⁴ Até os anos 80, mais ou menos, na esquina das ruas Andradas e Caldas Júnior, existia um edifício de vários andares, corredor estreito e infinidade de salas e conjuntos de salas onde sediavam-se empresas e entidades de toda ordem. No terceiro andar, o restaurante do Clube Militar e não lembro em que andar, o próprio clube, que administrava o todo maior. Um belo edifício, com arquitetura da primeira metade do século vinte. Um dia, o edifício foi tomado por um incêndio que destruiu tudo. No seu lugar ergueu-se um conjunto comercial e, no térreo, o atual Shopping Rua da Praia.

Eleito governador, Alceu Collares ofereceu um conjunto na rua dos Andradas, 1234, no décimo andar, quando era Secretário de Estado da Cultura a acadêmica Mila Cauduro. A cessão da posse teve lugar; em 13 de junho de 1994, o Presidente Francisco Pereira Rodrigues apelou, por ofício, ao governador Alceu Collares para validar a cessão de uso, mas somente na gestão de Antonio Brito ocorreu a doação e inscrição do imóvel no registro imobiliário. É onde encontra-se instalada a sede atual da Academia.

DATA DA FUNDAÇÃO

A data da fundação da Academia Rio-Grandense de Letras é tema de controvérsia e acadêmicos há que defendem a tese que a Academia de hoje remonta a 1944, quando da fusão das agremiações Rio-Grandense e de Letras, surgindo a Sul-Rio-Grandense, que, depois alterou o nome para Rio-Grandense.

O debate não é atual.

Em 1934, Dario de Bittencourt, em carta enviada a Waldemar de Vasconcelos, este residente no Rio de Janeiro, escreveu:

Passo, agora, a tratar do fim desta Academia Rio-Grandense de Letras. Talvez até aí tenha chegado notícia, através de telegramas, de que um pugilo de belestristas locais, resolveu, em boa hora, reerguer a Academia de Letras do Rio Grande do Sul, fundada em 1901, nesta capital, pelo ilustre Sr. Dr. Olinto de Oliveira, ora residindo aí.

O remetente enganou-se com o nome da entidade e, por ato falho, citou a concorrente que, em 1934, disputava a primazia acadêmica rio-grandense. O verbo utilizado foi reerguer e a data de fundação, a de 1901. Tratava-se, assim, de reavivar o que existia adormecido.

Em 15.08.1934, o Instituto Rio-Grandense de Letras, ao encerrar as suas atividades, transferiu seu patrimônio para a Academia Rio-Grandense de Letras.

Em carta de 1935, Álvaro José Gomes Porto Alegre informou ao representante da Revista Nacional, recém fundada, que a missiva fora enviada à Academia Rio-Grandense de Letras:

Aproveitamos o ensejo para informar que não mais existe a entidade desse nome, sendo o Instituto Riograndense de Letras, fundado a 20 de outubro de 1932, o seu natural sucedâneo e continuador.

Esta é uma informação ímpar, que não encontra amparo em outros documentos. O Instituto foi uma nova agremiação e não sucessora da Rio-Grandense. Apenas nesta carta de Álvaro Porto Alegre consta o encerramento das atividades da Rio-Grandense, quando todos os demais informes indicam a sua *desativação* informal, ou funcionamento em câmara lenta.

No ano de 2001, os acadêmicos debruçaram-se sobre o assunto.

Na sessão de 29 de março, estando em preparo as comemorações do centenário da entidade, foi lido o Parecer assinado por Betty Yelda Borges Fortes, Francisco Pereira Rodrigues e Anselmo Amaral e o estudo concluiu *não se tratar do centenário da forma atual da Academia Rio-Grandense de Letras, mas do Centenário do Espírito Acadêmico*.

Duas propostas foram colocadas em votação: se a Academia considerava, como data da sua fundação, o dia 1º de dezembro de 1901; e se era oportuno comemorar-se o fato. Por unanimidade os acadêmicos rejeitaram a data da primeira Academia – 1901 – e considerado não oportuno qualquer comemoração a respeito.

O Parecer inicia citando o texto de Hélio Moro Mariante¹ que afirma que 1901 marca o início da primeira entidade com sentido estritamente acadêmico, iniciando-se um período no qual podemos nominar de *Ciclo das Academias*. E acrescenta as datas da fundação das academias Rio-Grandense, de Letras, Sul-Rio-Grandense e a retomada do nome original, em 1962. Argumenta que, em 1944, as academias Rio-Grandense e a de Letras foram extintas, simultaneamente, para a criação da terceira, Sul-Rio-Grandense.

Anselmo Amaral, em seu Parecer, indaga: como buscar solução ao caso quando a instituição a que pertencia o imortal deixou de existir?

E respondeu:

Em memorável discurso por ocasião da fundação da Academia Brasileira de Letras, para a qual fora, na ocasião, escolhido como secretário perpétuo, sendo presidente Machado de Assis, Joaquim Nabuco proferiu este conceito – ‘A primeira condição de perpetuidade é a verossimilhança e o que tentamos hoje é altamente inverossímil. Para realizar o inverossímil o meio heróico é sempre a fé’.

De minha parte, levado a afirmar um conceito, tenho que

1 Revista da Academia Rio-Grandense de Letras, nº 9, p. 15, Memórias acadêmicas

no imortal está presente, de forma irredutível, a fé. A fé que ele conseguiu, de seus pares, pela postura de seu caráter, pelo que alcançou fazer e realizar no campo da cultura e do saber. Assim sendo, como os imortais, o espírito acadêmico também não morre.

O espírito acadêmico no Rio Grande do Sul não soçobrou sob o teto da primeira Academia que ruuiu – Academia Rio-Grandense de Letras. Permaneceu ereto, inspirando e animando a construção de novas entidades similares, sobre as ruínas. Não podemos deixar passar despercebido o centenário do espírito acadêmico que, há tão longo tempo, vem determinado o destino da intelectualidade sul-rio-grandense, dando-lhe um sentido de unidade e humanismo. Não houve solução de continuidade. Houve renovação de ideais. É nosso dever sagrado conservar viva a memória dos que conduziram até nós a chama votiva do academicismo, como os lampadóforos gregos buscando o Altar de Prometeu.

Francisco Pereira Rodrigues, em seu Parecer, declarou que, em 18 de junho de 1944, às 9 horas da manhã, ambas as academias (Rio-Grandense e de Letras) foram extintas com a finalidade de fundirem-se posteriormente. E concluiu:

Relativamente à Academia de 1901 e a atual existe um elo tão profundo que as transforma numa só entidade aos nossos sentimentos. Esse elo é o espírito acadêmico, que paira como um sopro vital sobre nós e que merece ser reverenciado no centenário de fundação da primeira academia de letras do RGS.

Betty Yelda Borges Fortes, Relatora do Parecer:

Primeira conclusão: extinguiu-se a Academia Rio-Grandense de Letras em 1944, e a entidade que resultou da extinção era uma entidade nova, que, apenas em 1962 alterou o nome, a marca acadêmica, recolhendo a marca – nome da precursora, pelo que em verdade a atual Academia Rio-Grandense de Letras tem apenas 57 anos, tendo, apenas, a marca centenária, ainda que entendeu-se ter o espírito acadêmico operado no sentido de preservar a obra e a entidade, recolhendo o nome precursor, a marca, afim de que resultasse claro de que não se estava criando, mantendo, integrando

grupo de literatos a mais e sim uma Academia, que deixava com seu nome inconfundível marca.

Após examinar o conceito jurídico de marca, Betty Yelda concluiu:

Em face do que, reconhecendo-se o pioneirismo acadêmico da Precursora, a Comissão entendeu não se tratar do centenário da forma atual da Academia Rio-Grandense de Letras, mas o Centenário do espírito acadêmico no Rio Grande do Sul, do Ciclo Acadêmico, aberto pela primeira Academia Rio-Grandense de Letras, mas comemorar o centenário da Precursora, pela promoção e devido gerenciamento do NOME assumido, como importante patrimônio cultural, autêntica propriedade intelectual assumida, matéria hoje protegida por lei nacional e internacional, tudo por se tratar do gerenciamento de um importante acervo cultural centenário, acrescido do valor especial – a marca, o nome – tudo a ser gerenciado pela forma atual da Academia Rio-Grandense de Letras, forma com que o espírito acadêmico se consolidou no Rio Grande do Sul.

Fernando O'Donnel apresentou, por escrito, justificativa do seu voto:

O art. 1º, do Estatuto, diz que a Academia Rio-Grandense de Letras foi constituída pela unificação de duas congêneres fundadas anteriormente, das quais se proclama única e legítima sucessora.

Nada impede constituir-se, por meio de ato civil, uma terceira entidade pela unificação de duas outras; o que não se concebe é esta nova entidade proclamar-se sucessora legítima das anteriores, dado que a sucessão, tenha a origem que tiver (inter-vivos ou causa-mortis), só há de ser legítima se conferida pela lei e segundo a ordem que ela estabelece.

Logo, o fato de alguém ou de algo simplesmente proclamar-se legítimo sucessor de algo ou de alguém é manifestação unilateral de vontade, sem nenhum efeito concreto no mundo fático ou jurídico, decaindo, destarte, dita proclamação, por seus próprios fundamentos.

Em sendo assim, e mesmo se, em tal manifestação, pudesse vislumbrar-se alguma reserva de ordem meramente patrimonial, persiste a ineficácia e a invalidade do ato como inscrito na parte final do referido artigo, não podendo sequer servir de adinículo à tese do

‘Centenário’, uma vez que as entidades antecedentes extinguíram-se de pleno direito, em 18 de junho de 1944 (Ver. Acad. nº 9, pág. 29).

Em razão disso, e, pois, não podendo proclamar-se legítima sucessora das congêneres anteriores, resta à Academia acatar o fato de que foi tão-só constituída pela unificação de duas entidades auto-extintas e continuar a investigar qual a verdadeira data de sua fundação.

Diante disso, exsurge o art. 35, do Estatuto, o qual esclarece a questão sem deixar margem a controvérsias, ao dispor que a atual Academia ‘toma como dia de sua instituição’ o dia 16 de junho de 1944 (septuagésimo-sexto aniversário da criação do “Partenon Literário”).

Neste art. 35, como se vê, já não se fala mais em unificação, constituição ou sucessão, mas, objetivamente em instituição – ou melhor, em sua instituição.

Ora, ensina Pedro Nunes que instituição é o “estabelecimento, ou fundação de alguma coisa”.

E De Plácido e Silva amplia essa lição, em definitivo:

“A instituição se promove pela direta ação da vontade, que se manifesta, por si mesma, com a própria fonte criadora do que se estabelece, se constrói ou se forma. Neste sentido, a instituição se apresenta, notadamente, com a fundação ou a criação de alguma coisa, com finalidades próprias e determinadas pela própria vontade fundadora ou criadora [...] Assim se diz: é uma instituição, para designar o estabelecimento ou a organização, que se fundou ou se instituiu. Em sua principal significação, pois, instituição que exprimir a criação de alguma coisa que se personaliza segundo plano ou bases preestabelecidas”.

Diante disso, e desde que a Academia possui um Estatuto, isto é, rege-se “segundo plano ou bases preestabelecidas”, a data de seu Centenário – de resto, conforme a sua própria história – deve ser comemorada como previsto neste referido art. 35.

Em data de 9 de abril de 2001, o Presidente Elvo Clemente comunica que “na decisão final da Assembleia ficou determinado que não haverá celebração do centenário de fundação da Academia pois o atual sodalício literário não é a continuação daquele surgido a 1º de dezembro de 1901”.

Em maio de 2011, na sessão do dia 12, o assunto voltou à pauta em face à sugestão de comemorar-se os 110 anos da Academia e o então Presidente Francisco Pereira Rodrigues fez consignar que, anos antes, ele e Betty Yelda Borges Fortes estudaram e concluíram pela negativa em festejar o centenário porque tanto a Academia de Letras, como a Rio-Grandense de Letras auto-extinguíram-se, fundindo-se. Assim, a atual entidade é sucessora, mas não pode somar o seu tempo de existência com as anteriores.

Qual a minha opinião?

O fato: dois grupos, Academia de Letras e Academia Rio-Grandense, na mesma data e hora, cada qual no seu canto, decidem extinguir-se como associações. Ato imeditamente posterior, reúnem-se e, de comum acordo, fundam uma nova Academia, a Sul-Rio-Grandense.

O que ocorreu?

Duas reuniões, em separado, e a manifestação de vontade de encerrar as atividades de suas agremiações. Nada foi registrado, nada foi formalizado. E, a seguir, a constituição de outra Academia.

De fato e de Direito, o Rio Grande do Sul passou a ter várias academias: a Rio-Grandense, que formalmente continuou a existir, desde 1901; a de Letras, desde 1910; o Instituto de Letras, desde 1932; e a nova, Sul-Rio-Grandense.

O acontecimento tomou o nome de fusão. Seus patrimônios foram reunidos? Não há registro. Os mesmos associados permaneceram? A maioria. Houve sucessão? É o que demonstra as anotações e testemunhos da época. Quanto ao Instituto, a sucessão é declarada no Estatuto, mas, de fato, o Instituto a ninguém sucedeu, como já explicado; foi apenas uma nova entidade.

O Estatuto da Sul-Rio-Grandense diz, em seu primeiro artigo, que ela é fundada como resultante da unificação da Rio-Grandense e de Letras.

Unificar é suceder, crescendo uma à outra, as antecedentes. É somar por acréscimo. Mantendo o patrimônio e o quadro social. Assim a Sul-Rio-Grandense apresenta-se no mesmo artigo vestibular: “das quais (as academias sucedidas) se propõe a perpetuar as tradições e se constitui única e legítima sucessora”. Tanto que manteve os grupos associativos, criando dois quadros, o de membros Efetivos e

o de membros Ausentes, um eufemismo para permitir a presença do número em dobro da tradicional composição de Cadeiras.

Sempre, em todas as ocasiões e circunstâncias, à unanimidade, foi declarado em documentos oficiais e particulares, em testemunhos e discursos, que a Academia remonta ao ano de 1901. Mas não existe qualquer prova de registro formal da entidade em 1901, apenas e tão somente uma pequena notícia veiculada pelo Jornal *Correio do Povo* e à qual todos os estudiosos referem. Mas a Entidade existiu desde 1901, contou com quadro associativo, realizou ações culturais.

O atual Cartório de Registro das Pessoas Jurídicas foi criado em 1910. Antes, segundo notícias obtidas, as anotações eram feitas perante o Cartório das Falências e Concordatas que, hoje, nada sabe informar e nada possui como documento. Então a Academia, por falta de registro, não existe? Tanto quanto uma pessoa humana que existe porque nasceu, a formalidade do registro do seu nascimento é meramente administrativa, não muda a essência do seu existir. E o Código Civil, no caso da pessoa física (que, por analogia serve à jurídica) diz que a lei põe a salvo, desde a concepção, os direitos do nascituro. A concepção da Rio-Grandense foi a reunião noticiada pelo jornal.

Devemos ter em conta que lidamos com escritores, artistas, sonhadores, em geral pessoas pouco afeitas a essa coisa chata de papéis e formalidades, mesmo que alguns acadêmicos tenham sido juristas. A Academia de Letras, por exemplo, teve o registro de fundação lançado no ofício competente; e a sua dissolução? João Maia apresentou o Estatuto em 1910 e mais nada. Formalmente, a Letras permanece no mundo jurídico.

E o Instituto Rio-Grandense de Letras? Nada consta como formalidade jurídica. E funcionou no mundo fático durante ao menos dois profícuos anos.

A Sul-Rio-Grandense registrou o Estatuto em 1944. Não localizei a alteração de nome para a original Rio-Grandense, em 1963. E o que temos é que, em 1936, foi registrado novo Estatuto dizendo-se tratar da Rio-Grandense “em segunda fase”.

Assim, o que se tem são situações fáticas, só recentemente organizadas juridicamente.

Voltando à questão inicial: é uma instituição centenária?

O que sucedeu em 1944?

O que ocorreu foi fusão, incorporação ou sucessão?

Fusão, do latim *fusio*, de *fundire*, fundir, nas palavras de De Plácido e Silva, em amplo sentido, entende-se a reunião de duas coisas ou sociedades, individualmente distintas, para formarem ou se transformarem em um só corpo ou em uma só sociedade.

Ou seja, se a Sul-Rio-Grandense nasceu pelas mãos das suas anteriores, poderá ser fusão.

Quando um Ente, existente, assume outra sociedade, é mais propriamente incorporação. Seria o caso se a Sul-Rio-Grandense estivesse formada *antes* da histórica reunião das duas academias em que seus associados decidiram desativá-las.

O que podemos considerar, nos limites do raciocínio lógico-formal, é que as duas primeiras foram absorvidas pela Sul-Rio-Grandense e assim consta no artigo primeiro da Sul-Rio-Grandense:

Art. 1º – A Academia Sul-Riograndense de Letras, fundada como resultante da unificação da Academia Riograndense de Letras e da Academia de Letras do Rio Grande do Sul, das quais se propõe a perpetuar as tradições e se constitui, única e legítima sucessora, é uma sociedade civil, com sede em Pôrto Alegre, Capital do Estado do Rio Grande do Sul.

Essa foi a vontade de alguns integrantes da Rio-Grandense e Letras e dos fundadores da Sul-Rio-Grandense, naquele ato complexo e concomitante. Ato unilateral e imperial, sem anuência formal dos associados e obediência às normas estatutárias, apenas boa vontade.

E mais, conforme assertiva de Betty Yelda Borges Fortes, trata-se de manter o centenário espírito acadêmico.

Num exercício teórico pode-se argumentar pela sucessão, sendo esta o ato pelo qual um Ente adquire total acervo de estabelecimento, negócio ou associação e, em decorrência, substitui seus donos anteriores, continuando e mantendo os negócios e as relações anteriores. Ainda nas palavras de De Plácido e Silva, sucessão conduz ao sentido de substituição, colocar-se no lugar ou na posição ocupada por outra pessoa ou entidade, investindo-se na mesma situação jurídica. E não foi o que ocorreu?

No plano fático, dois grupos idealistas decidiram em *petit comité*

o que nenhum documento comprova tenha sido referendado pelos respectivos colegiados, qual seja, extinguir suas entidades, num gesto simples, sem atentar às formalidades legais, sem dispor dos seus patrimônios, sem consagração em assembleia. Apenas duas reuniões de intelectuais bem intencionados.

Esses dois grupos realizaram, informalmente, o que denominaram fusão e tudo e o que restou foi a aglutinação dos acadêmicos de ambos os lados, denominando-os como Efetivos-residentes e Efetivos-ausentes, com um total de oitenta membros.

Que significado tem para nós, rio-grandenses batalhadores culturais, definir com precisão o termo jurídico mais apropriado – fusão, incorporação ou sucessão -, quando qualquer um desses três terminam por significar a mesma coisa e o mesmo resultado?

A Academia Rio-Grandense de Letras, é, de fato e por intenção, sucessora do ideal do Parthenon Littearrio e veio à luz poucos anos após o entorpecimento daquela e contando com a mesma figura de Appollinario Porto Alegre. É a entidade mater das letras rio-grandenses. Se outras academias surgiram, foi resultado da omissão dos nossos confrades, ou de disputa entre alguns dos seus integrantes; tivesse sempre preponderado o sadio espírito de grupo e vislumbrado o interesse maior do fazer cultural, cultivando a humildade, a generosidade e a postura de congraçamento, tais dissensões não teriam ocorrido.

O futuro? O caminhar faz-se caminhando.

Em conclusão: a Rio-Grandense nasceu em 1901; suspendeu suas atividades, as de maior projeção ao menos, dois ou três anos mais tarde; retomou seus afazeres em 1935, *em sua segunda fase*; em 1944, uniu-se à Letras e, juntas, formaram a Sul-Rio-Grandense para, através dela, dar continuidade aos seus propósitos.

Em palavras claras: a Rio-Grandense, em 1944, aceitou a adesão da Letras, alterou o nome para Sul-Riograndense e, em 1963, retomou o nome original de Rio-Grandense. A Academia de Letras permanece no mundo virtual, faltando apenas uma averbação não muito fácil de obter para sepultá-la em definitivo.

DOIS NOMES

Muitas personalidades integraram as diversas Academias no Rio Grande do Sul, mas dois deles destacaram-se como líderes cuja ação associativa permitiu a criação ou renovação das entidades. Um deles surgiu no início da Academia, Olímpio Olintho de Oliveira; o outro, Dante de Laytano, na quadra final do mesmo século. Um deu a vida, o outro injetou sangue.

O primeiro deles foi **Olintho de Oliveira**, este o seu nome literário, e pelas suas mãos surgiu a Academia Rio-Grandense de Letras, em 1901.

Nascido em Porto Alegre, em 5 de janeiro de 1845, estudou medicina no Rio de Janeiro. Formado, retornou e logo ajudou a fundar a Sociedade de Medicina de Porto Alegre e, no mesmo ano, colaborou com a fundação da Faculdade de Medicina de Porto Alegre e ali integrou o quadro de professores. Quando ocupou a Direção da Faculdade, criou o Instituto Pasteur, para tratamento preventivo da raiva e, logo adiante, o Instituto Oswaldo Cruz. Na mesma época participou da fundação da Sociedade Brasileira de Pediatria, no Rio de Janeiro. Escritor dedicado principalmente a assuntos médicos, apreciador das Belas Artes, colaborou na criação do Instituto Livre de Belas Artes do RGS. E tal espírito associativo e empreendedor levou-o à fundação da Academia Rio-Grandense de Letras, sendo o seu primeiro Presidente.

Não sendo escritor proeminente, inscreveu seu nome como ativista cultural e foi o mentor da Revista da Academia, embora esta só viesse a ser editada dez anos mais tarde. Pontificou os principais princípios e objetivos da Academia, vigente ainda hoje e, por tal razão, a Academia é conhecida como a *Casa de Olintho de Oliveira*.

Como consta no capítulo *Surge a Academia Rio-Grandense*, Olintho de Oliveira reuniu um grupo de intelectuais, alguns oriundos do Parthenon Litterario. Embora oficialmente fundado a 01 de dezembro de 1901, a sessão solene de sua instalação e eleição da primeira

diretoria só aconteceu a 10 de maio de 1902. Após um período de muitas realizações culturais e o agravamento das divergências com Aurélio Verissimo de Bittencourt, principalmente por razões políticas, Olintho retornou ao Rio de Janeiro, onde fixou residência, afastando-se da agremiação.

Mais tarde ele seria reconduzido à Academia através de insistentes pedidos formulados por Ary Martins e isto no ano de 1935, quando a Academia Rio-Grandense de Letras seria reerguida, saindo do seu sonolento período desde 1903.

Num trecho da carta onde respondeu ao chamado (consta no capítulo *Academia de Letras do RGS*), agradeceu por ser lembrado pela nova geração de intelectuais, apesar do tempo e da distância e reconheceu a demasia de suas atitudes quando deixou a Academia e isso creditou ao adolescente que era que, “ao penetrar de subito na vida, desdobrando orgulhosamente as azas que lhe emprestam a phantasia e o ardor da mocidade, julga-se capaz de todas as façanhas e proezas”.

A vida associativa e cultural de Olintho de Oliveira merece texto mais abrangente, escapando aos limites desta homenagem que aqui enaltece a sua memória como pessoa fundamental na vida acadêmica deste Estado.

O segundo nome aqui homenageado também é conhecido por seu nome literário.

Dante de Laytano foi quase tudo na vida: promotor público, magistrado, professor universitário, diretor de jornal, articulista; pense uma função na Sociedade e provavelmente ele a terá exercido. Tive a honra de entrevistá-lo logo antes da sua morte, uma gravação dificultada pela pronúncia das palavras. Dante de Laytano foi uma figura pública que me acompanhou desde sempre: quando dizia meu sobrenome num balcão de loja, banco, repartição pública, logo o atendente perguntava qual o grau de parentesco com ele. Era figura conhecida também por sua presença na televisão, durante um certo tempo, quase diária. Quando surgiu o jornal *Zero Hora*, substituindo o *Última Hora*, empastelado pela ditadura de 1964, eu trabalhei como repórter policial e Dante de Laytano era diretor, e sua sala, pequena e envidraçada, era contígua à redação. Jornal iniciante, instalações acanhadas, a Direção próxima aos funcionários. Um dia perguntei

a ele sobre nosso parentesco, já que ambos provínhamos, em nossa origem, da pequena cidade de Morano Calabro, na Reggione Calabria, ao sul da Itália. E ele respondeu-me que éramos primos em grau mais distante. Quase trinta anos mais tarde aconteceu a entrevista, em sua casa, já muito doente, ao longo de vários dias, oportunidade na qual examinei cada uma de suas obras, na sua biblioteca particular e recolhi várias fotos, inclusive dos seus documentos.

É considerado como um dos maiores presidentes que a Academia conheceu. Quando, mais uma vez, a entidade reduziu suas atividades ao mínimo, quase nada, foi ele quem assumiu o timão e, com a prodigiosa capacidade de trabalho e facilidade no trato com as pessoas, revitalizou a entidade, que assim permanece até hoje.

O jornal *Correio do Povo* noticiou o seu ingresso em reportagem de meia página, sob o título *Dante de Laytano empossado na Academia de Letras do RGS*. A posse teve lugar no plenarinho da Assembleia Legislativa, passando ele a ocupar a Cadeira nº 19, vaga em face do falecimento de Poty Cachapuz Irineu de Medeiros, e cujo Patrono é João Cezimbra Jacques.

Arthur Ferreira Filho encarregou-se da saudação¹, eis alguns tópicos:

De fato, o nome de Dante de Laytano há muito transcende as fronteiras da nossa Província e de nossa pátria, como as do próprio continente latino-americano.

É conhecido nos países da latinidade e estimado na terra mater da civilização brasileira, aquele pequeno e grande e glorioso Portugal, onde se encontram as raízes da nossa cultura, a mesma velha cepa, fecunda como a loba romana, que floresceu em Camões, Padre Vieira, Alexandre Herculano e Eça de Queiroz, e aqui foi exuberante e bela com Rui Barbosa, Machado de Assis e Olavo Bilac.[...]

Dante de Laytano é um prodígio de atividade. Nele temos visto, mais de uma vez, confirmado aquele princípio da sabedoria popular: “Se queres algo sem demora, confia-o a um homem ocupado”. [...]

Dá uma aula em Porto Alegre, preside uma sessão da Academia Brasileira de História, em São Paulo, realiza uma

¹ Jornal *Correio do Povo*, Porto Alegre, edição de 29 novembro 1978, p. 15.

conferência em Brasília, participa de um Congresso em Salvador da Bahia. E ainda lhe sobra tempo para cuidar dos amigos e escrever-lhes com afeto.

Espírito criador, nunca se contentou em cumprir simplesmente o dever.

Diretor do Museu Júlio de Castilhos, realizou o milagre de arranjar recursos para reeditar a antiga Revista, que tanto serviria aos estudiosos da nossa história e que adormecera, havia vinte anos.

Na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como Diretor da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas deu vida ao Boletim e à Revista, ambas publicações de inestimável valor.

Sua produção literária é vastíssima. Além da 'História da República Rio-Grandense', obra de consulta obrigatória para o conhecimento do Decênio Heróico, e o 'Almanaque do Rio Pardo', precioso repositório de informações sobre o alvorecer do Rio Grande, publicou uma opulenta relação de trabalhos no campo da história da sociologia, da economia, da lingüística, do folclore, que nobilitam a bibliografia gaúcha: 'O presídio de Torres', 'Litígio em Santa Catarina', 'Colonização açoriana no RGS', 'Fazendas de criação de gado', 'O negro e o espírito guerreiro', 'Vocabulário de pescadores', 'Origens do folclore brasileiro' e dezenas de outros que, se a todos pretendêssemos citar, levaríamos longe demais esta oração que, em princípio, apenas se destina a saudar o novo confrade que chega.

Pertence Dante de Laytano a um grande número de associações culturais do Brasil e doutros países, entre as quais a Academia Brasileira de História, de que é o atual presidente, o Instituto Histórico e Geográfico do RGS, o Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo e a Academia Portuguesa de História.

Esta, como se sabe, é uma das mais antigas e conceituadas do gênero, na Europa e em todo o mundo ocidental, tendo precedido no tempo a própria Academia das Ciências de Lisboa.

Além dessas ocupações, Dante de Laytano foi Doutor em Direito pela UFRGS, três vezes escolhido Personalidade do Ano, Diretor do Arquivo Histórico do RGS, pertenceu ao Comitê Internacional de Museus no cargo de Vice-Presidente da Delegacia Brasileira, ao Conselho Estadual de Educação, à Comissão

Nacional de Especialistas do Ensino da Faculdade de Filosofia. Professor catedrático de História da Civilização Brasileira. Chefe do Departamento de História da América e Folclore da PUCRS, titular da Cadeira de História do Brasil, na Universidade de Caxias do Sul. Pronunciou conferências nas universidades do Texas, Columbia, Harvard, Stanford, California, New Mexico, Vermont. Hóspede oficial da Rockefeller Foundation Northwestern University. Convidado oficial do Instituto de Coimbra; da Sociedade Amigos do Brasil, em Paris; Fundação Duque de Bragança de Vila Viçosa, Círculo Eça de Queiroz de Lisboa. Presidente da Comissão do V Centenário de Pedro Álvares Cabral e orador oficial do centenário de Graça Aranha e Pandiá Calógeras e oitenta anos de Agripino Grieco; Presidente de Honra do IV Seminário de Arqueologia. Tem condecorações da Itália, França, Polônia; Presidente da Comissão de História e Cultura do Centenário da Colonização Italiana.

Em 1980 foi eleito Presidente da Academia Rio-Grandense de Letras e logo anunciou projetos da gestão: criação da Revista da Academia; instituir Prêmio significativo; resolver a questão da sede própria; cursos e conferências; publicação de livros.

Dante de Laytano revitalizou a Academia, criou várias comissões e para elas nomeou muitos dos membros da entidade; a Revista começou a ser editada e assim permanece até os dias atuais, estando no seu número 26.

ANEXOS

Para complementar e ilustrar as informações publicadas neste livro, estão disponibilizados no site do autor documentos e imagens aqui referidos, tais como:

- Relação completa de acadêmicos;
- Relação das diretorias;
- Quadros acadêmicos;
- Lista de sócios;
- Discurso proferido por Simões Lopes Neto na sessão de aniversário de 11 de junho de 1911;
- Atas;
- Documentos diversos.

Acesso gratuito no site
www.josecarloslaitano.com.br

Livro impresso na PrintStore, Porto Alegre, RS
primavera de 2016

Conheça outros livros da Coleção Metamorfose Acadêmica
www.metamorfoseacademica.com.br

Todos os direitos reservados à editora.